

CAPÍTULO 7. O megalitismo funerário: análise dos dados de Manuel Heleno

A localização e a descrição dos monumentos intervencionados por Manuel Heleno foram, por uma questão de espaço, remetidas para o Volume 2 – Anexo 2, neste capítulo, procura-se, de uma forma analítica, avaliar o carácter operativo desses dados.

7.1. Catálogo dos monumentos: ponto da situação actual

Um dos aspectos mais positivos do legado de Manuel Heleno foi certamente o catálogo de monumentos efectuado, uma vez que, nesta como noutras áreas, o conjunto dos monumentos e, dentro destes, sobretudo os mais frágeis, foi seriamente amputado nas últimas décadas.

No que diz respeito ao concelho de Estremoz, Manuel Heleno efectuou escavações apenas nos monumentos localizados na área Norte/Noroeste do concelho. Os *Cadernos 1 e 2* (Estremoz) apresentam ainda a descrição e localização de outros monumentos, nomeadamente as antas do Canal (Casa de Bragança). Dos 24 registados, relocalizei 19 monumentos; os restantes cinco ou estão destruídos ou encobertos na paisagem.

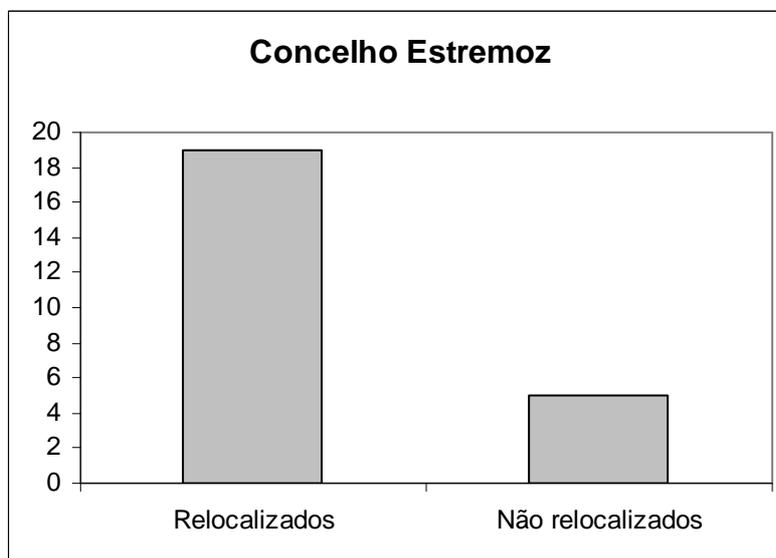


Figura 7.1. Resultado dos trabalhos de relocalização dos monumentos megalíticos.

Os monumentos/sítios do concelho de Arraiolos aparecem referidos em 11 dos *Cadernos de Campo* de Manuel Heleno (17, 18, 26, 30, 31, 35, 36, 37, 38, 39 e 1945) e enquadram-se, quase todos, na numeração geral atribuída por Heleno; a única excepção

é um *Caderno* de 1945, em que apenas aparece a data e em que não foi atribuído aos monumentos qualquer código.

Trata-se de um *Caderno* relativamente vago, onde Manuel Heleno faz referência a vários monumentos que, aparentemente, não escavou, uma vez que não apresenta as descrições habituais.

O trabalho de relocalização dos monumentos megalíticos – escavados e/ou referenciados por Manuel Heleno, neste concelho (44), permitiu confirmar, no terreno, dois terços dos registos (30).

Dos 14 que não foi possível confirmar, 11 correspondem a casos em que a informação transmitida por Manuel Heleno é insuficientemente explícita, em termos locais, ou cujos topónimos não foram identificados, e os restantes três estão, muito provavelmente, destruídos.

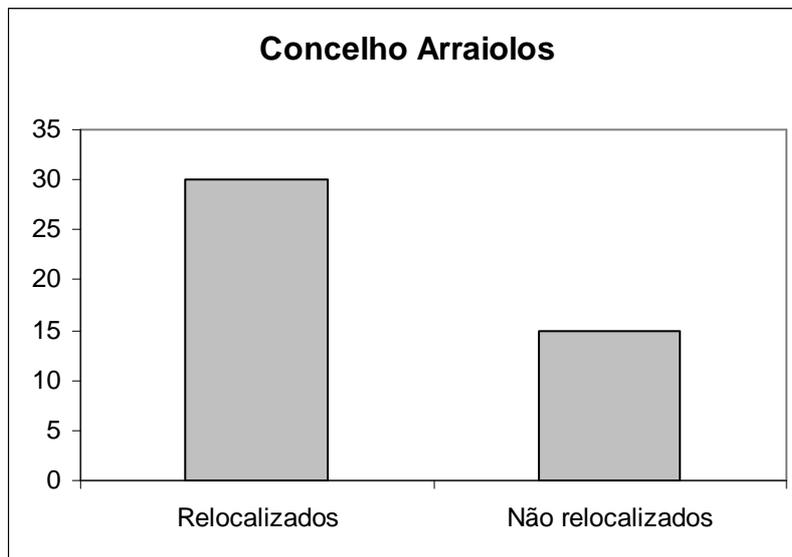


Figura 7.2. Resultado dos trabalhos de relocalização dos monumentos megalíticos.

O concelho de Mora aparece referido em 10 *Cadernos* (18, 23, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36), com um total de 38 registos. No total, relocalizei 32 destes monumentos.

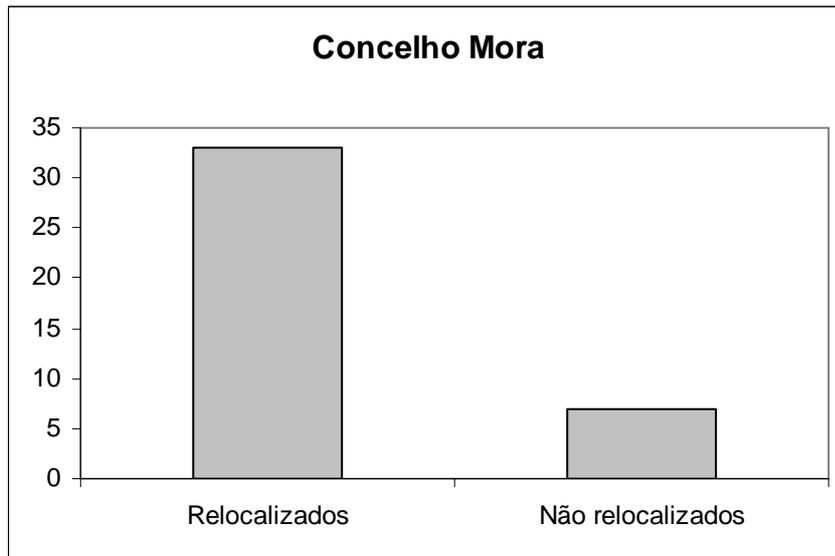


Figura 7.3. Resultado dos trabalhos de relocalização dos monumentos megalíticos.

Em relação ao concelho de Coruche, existem 36 registos, num total de 10 *Cadernos* (1, 3, 6, 7, 9, 10, 16, 17, 20, 21). No total, relocalizei 23 monumentos e, atendendo às características do terreno e ao trabalho investido, é de supor que os restantes estejam maioritariamente destruídos.

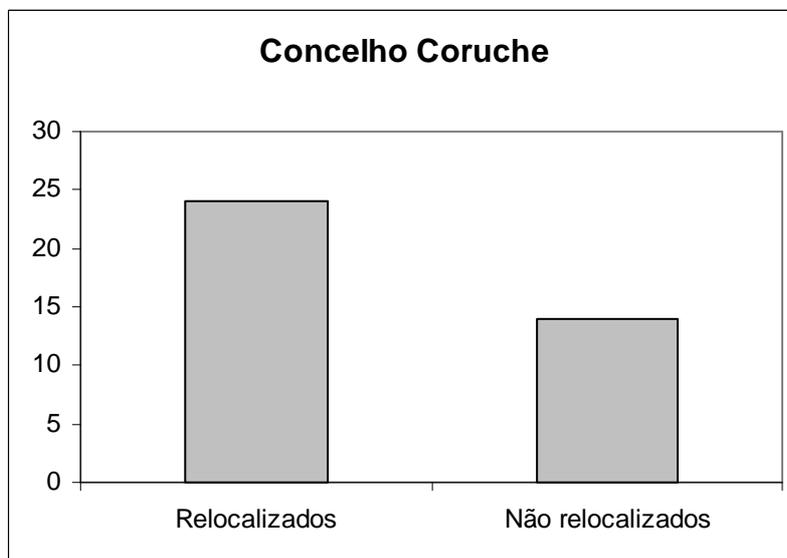


Figura 7.4. Resultado dos trabalhos de relocalização dos monumentos megalíticos.

O concelho de Montemor-o-Novo é o que apresenta um maior número de monumentos intervencionados por Manuel Heleno, com um total de 127 registos, descritos em 30 *Cadernos* (1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 39).

Foi possível relocalizar 66 monumentos; dos restantes, atendendo às características dos terrenos e ao tipo de trabalho efectuado, é provável que 29 estejam destruídos, outros 13 correspondem a situações em que a informação locacional é demasiado imprecisa e 20 correspondem a áreas em que o coberto vegetal ou os marroços de despedrega podem ser responsáveis pela invisibilidade actual dos monumentos.

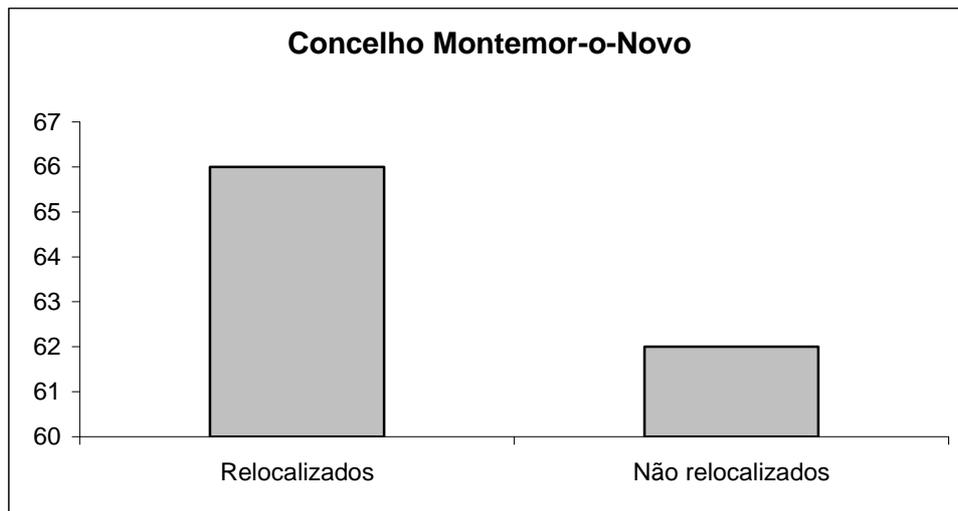


Figura 7.5. Resultado dos trabalhos de relocalização dos monumentos megalíticos.

O concelho de Montemor-o-Novo é o que apresenta, como referi, o maior número de monumentos intervencionados e, como é natural, é também aquele em que, depois dos trabalhos de Manuel Heleno, se verificou, certamente, uma maior taxa de destruição. De facto, ao contrário dos outros concelhos, a agricultura intensiva, de regadio, que, como já referi, se tem vindo a desenvolver, nos últimos anos, sobretudo ao longo da ribeira do Lavre, conduziu a amplas despedregas, apresentando-se actualmente extensas áreas completamente limpas, com as pedras amontoadas ao longo dos caminhos e dos limites de propriedade ou em marroços. Noutros casos mais radicais, os blocos foram destruídos ou enterrados em fossas ou valas abertas para o efeito.

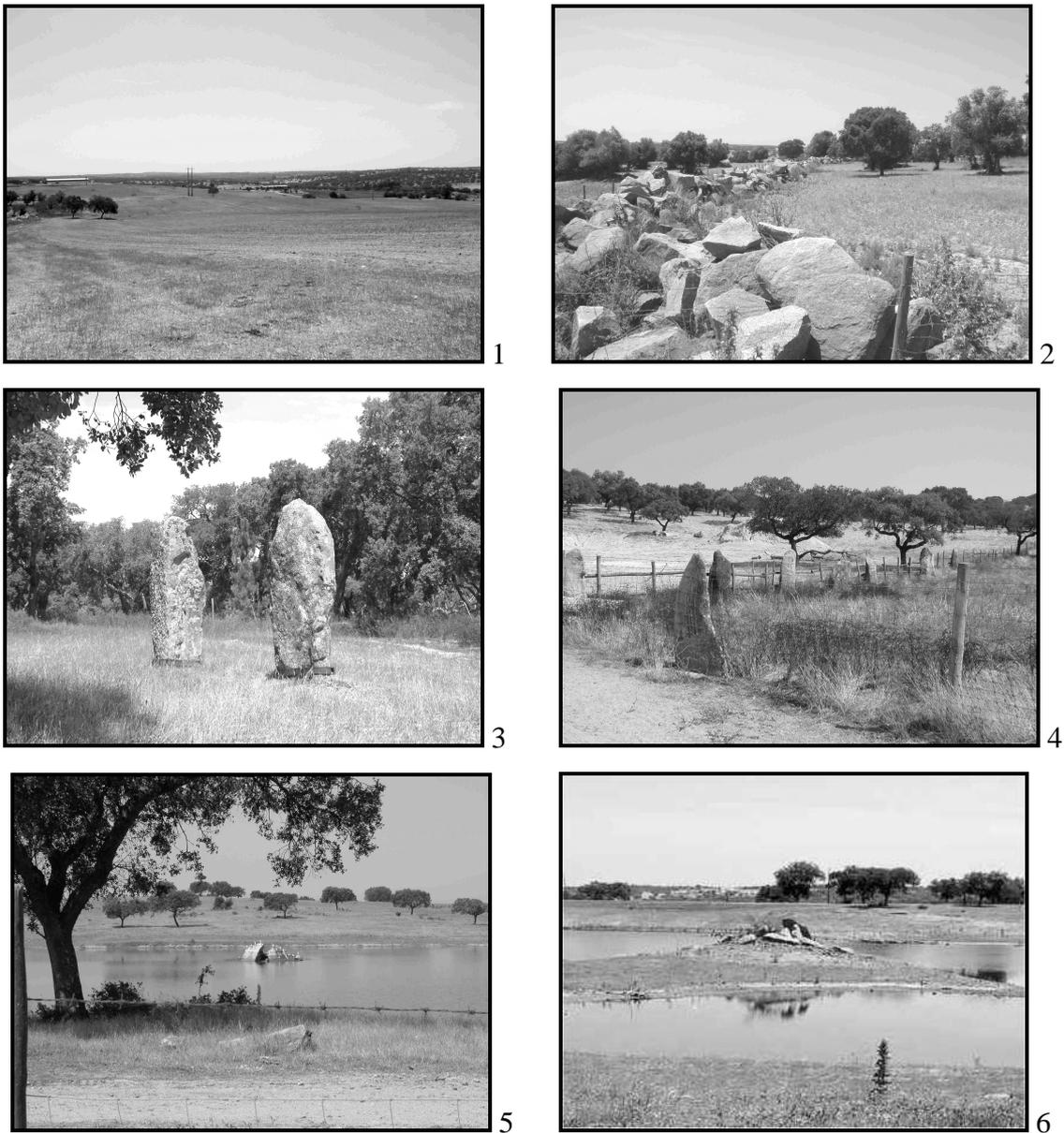


Fig.7.6. Fotos 1-6 – Exemplos de vários tipos de destruições/afecções de monumentos escavados por Manuel Heleno. 1 e 2: área da Comenda da Igreja; 3: esteios da anta do Pimpolho; 4: Lobeira de Cima; 5 e 6: Anta da Velada no Inverno e no Verão, respectivamente.

Se bem que a maior parte das destruições não tenha deixado quaisquer vestígios identificáveis, à superfície, existem casos, como o da anta do Pimpolho, em que os esteios servem actualmente de pilares delimitadores da entrada do monte, ou o da Herdade da Lobeira, onde vários monumentos foram certamente destruídos e onde existem prováveis esteios a servir de suporte de vedação; refira-se, ainda, o caso da anta da Velada que, apesar de estar classificada como Monumento Nacional, se encontra actualmente no meio de uma albufeira.

Em suma, a realocação dos monumentos coligidos por Manuel Heleno permitiu confirmar mais de metade (174) do universo referenciado; dos restantes, podemos, com relativa segurança, assumir que cerca de metade (48) foi destruída e outro tanto (58) não pode ser realocada. Se admitirmos que pelo menos metade destes últimos também estarão destruídos, o balanço das perdas irreversíveis andarรก próximo de um quarto do total dos registos.

Convém frisar que, mesmo em muitos dos casos em que não foi possível realocar os monumentos, podemos, em geral, confiar nos dados dos *Cadernos de Campo*; efectivamente, Manuel Heleno investiu um cuidado notável na referenciação espacial dos sítios e este rigor relativo permitiu, na maioria dos casos, e apesar de alguns factores negativos relacionados com a dinâmica das paisagens regionais, confirmar, sem equívocos, as localizações.

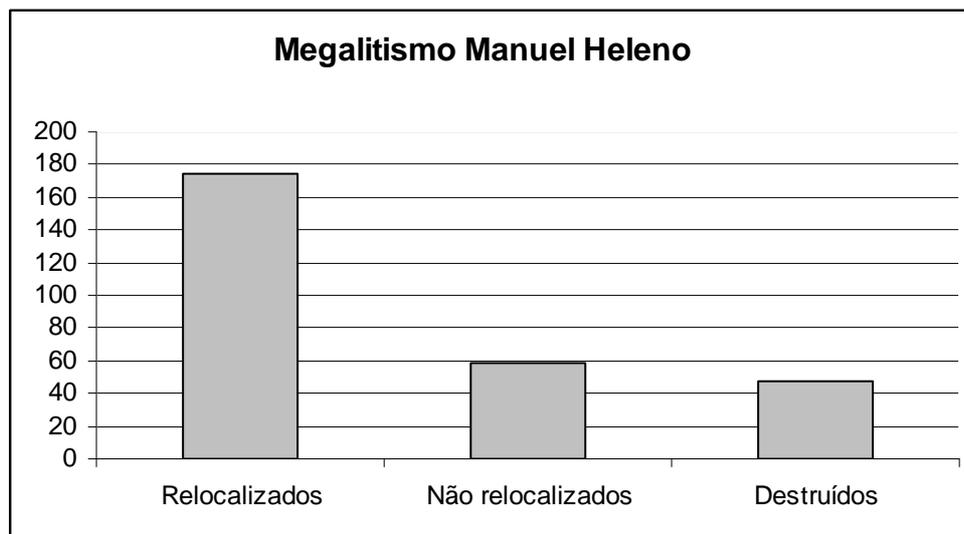


Figura 7.7. Resultado final dos trabalhos de realocação dos monumentos megalíticos.

7.2. Análise da informação disponível

7.2.1. As arquitecturas

Manuel Heleno registou 289 monumentos megalíticos, 15 dos quais não foram escavados; em termos arquitectónicos, pareceu-me pertinente manter o esquema binário que, como vimos, praticamente todos os autores, de uma forma ou de outra e com diferentes designações, têm mantido, desde Vergílio Correia: as **sepulturas megalíticas**, de dimensões reduzidas e que parecem conter, basicamente, enterramentos individuais, e as **antas**, de maiores dimensões e que correspondem, por definição, a

enterramentos colectivos. Esta distinção sugere, segundo alguns autores, uma alteração profunda da própria função dos sepulcros; ter-se-ia, de facto, passado do simples ritual funerário, no que diz respeito às primeiras, para o culto dos antepassados, nas outras (Bradley, 1997a), sendo dada uma atenção particular – como, aliás, os Leisner tinham já observado – à “possibilidade de entradas sucessivas” (Leisner e Leisner, 1951: 181), como uma das características mais expressivas dos monumentos genericamente mais evoluídos.

Outros autores sublinham, sobretudo, o aumento da complexidade “construtiva e funcional” como o traço mais distintivo, “denotando uma crescente complexidade social” (Cruz, 2001: 302), enquanto outros valorizam, invocando ainda “o motor económico”, “o aumento do tamanho dos dólmenes” (Cardoso, 2002: 196, 197).

As realidades específicas de outras áreas sugeriram, pelo contrário, relações de contemporaneidade genérica entre os dois tipos básicos de monumentos (tidos como a expressão de diferentes modelos económicos) ou simplesmente de diferentes possibilidades construtivas (Oliveira, 1998b; Bueno Ramirez *et al.*, 2000).

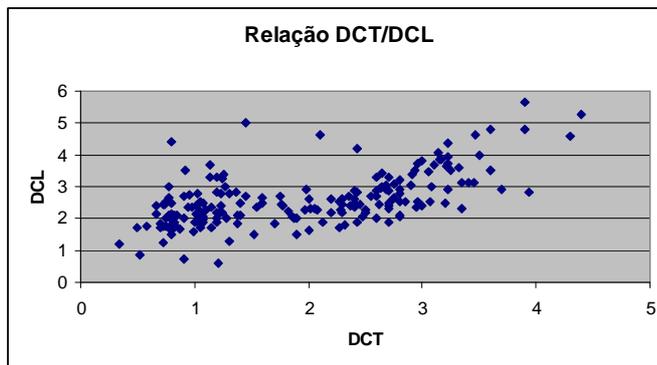


Figura 7.8. Relação do DCT/DCL nos monumentos de Manuel Heleno

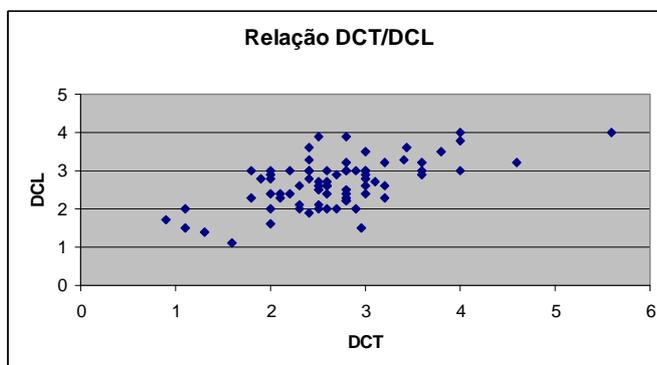


Figura 7.9. Relação do DCT/DCL nos monumentos da área de Reguengos de Monsaraz

Comparando graficamente, em termos de DCT e DCL, os monumentos escavados por Manuel Heleno (Figura 7.8) e os de Reguengos de Monsaraz (Figura 7.9), torna-se evidente a existência, nessas duas áreas, de dois conjuntos discretos que correspondem, respectivamente, às sepulturas megalíticas e às antas; a clivagem observa-se, basicamente, em termos de DCT, embora se verifique, igualmente, nos dois conjuntos uma gradação, no que diz respeito ao DCL. No caso de Reguengos de Monsaraz, as sepulturas megalíticas aparecem claramente sub-representadas.

Pelo contrário, no conjunto estudado por Manuel Heleno, o universo observado varia, de uma forma muito equilibrada, entre as formas mais simples (sepulturas) e as arquitecturas mais monumentais e complexas (câmara + corredor longo), estando, aparentemente, ausentes os *tholoi*. Esta ausência deve, no entanto, ser matizada, uma vez que, como veremos no capítulo seguinte, é provável que Manuel Heleno se tenha equivocado na classificação de alguns dos supostos “fundos de cabana” que estudou.

Considerando apenas os monumentos escavados, as sepulturas megalíticas correspondem a 38% do total, as antas sem corredor a 7%, as antas com câmara e corredor a 39%; por sua vez, os monumentos cuja planta não foi possível determinar, por se encontrarem muito destruídos, representam 14,5% do total, enquanto os monumentos com plantas “anómalas”, representam apenas 1%.

Trata-se, como já observei, de um considerável “investimento” na escavação dos pequenos monumentos (sepulturas), que atingem, neste conjunto, um valor equivalente ao das antas (câmara+corredor); mesmo considerando os dados decorrentes de prospecções sistemáticas recentes (Calado, 2004b), a quantidade relativa das sepulturas não tem, em geral, correspondência em nenhuma outra área do Alentejo Central ou das regiões limítrofes.

Por outro lado, tendo em conta que 273 monumentos foram escavados em nove anos (em 1945 apenas foi escavado um), Manuel Heleno terá intervencionado, em média, cerca de 30 por ano. No total, foram, de acordo com as informações contidas nos *Cadernos de Campo*, recolhidos materiais em apenas 227 monumentos.

A diferenciação sistemática entre as arquitecturas de xisto e de granito não foi, como frisei, efectuada por Manuel Heleno. No entanto, numa leitura preliminar, podemos verificar que, no que diz respeito às antas de corredor, não parece haver diferenças de monta, relacionáveis com a matéria-prima dos monumentos.

No entanto, quanto às sepulturas megalíticas, verifica-se, em termos arquitectónicos, uma maior volumetria nos monumentos de xisto, aspecto que Manuel Heleno não deixou de anotar, num comentário a propósito da anta do Mal Dorme.

Se compararmos graficamente as alturas máximas dos esteios das câmaras (HCm) dos monumentos de Estremoz (de xisto) com as do grupo do Deserto (de granito) verifica-se, efectivamente, uma diferença assinalável.

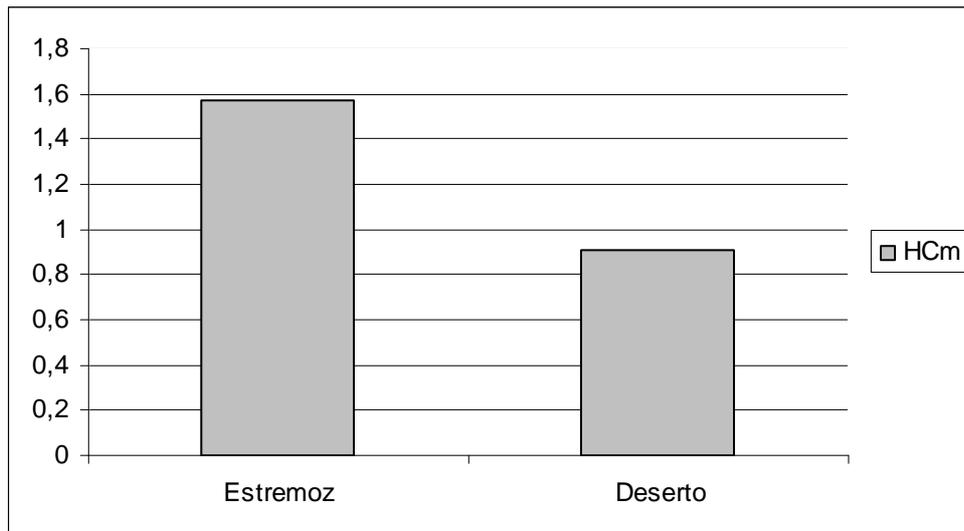


Figura 7.10. Comparação da altura média dos esteios da câmara em duas áreas distintas

Para a análise da arquitectura apresentada neste capítulo, segui, para além da divisão tradicional acima mencionada, os critérios definidos por Victor S. Gonçalves para o estudo das antas de Reguengos de Monsaraz, em que, mais do que a geometria das câmaras, se definiram grupos baseados nas relações, em planta, entre as dimensões das câmaras e dos corredores (Gonçalves, 1989; 1992; Oliveira, 1998b).

As sepulturas megalíticas (igualmente referidas, por outros autores, como protomegalíticas ou submegalíticas), cujas formas variam entre o quadrangular e o arredondado, mais ou menos alongadas, foram subdivididas em três categorias: fechadas (F); abertas (A) e abertas com corredor incipiente (CI). A distinção foi realizada tendo por base a altura dos esteios da câmara e o diâmetro transversal da câmara (DCT), que apresentam valores até 1,5 m. No entanto, existem alguns casos, excepcionais, em que um destes valores pode ser mais elevado.

Por outro lado, as antas foram subdivididas em cinco categorias: as antas sem corredor, com corredor curto, com corredor médio, com corredor longo e com corredor muito longo; paralelamente, foram também contabilizados os monumentos que, devido

ao respectivo grau de destruição, não puderam ser incluídas em nenhuma das categorias anteriores e, por último, alguns monumentos cujas plantas, apesar de reconhecíveis, não enquadráveis em nenhuma das categorias enunciadas (Anómalas).

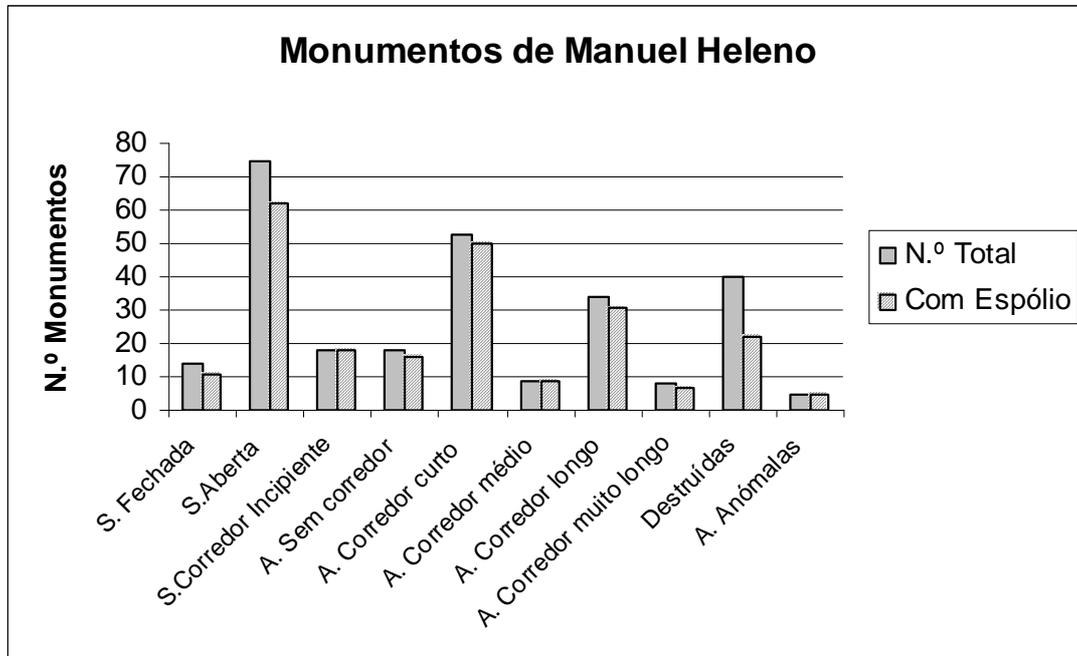


Figura 7.10. Monumentos intervencionados por Manuel Heleno, em função dos Tipos, e da presença ou ausência de espólio (S: sepultura; A: Anta).

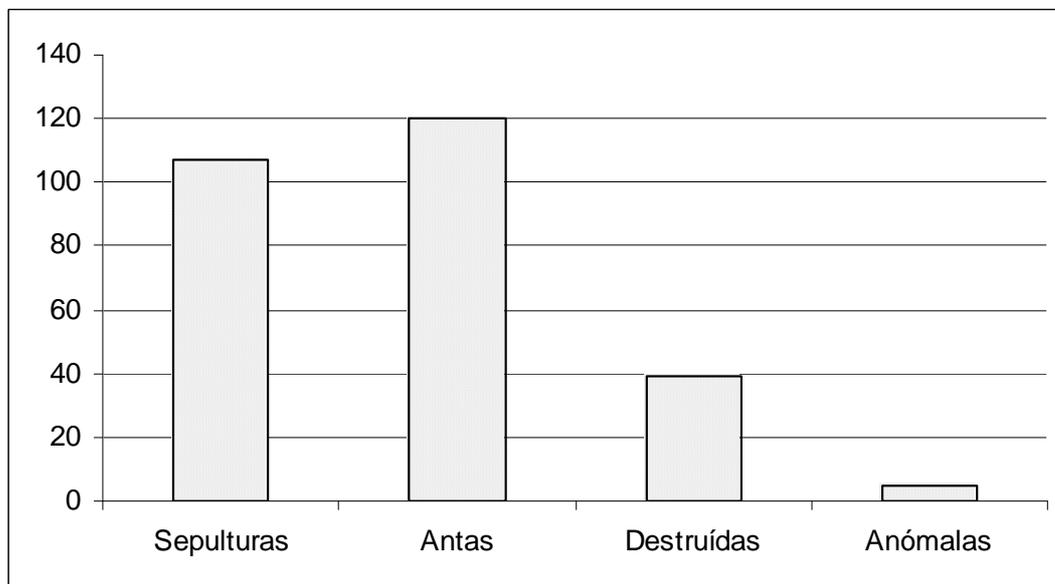


Figura 7.11. Monumentos intervencionados por Manuel Heleno, em função das principais categorias.

Da análise dos gráficos anteriores verifica-se que Manuel Heleno escavou um número praticamente equivalente de sepulturas megalíticas (107) e de antas, com corredor ou sem corredor (120).

Nas sepulturas fechadas, o número de esteios varia entre os quatro e os dez elementos, embora este valor não pareça ter qualquer significado, em termos da dimensão dos monumentos. De facto, a 5ª de Santa Cruz, por exemplo, só tem quatro esteios, mas tem um DCL superior ao da 8ª do Deserto, que tem 10 esteios. As diferenças planimétricas reflectem-se igualmente na volumetria dos monumentos, tanto mais que as alturas máximas dos esteios das câmaras tendem a variar de forma directamente proporcional.

DESIGNAÇÃO	C	ECm	CH	TM	DCT	DCL	HCm	O
21ª Deserto	Montemor	4?	N	N	0,73	1,24	0,69	W
4ª Besteiros	Coruche	4	-	S	0,8	1,63	0,75	E
2ª Courela dos Fretes	Arraiolos	4	-	N	0,8	1,82	1,16	E
5ª Santa Cruz	Mora	4	N	S	1,03	2,14	1,23	E
8ª Barrocal das Freiras	Montemor	6	S	S	1,05	1,8	1,16	-
6ª Peral	Arraiolos	6	-	S	1,08	2,05	1,05	E
Cabeço da Areia	Montemor	6	S	-	1,77	2,42	1,75	E/W
17ª Deserto	Montemor	7	S	S	1,05	1,72	0,91	E
14ª Deserto	Montemor	7	S	S	0,9	2	0,86	ENE/SSW
Curral da Mosca	Coruche	8	S	S	1,2	2	1,2	E/W
13ª Deserto	Montemor	8	N	N	0,67	2,4	0,62	-
5ª Peral	Arraiolos	8	-	S	1,04	2,5	1,09	E
8ª Deserto	Montemor	10	S	S	1,19	1,9	0,8	-

Quadro 7.1. Sepulturas fechadas. ECm: esteios da câmara; CH: chapéu; TM: *túmulus*; DCT: diâmetro câmara transversal; DCL: diâmetro câmara longitudinal; HCm: altura máxima esteios câmara; O: orientação. Foram incluídos, neste quadro, apenas os monumentos

Nas observações que tece sobre estes monumentos, Manuel Heleno refere que os esteios são, normalmente, “toscos” ou muito irregulares, sugerindo, dessa forma, uma maior antiguidade para este tipo arquitectónico. Note-se, por outro lado, que algumas destas sepulturas ainda se encontravam completamente cobertas pela respectiva mamoa.

As sepulturas fechadas apresentam geralmente arquitectura simples e, apenas em dois casos, a do Cabeço da Areia e a do Curral da Mosca, Manuel Heleno refere a existência de nichos. Na primeira, o nicho encontrava-se no interior, do lado direito, e era definido por três pedras. Continha dois artefactos, um machado e uma lâmina (anta AL, Cd.11 – Volume 2, Anexo 1, p.89). Na segunda, o nicho encontrava-se no exterior e era formado por uma pedra que também servia de apoio ao esteio de cabeceira, tendo sido recolhido, nesse espaço, um machado (anta AF, Cd.10 – Volume 2, Anexo 1, p.81).

No que diz respeito às pequenas sepulturas abertas, o número de esteios varia entre os três e os dezassete elementos. Ao contrário do conjunto anterior, os

monumentos com um menor número de esteios tendem a ter um DCL e uma HCm menores.

DESIGNAÇÃO	C	ECm	CH	TM	DCT	DCL	HCm	O
2ª Estrada Lavre	Montemor	3	N	-	0	0,00	0,7	E
3ª Guarita	Coruche	3	S	-	0	1,64	1,05	-
3ª Poço de S. Geraldo	Montemor	3	N	-	0	1,75	0,8	-
2ª Zambujeiro	Montemor	4	S	-	0,8	2,55	1	E
18ª Deserto	Montemor	5	-	-	0	1,48	0,9	SE
2ª Besteiros	Mora	5	N	-	0,80	1,50	0,63	E
Mó	Montemor	5	N	-	1,38	1,85	1,12	E
4ª Guarita	Coruche	5	N	-	1	1,90	0,78	-
3ª Santa Cruz	Mora	5	S	S	0,7	2,13	1	E
7ª Besteiros	Mora	5	-	S	0,8	2,15	0,78	W
6ª Vidigal	Montemor	5	N	S	0	2,27	0,8	E
22ª Deserto	Montemor	5	N	S	1,1	2,28	0,72	SW
6ª Cabeceira	Mora	5	N	S	0,7	2,45	0,85	E
Herdade de Cima	Montemor	5	S	-	1,2	2,60	0	-
Roça de Linhares	Coruche	5	S	-	1	2,75	1,18	E
Poço da Freguesia	Montemor	5	S	-	1,2	2,80	1,15	E
9ª Besteiros	Mora	5	S	S	1,1	3,70	1,6	E
4ª Courela	Arraiolos	5	N	S	0	4,25	1,02	E
Oiteirões	Estremoz	6	N	S	1,75	2,68	1,98	SE
Horta do Teixeira	Montemor	6	S	-	1,2	1,70	1,02	NW
Sepultura anexa à mesma	Montemor	6	S	-	0,8	1,90	0,57	-
5ª Deserto	Montemor	6	S	N	1,1	1,90	1,05	W
19ª Deserto	Montemor	6	S	N	1,1	2,07	0,99	E
3ª Lobeira de Cima	Montemor	6	S	S	0,9	2,35	1,04	-
Mouchão das Azinheiras	Coruche	6	N	S	1,3	2,80	1,05	E/W
3ª Zambujeiro	Montemor	6	N	-	0,92	3,50	0,52	WNW
2ª Tapada	Montemor	7	N	-	0,82	1,82	1,04	NW/SE
Talha 1	Estremoz	7	N	N	3,20	2,47	1,57	E
11ª Deserto	Montemor	7	S	S	0,8	1,98	0,95	E
Vale do Cordeiro	Coruche	7	S	S	1,4	2,50	1,2	ENE
5ª Besteiros	Coruche	8	S	N	0,72	2,45	0,95	SE/NW
Barrocaes	Montemor	8	S	S	1,03	2,80	1,07	NE
Vale do Freixo	Montemor	8	N	-	1,36	2,85	1,46	E/W
6ª Aldeia Bertandos	Coruche	8	N	-	1,40	2,10	0,96	E
2ª Vale do Freixo	Montemor	8	N	-	1,20	2,10	1,17	E/W
Torre do Franco	Montemor	8	S	-	1,01	2,40	1,17	-
Vale de Covas	Coruche	8	S	S	1,23	2,40	1,26	E
6ª Deserto	Montemor	8	S	N	1,59	2,65	0,94	E
2ª Courela	Arraiolos	8	N	N	1,27	3,00	0,87	E
2ª Testos	Arraiolos	8	S	-	2,43	4,20	1,89	E
1ª Peral	Arraiolos	9	S	N	0,77	2,10	0,9	-
7ª Deserto	Montemor	9	S	S	0,91	2,70	0,86	-
1ª Guarital	Coruche	9	N	-	1,45	2,70	1,35	E
Pardilheiro	Montemor	9	S	-	1,20	3,30	1,66	E
Rouco	Montemor	9	N	-	0,80	4,40	1,22	NE
Casarões do Zambujeiro	Montemor	10	N	N	1,80	4,5	0	-
3ª Casas de Baixo	Montemor	12	N	-	0	3,3	0,97	W

2ª Casas de Baixo	Montemor	12	N	-	0,8	3	1	-
5ª Aldeia Bertandos	Coruche	12	N	-	1,3	3,4	0,97	E
Barrada	Montemor	17	S	-	1,45	5	1,34	-
Pequena Moinho Tapada	Montemor	11+?	S	S	0,77	2,7	0,9	-
Pego da Regina	Montemor	2+?	N	S	0,8	1,8	0,71	-
Mal Dorme	Estremoz	3+?	N	-	2,1	1,90	1,58	-
1ª Herdade Baixo	Montemor	4+?	N	S	1,1	1,90	0,87	E
Tanque do Monte	Coruche	5+?	N	S	0	2,55	0,79	E
2ª Peral	Arraiolos	6+?	-	S	1,3	2,01	0,89	E
Barradinha	Coruche	8+?	N	S	0,85	2,10	1	E
1ª Gualões	Arraiolos	8+?	S	-	1,07	2,50	0,8	-
Salto do Lobo	Montemor	8+?	N	-	1,24	3,26	1,2	E
4ª Deserto	Montemor	8+1	S	S	1,38	2,10	1,1	-
Cabeço da Rainha	Montemor	5	N	-	1,76	2,46	1,09	E
1ª Soldos	Montemor	6	N	-	0	1,75	1	-
2ª S. Geraldo	Montemor	7	S	S	1,52	1,5	1,33	SE
15ª Deserto	Montemor	8	S	S	0,7	1,7	0,68	-

Quadro 7.2. Sepulturas abertas. ECm: esteios da câmara; CH: chapéu; TM: *túmulus*; DCT: diâmetro câmara transversal; DCL: diâmetro câmara longitudinal; HCM: altura máxima esteios câmara; O: orientação.

Em termos de complexidade estrutural, verifica-se que, a par de construções simples, surgem outras que comportam nichos, compartimentações interiores ou sepulturas anexas.

Na verdade, os nichos foram registados apenas num monumento, a anta 1 do Barrocal das Freiras (Cd.26 – Volume 2, Anexo 1, p.174), que apresentava também, segundo Manuel Heleno, três compartimentos no seu interior.

No que diz respeito às sepulturas anexas, Manuel Heleno refere apenas dois casos: um deles, o do Barranco da Fraga (AM, Cd.11 – Volume 2, Anexo 1, p.90), em que aparecem espacialmente associadas duas sepulturas, praticamente adjacentes, com um pequeno intervalo entre elas. Uma, forneceu espólio supostamente neolítico (dois machados e um trapézio) e a outra, material que Manuel Heleno atribuiu ao calcolítico (uma ponta de seta em cobre, um vaso esférico e uma conta de colar).

O outro caso é representado pela sepultura BM (Cd.16 – Volume 2, Anexo 1, p.112), claramente anexada à anta 3ª das Casas de Baixo, no lado nascente. A sua construção implicou, segundo Manuel Heleno, a remoção prévia do esteio de cabeceira da anta (BL, Cd.1616 – Volume 2, Anexo 1, p.111). Curiosamente, o espólio que forneceu remete-a, aparentemente, para contextos romanos ou posteriores.

Um caso muito especial é constituído pela sepultura do Arneiro dos Pinhais (anta U, Cd.8 – Volume 2, Anexo 1, p.57) que, em termos estruturais, se encontrava

muito destruída, mas que tinha um monólito decorado (menir?) depositado no interior da câmara.

Sobre este monumento, actualmente desaparecido, permanecem algumas dúvidas, no que diz respeito à descrição apresentada por Manuel Heleno. De facto, as dimensões referidas para o DCL (5 m) e para o DCT (6, 70 m) são, aparentemente, pouco prováveis.

Outra particularidade registada por Manuel Heleno, dentro deste grupo, foi a existência de um monumento (Pequena do Moinho da Tapada, Cd.20 – Volume 2, Anexo 1, p.136), em que a altura dos esteios decrescia notoriamente a partir do esteio de cabeceira, em direcção à entrada. Esta fórmula evidenciaria, segundo Manuel Heleno, a tendência para a individualização do corredor.

Nas pequenas sepulturas com corredor incipiente, verifica-se que o número de esteios varia entre os quatro e os doze elementos. Ao contrário das categorias anteriores não parece existir já uma relação evidente, entre o número de esteios e o DCL ou a HCm, constatando-se, pelo contrário, uma certa variabilidade.

DESIGNAÇÃO	C	ECm	ECrD	ECrE	CH	TC	TM	DCT	DCL	CC	HCm	O
Antinha estrada Montemor	Coruche	4	1	1	N	-	S	0,75	2	0,6	1,1	E
3ª Deserto	Montemor	5	0	1	N	-	S	1,6	2,5	0,5	1	NW
6ª Besteiros	Mora	6	2	2	-	S	N	0,82	2,1	1,4	0,85	-
4ª Aldeia dos Bertandos	Coruche	6	0	2	S	-	-	1,2	2,82	0,86	1,09	E
6ª Barrocal das Freiras	Montemor	6	2	1	N	N	N	1,24	2,2	0,35	1,1	NW
3ª Lobeira de Baixo	Montemor	6	4	4	N	N	-	2,1	4,62	0	1,6	-
2ª Deserto	Montemor	7	1	3	N	-	S	1,22	2,2	1,1	1,17	E
2ª Cabeceira	Mora	7	3	1	S	-	S	1,01	2,15	1,55	1,24	-
16ª Deserto	Montemor	8	1	1	N	-	S	0,87	1,68	0	0,82	-
3ª Courela	Arraiolos	8	0	0	N	-	N	0,98	2,36	0,64	0,97	E
2ª Mouchão Azinheiras	Coruche	8	1	1	N	-	S	0	2,6	0,3	1,09	E
20ª Deserto	Montemor	8	2	1	N	-	N	1,07	1,99	1	1,1	W
1ª Santa Cruz	Mora	8	1	0	S	-	S	0	2,85	1,45	1,32	E
Casas de Baixo	Montemor	9	1	1	N	N	-	0,8	2,5	0,4	1,08	SE
2ª Guarita	Coruche	9	1	2	N	-	-	1,05	2,51	0,68	1,2	-
Monte de Cima	Montemor	9	1	2	N	-	-	1,05	2,22	0	1,24	E
Talha 3	Estremoz	11	1	1	S	-	N	1,15	2,35	1,5	1,17	E
Penedo do Bispo	Montemor	12	0	0	N	-	-	1,54	2,35	1,3	1,14	E

Quadro 7.3. Sepulturas com corredor incipiente. ECm: esteios da câmara; CH: chapéu; TM: *túmulus*; DCT: diâmetro câmara transversal; DCL: diâmetro câmara longitudinal; CC: comprimento corredor; HCm: altura máxima esteios câmara; O: orientação.

Em termos de complexidade arquitectónica, não existe, neste conjunto, nenhuma referência a nichos ou qualquer outro tipo de estruturas anexadas ou integradas.

De realçar, por outro lado, que na anta do Monte de Cima (Anta AQ, Cd.12 – Volume 2, Anexo 1, p.96), Manuel Heleno anota que, na parte exterior do esteio de cabeceira, existiam “riscos”, colocando a dúvida se seriam veios naturais ou incisões.

Quanto às antas sem corredor (ou em que, pelo menos, este não foi identificado), constata-se que o número de esteios varia, aparentemente, entre os cinco e os dez elementos, tendo apenas em conta as que se encontram em bom estado de conservação.

DESIGNAÇÃO	C	ECm	CH	TM	DCT	DCL	HCm	O
2ª Barrocal das Freiras	Montemor	>2	-	-	0	0	3	-
Talha 2	Estremoz	>3	N	N	2,5	0	0	E
2ª Represa	Arraiolos	>3	-	S	0	0	2,1	-
2ª Olheiros	Mora	>4	-	-	2,63	0	2	-
2ª Brissos	Mora	>4	-	N	0	0	2,55	-
Caravelinha	Montemor	5	-	-	2,3	2,2	1,8	-
Várzeas	Coruche	5	N	S	2,3	2,6	2	E/W
1ª Lobeira (?) de Baixo	Montemor	>5	S	S	2,28	2,26	2,16	E
Carvalho	Montemor	6	N	N	2,08	2,28	2,09	E
Zambujo	Arraiolos	6	N	N	3,6	3,5	2,19	E
2ª Aldeia dos Bertandos	Coruche	6	S	-	2,95	2,35	2,3	-
Curral Antinha	Montemor	7	S	-	2,5	2,2	2,9	-
2ª Santa Cruz	Mora	7	N	N	3,45	3,12	3	E
Pequena da Comenda da Igreja	Montemor	10	S	S	1,9	2	1,7	E

Quadro 7.4. Antas sem corredor. ECm: esteios da câmara; CH: chapéu; TM: *túmulus*; DCT: diâmetro câmara transversal; DCL: diâmetro câmara longitudinal; HCm: altura máxima esteios câmara; O: orientação.

Este grupo apresenta alguns problemas, uma vez que os monumentos se apresentam, nalguns casos, aparentemente muito destruídos. No entanto, Manuel Heleno refere a inexistência de corredor em todos. De realçar também que não foram identificados nichos ou sepulturas anexadas a estes monumentos.

Nas antas com corredor curto, o número de esteios na câmara varia entre os quatro e os dez elementos, sendo, no entanto, claramente predominantes as antas com sete esteios. O corredor pode atingir um máximo de cinco esteios.

Este grupo também apresenta uma certa variabilidade em termos de tamanho, existindo monumentos pequenos, cujo DCL é \leq a 2 m e com esteios baixos na câmara, e outros bastante grandes, com DCL \geq a 3 m e esteios altos na câmara (+ de 2,5 m). No entanto, ao contrário das sepulturas com corredor incipiente, em que este é construído

com pequenos esteios que surgem quase no prolongamento da câmara, neste grupo o corredor encontra-se perfeitamente diferenciado.

DESIGNAÇÃO	C	ECm	ECrD	ECrE	CH	TM	DCT	DCL	CC	HCm	O
2ª Lobeira de Baixo	Montemor	4	3	4	S	S	1,3	2,5	1,5	1,3	E
1ª Picanças	Arraiolos	4	2	1	S	S	1,7	2,63	1,1	1,55	E
4ª Zambujeiro	Montemor	>4	1	1	S	-	0	2,4	1,6	1,95	-
N.Sª Conceição Olivais	Estremoz	>4	3	-	N	N	4,4	4	3,2	3,52	E
2ª Herdade de Baixo	Montemor	>5	1	1	-	-	0	2	0,5	0,8	E
12ª Deserto	Montemor	>5	2	2	N	N	0,9	1,9	0,58	1,07	-
1ª Varelas	Montemor	>5	2	3	N	S	2,45	2,4	2,1	2,44	E
Oiteirões 3	Estremoz	6	1	1	S	-	2	2	0	1,4	ESSE
Courela da Anta	Estremoz	6	1	1	S	N	0	2,2	0,93	1,73	E
2ª dos Barros do Grou	Mora	6	2	3	N	S	1,21	2,05	1,64	1,81	E
Fuletreira/ Filtreira	Arraiolos	6	5	2	S	N	2,43	3,21	3,02	2,03	E
Agrual	Arraiolos	6	4	3	S	S	3,14	3,4	2,85	2,2	E
2ª Vidigal	Montemor	6	4	3	N	-	2,68	3	1,8	2,3	E
Pimpolho	Montemor	6	1	2	N	N	3,1	3,9	0	2,5	-
1ª Lobeira de Cima	Montemor	7	-	2	N	N	1,82	1,92	0,84	1,39	-
2ª Garcia	Montemor	7	2	1	N	N	0	0	2,2	1,55	-
Oiteirões 2	Estremoz	7	1	1	S	-	2,02	2,35	0,85	1,71	E
Vale do Pereiro	Coruche	7	2	2	S	-	2,3	2	1,3	2	-
1ª da Atalaia	Montemor	7	-	2	N	N	2,27	1,73	0,86	2,02	E
Almargem	Arraiolos	7	2	2	S	S	3,22	3,02	2,35	2,08	E
5ª Vidigal	Montemor	7	1	2	S	S	2,71	2,36	1,25	2,13	E
Vale Cancelas	Montemor	7	2	4	N	-	2,3	2	1,9	2,15	E/W
1ª Garcia	Montemor	7	2	-	N	S	3	3	2,15	2,2	E
Pasmaceira	Montemor	7	4	3	S	-	2,63	2,08	1,42	2,31	-
Serrinha	Arraiolos	7	3	3	S	S	3,47	3,28	2,45	2,32	E
1ª Barros do Grou	Mora	7	-	2	S	S	2,37	2,45	1,31	2,33	E
Chaminé	Arraiolos	7	2	4	S	S	2,94	2,9	2,47	2,37	E
1ª Vidigal	Montemor	7	1	1	N	N	3,6	3,4	1,37	2,4	E
2ª Gualões	Arraiolos	7	?	-	N	-	3,15	2,95	1,2	2,43	E
Barrocalinho	Montemor	7	1	3	N	N	2,91	2,4	1,73	2,45	-
Freixa	Arraiolos	7	2	2	S	N	3,16	3,56	2,13	2,45	E
Estanque	Montemor	7	2	-	S	N	3,22	2,8	2,61	2,5	-
W Estrada Montemor	Coruche	7	3	3	N	-	2,6	3,2	2,6	2,5	E/W
1ª Águias	Mora	7	-	-	-	-	3,05	2,78	2,22	2,63	W
1ª Besteiros	Mora	7	3	3	S	S	2,8	2,55	2,35	2,7	E
1ª Testos	Arraiolos	7	2	1	S	S	2,5	2,6	1,7	2,73	E
3ª Testos	Arraiolos	7	3	4	N	S	2,62	3,65	2,35	2,8	E
1ª Olheiros	Mora	7	3	2	N	-	3,9	3,4	2,54	3	-
Ext. Paço Herd.Cima	Montemor	8	1	2	S	S	1,97	1,96	0,9	1,65	E/W
2ª Varelas	Montemor	8	1	1	N	N	3,9	2,65	2	2,15	E
1ª Batepé	Montemor	8	2	4	N	S	2,4	2,5	2,15	2,17	-
Carvalho	Mora	8	3	3	S	S	3,23	3,27	2,41	2,75	-
Aldeinha	Coruche	8	4	2	S	-	3,21	3	2,55	2,77	E
Grande Caminho Fanica	Coruche	8	3	3	S	S	3,5	2,85	2,2	3	E/W
3ª Batepé	Montemor	8	2	2	N	N	3,32	2,55	2,15	3,05	E
3ª Aldeia Bertandos	Coruche	10	3	4	N	-	2,4	2,5	1,93	1,92	ENE

Quadro 7.5. Antas com corredor curto. ECm: esteios da câmara; ECrD: esteios corredor lado direito; ECrE: esteios corredor lado esquerdo; CH: chapéu; TM: *túmulus*; DCT: diâmetro câmara transversal; DCL: diâmetro câmara longitudinal; CC: comprimento corredor; HCm: altura máxima esteios câmara; O: orientação.

Neste conjunto, foi registado um nicho apenas num monumento, a anta dos Oiteirões 2 que, segundo Manuel Heleno, era formado pela “pedra mestra” e uma outra, colocada no seu limite Sul, com o sentido E/W. Esta laje tinha 12 covinhas, algumas das quais, segundo parece, com pintura no interior; a “pedra mestra” teria, por sua vez, uma covinha pintada e outras manchas de pintura (Cd.3 de Estremoz – Volume 2, Anexo 1, p.274). Um dos calços desse mesmo esteio também teria restos de pintura.

Ainda no domínio das singularidades arquitectónicas, destacam-se três casos pouco correntes:

1. na 2ª do Vidigal, o corredor era constituído por uma espécie de antecâmara, de planta circular (anta FG, Cd. 29 – Volume 2, Anexo 1, p.189).

2. a anta do Pimpolho apresentava uma dupla fiada de esteios, sendo os do lado de dentro mais baixos. Manuel Heleno propôs que se trataria de um reforço estrutural, com a finalidade de dar mais estabilidade ao monumento, construído num substrato arenoso (anta T, Cd.8 – Volume 2, Anexo 1, p.56).

3. a anta 1ª das Picanceiras, cujo corredor, do lado poente, apresentava, segundo a descrição de Manuel Heleno, uma “parede com o perímetro de 1,90 e altura 0,50, feita de pedras irregulares ou de topo ou lajes grossas sobrepostas ” (anta KV, Cd.38 – Volume 2, Anexo 1, p.249).

As antas de corredor médio são, dentro do conjunto intervencionado por Manuel Heleno, as menos numerosas.

DESIGNAÇÃO	C	ECm	AC	ECrD	ECrE	CH	TM	DCT	DCL	CC	HCm	O
Peq. Caminho Fanica	Coruche	6	-	1	1	S	-	2	1,7	1,8	1,9	E/W
Cabeça Gorda	Arraiolos	7	-	3	3	S	S	2,47	2,1	2,11	1,85	-
2ª Picanceiras	Arraiolos	7	-	4	4	N	S	2,6	2,9	2,97	2,16	E
7ª Brissos	Mora	7	-	3	5	S	-	2,4	2,4	2,4	2,28	-
Outeiro de Santa Clara	Arraiolos	7	2	5	3	S	-	2,7	2,3	2,2	2,53	SE
5ª Cabeceira	Mora	7	-	6	5	S	S	2,65	3	2,9	2,8	E
Oliveira da Cruz	Montemor	8	-	3	3	N	-	2,05	2,3	2,3	1,6	E/W
4ª Gualões	Arraiolos	8	S	7	4	N	S	2,7	2,9	2,8	2,08	E
Leste estrada Montemor	Coruche	8	3+2	3	2	S	-	2,75	3,1	3	2,8	E/W

Quadro 7.6. Antas com corredor médio. ECm: esteios da câmara; ECrD: esteios corredor lado direito; ECrE: esteios corredor lado esquerdo; CH: chapéu; TM: *túmulus*; DCT: diâmetro câmara transversal;

DCL: diâmetro câmara longitudinal; CC: comprimento corredor; HCm: altura máxima esteios câmara; O: orientação.

Neste grupo, tornam a ser predominantes as antas de sete esteios, seguidas das de oito. Três destes monumentos (Outeiro de Santa Clara, a 4ª dos Gualões e a Leste da Estrada de Montemor) apresentavam antecâmaras de formas arredondadas.

A anta do Outeiro de Santa Clara apresentaria também gravuras (não discriminados por Manuel Heleno) no chapéu que, por sua vez, se encontrava partido (anta BZ, Cd.17 – Volume 2, Anexo 1, p.121).

Importa ainda assinalar o caso da anta 2ª das Picanceiras cujo corredor, de um dos lados, apresentava, segundo a descrição de Manuel Heleno, planta “ovóide com as pedras dispostas como telhas de telhado dum lado (técnica ou processo próprio do bronze)” (anta KX, Cd.39 – Volume 2, Anexo 1, p.251).

No caso das antas de corredor longo, torna a existir uma maior variabilidade no número de esteios na câmara, que oscila entre os cinco e os nove elementos, se bem que, mais uma vez, com um claro predomínio da fórmula com sete esteios.

DESIGNAÇÃO	C	ECm	AC	ECrD	ECrE	CH	TM	DCT	DCL	CC	HCm	O
3ª Antas	Montemor	5	-	1+?	3	S	S	2,74	2,6	3	1,8	ES
3ª Cabeceira	Mora	>5	-	4	6	S	S	1,86	2,1	3,57	2,1	-
1ª Antas	Montemor	6	-	2	2	N	S	2,6	2,6	3,35	0	E
1ª Represa	Arraiolos	>6	-	2	1	S	N	2,2	2,6	2,86	1,82	SE
6ª Brissos	Mora	6	-	3	3	N	S	1,87	2	2,15	1,85	-
Courela Moinho	Mora	6	-	2	3	S	N	2,32	1,8	2,07	1,95	E25°NE
Norte Vale de Gato	Coruche	6	-	1	1	N	S	3	2,4	2,85	2,1	-
2ª Alcarou	Mora	6	-	5	5	S	S	2,96	2,5	4,01	2,52	E
Lebre	Estremoz	6	-	3	3	-	N	1,98	2,9	3,29	2,52	E
2ª Batepé	Montemor	6	-	6	6	S	N	3,08	3	4,55	2,72	E
9ª Deserto	Montemor	7	-	3	1	-	S	0,99	1,6	1,92	0,93	E
3ª Vidigal	Montemor	7	4+4	-	3	-	N	3,94	2,8	5	1,1	E
4ª Antas	Montemor	7	-	3	3	N	S	3,07	2,5	3,34	2,05	E
2ª Nabos	Montemor	7	-	3	5	N	-	2,8	2,1	2,88	2,09	-
1ª Alcarou	Mora	7	-	4	4	S	N	2,43	1,9	3,55	2,15	-
Porto Aviz Baixo	Mora	7	-	3	2	S	N	2,4	2,5	2,62	2,25	E
Monte das Pedras	Montemor	7	-	4	4	S	N	2,75	2,7	3,5	2,4	E
Comenda do Coelho	Montemor	7	-	5	4	S	S	2,8	2,6	3,9	2,45	-
Vale do Beiro	Coruche	7	-	6	5	S	S	2,6	2	2,37	2,45	E/W
1ª Aldeia Bertiandos	Coruche	7	-	5	5	S	-	2,68	2,9	3,7	2,82	-
Tanque Velho	Coruche	7	-	3	3	S	-	2,8	3,2	4	2,95	E/W
3ª Brissos	Mora	7	-	6	4	S	-	3,34	2,3	4,45	3	E
Paço – B	Montemor	7	-	9	10	S	S	2,85	2,5	4,9	3,53	E/W
1ª Brissos	Mora	8	-	4	4	S	-	2,7	2,4	3,8	2,15	E
1ª Nabos	Montemor	8	-	4	4	S	S	2,35	2,7	4	2,35	ES

1ª Amendoeira	Montemor	8	-	4	4	S	S	3,4	3,2	3,4	2,4	E
Chapelar	Coruche	8	-	3	3	N	-	3,25	3,5	5,4	2,45	E/W
1ª Cabeceira	Mora	8	-	5	5	S	S	2,9	3	4,28	3,85	E
2ª Amendoeira	Montemor	9	1+1	4	4	N	S	3,7	2,9	5,2	2,55	SE
3ª Barrocal Freiras	Montemor	9	4+4	1	1	N	S	2,55	2,7	3,7	3,39	E
Velada	Montemor	9	-	4	2+2	N	S	3,6	3,5	5,7	3,4	ENE

Quadro 7.7. Antas com corredor longo. ECm: esteios da câmara; ECrD: esteios corredor lado direito; ECrE: esteios corredor lado esquerdo; CH: chapéu; TM: *túmulus*; DCT: diâmetro câmara transversal; DCL: diâmetro câmara longitudinal; CC: comprimento corredor; HCm: altura máxima esteios câmara; O: orientação.

Nas antas de corredor longo parece observar-se uma relação directa entre o número de esteios da câmara, o diâmetro longitudinal e a altura dos esteios.

Quanto aos comprimentos dos corredores, os valores oscilam entre 1,92 m e 5,70 m.

Os nichos são mais frequentes (foram registados em cinco monumentos), existindo tanto na câmara como no corredor (ou em simultâneo, como na anta 1ª da Aldeia dos Bertandos), normalmente com espólio associado (na 2ª da Amendoeira não existia nenhum espólio no nicho – Cd.28).

As antecâmaras surgem em dois monumentos, 3ª do Barrocal das Freiras e 3ª do Vidigal, e os átrios apenas na 3ª da Cabeceira.

As covinhas foram registadas em três monumentos, no chapéu, e, na anta do Monte das Pedras (anta EF, Cd.26 – Volume 2, Anexo 1, p.171), também num dos esteios. Esta anta apresentava ainda uma violação do período romano, com a construção de uma sepultura de *tegulae*, à entrada do corredor.

A anta 3ª das Antas (anta DI, Cd.21 – Volume 2, Anexo 1, p.146) tinha materiais na mamoa. Segundo Manuel Heleno, existia uma vala aberta no substrato rochoso que partia do fim do corredor e dava uma curva, para Norte. Nesta vala, foi encontrado espólio diverso (placas de xisto, lâminas e pontas de seta).

A anta 2ª dos Nabos apresenta uma arquitectura diferente das restantes, dado que possui uma câmara de planta rectangular (DCT>DCL), isto é com o corredor perpendicular ao lado maior (anta EE, Cd.25 – Volume 2, Anexo 1, p.168).

Dentro deste grupo, destacam-se dois monumentos excepcionais: a anta do Paço – B e a anta da Velada. Em relação à primeira, para além do seu excelente estado de conservação, com um corredor ainda tapado com três tampas, existiriam, segundo Manuel Heleno, três esteios da câmara pintados, o de cabeceira e os dois que lhe encostavam, à direita e à esquerda. O esteio da esquerda teria a pintura sobretudo do lado direito (junto ao de cabeceira), sendo, segundo parece, perfeitamente visível apenas

um semicírculo. O esteio de cabeceira, o mais pintado, tinha, aparentemente, na parte central, uma figura humana estilizada, para além de algumas manchas incompreensíveis. No esteio da direita, Manuel Heleno não conseguiu interpretar nenhuma das pinturas existentes (anta B, Cd.13 – Volume 2, Anexo 1, p.92). Estas pinturas localizar-se-iam na parte inferior destes esteios, não sendo actualmente visível qualquer vestígio das mesmas.

A anta da Velada encontrava-se igualmente muito bem conservada, tanto a nível da câmara como do corredor, conservando este ainda duas tampas. É em termos globais, o maior monumento deste grupo.

No que diz respeito às antas de corredor muito longo, parece existir uma maior homogeneidade arquitectónica, uma vez que se trata sempre de monumentos com sete ou oito esteios e em nenhum deles se identificaram antecâmaras ou átrios.

DESIGNAÇÃO	C	ECm	ECrD	ECrE	CH	TM	DCT	DCL	CC	HCm	O
Tapada	Montemor	7	9	9	N	-	2,2	2,2	4,5	1,9	ENE
7ª Vidigal	Montemor	7	4	6	N	S	2,8	2,1	5,2	1,94	E100°S
4ª Santa Cruz	Mora	>7	4	4	N	-	2,6	3,3	7,25	2	E
Sul de Vale de Gato	Coruche	7	2	2	N	S	1,9	1,5	5	2,2	-
1ª Deserto	Montemor	7	6	4	-	0	2,27	1,7	5,4	2,56	-
1ª Mata	Arraiolos	7	5	5	S	S	3,23	2,9	4,22	2,98	E
Paço – A	Montemor	8	4	4	S	S	2,96	3,7	7,5	2,98	E/W
Grande Comenda Igreja	Montemor	8	7	9	S	S	4,3	4,6	10,8	4	E

Quadro 7.8. Antas com corredor muito longo. ECm: esteios da câmara; ECrD: esteios corredor lado direito; ECrE: esteios corredor lado esquerdo; CH: chapéu; TM: *túmulus*; DCT: diâmetro câmara transversal; DCL: diâmetro câmara longitudinal; CC: comprimento corredor; HCm: altura máxima esteios câmara; O: orientação.

A análise dos valores métricos deste grupo permite verificar que, ao contrário das antas de corredor longo, a maioria dos monumentos apresenta um DCL inferior a 3 m.

A anta 1ª do Deserto (cujos materiais não foram especificados por Manuel Heleno), apresenta um corredor muito largo, quase em continuidade com a câmara, e os esteios de um dos lados, sucessivamente sobrepostos, com uma disposição oblíqua (anta EP, Cd.27 – Volume 2, Anexo 1, p.182).

Dentro deste conjunto, devem destacar-se, com base nas dimensões, três monumentos. A anta Sul de Vale de Gato, pelas suas reduzidas dimensões em relação às restantes. Trata-se efectivamente de um monumento com valores muito baixos em termos de DCT/DCL/HCm.

No outro extremo, destacam-se as antas do Paço A e a Grande da Comenda da Igreja. Em relação à primeira, para além de se tratar de um monumento em muito bom estado de conservação, revelou uma grande complexidade arquitectónica, com nichos e várias estruturas/sepulturas na mamoa, do lado do corredor. Estas estruturas eram, nalguns casos, assinaladas por pedras “a pino”, noutros apresentavam-se apenas delimitadas por pedras, formando caixas e, nalguns casos, Manuel Heleno refere que as pedras se encontravam sobrepostas, parecendo telhas num telhado (anta A, Cd. 8 – Volume 2, Anexo 1, p.62)

A anta Grande da Comenda da Igreja é o monumento de maiores dimensões de todo o conjunto intervencionado por Manuel Heleno. Encontra-se num excelente estado de conservação com o corredor e a câmara ainda cobertos; no entanto, não revelou tão grande complexidade, em termos de estruturas secundárias, como a anta A do Paço.

Dentro dos monumentos passíveis de determinação morfológica, refira-se, por último, um grupo de quatro antas que apresentavam plantas pouco habituais e difíceis de enquadrar nas restantes categorias.

DESIGNAÇÃO	C	ECm	ECrD	ECrE	CH	TM	DCT	DCL	CC	HCm	O
4ª Vidigal	Montemor	6	4	4	N	N	2,7	2,5	2,7	2,2	E/W
8ª Besteiros	Mora	10	-	-	-	S	1	2,1	0	0,99	-
Rabaçal	Montemor	8	7	-	N	S	2,8	2,8	2,2	2,6	S
Seixinho	Arraiolos	5	7	6	S	-	2,6	3,4	2,5	2,29	-
Cabeças	Arraiolos	9	-	-	3	S	-	-	-	-	E

Quadro 7.9. Antas com plantas anómalas. ECm: esteios da câmara; ECrD: esteios corredor lado direito; ECrE: esteios corredor lado esquerdo; CH: chapéu; TM: *túmulus*; DCT: diâmetro câmara transversal; DCL: diâmetro câmara longitudinal; CC: comprimento corredor; HCm: altura máxima esteios câmara; O: orientação.

A anta 4 do Vidigal era formada por uma câmara e dois corredores, um para Este e outro para Oeste. Forneceu espólio semelhante em todo o monumento o que, naturalmente, não sustenta (nem contraria) a hipótese de terem existido remodelações na sua arquitectura (anta FI, Cd.29 – Volume 2, Anexo 1, p.192).

A anta 8 de Besteiros (anta FP, Cd.30 – Volume 2, Anexo 1, p.196) e a anta do Rabaçal (anta DQ, Cd.23 – Volume 2, Anexo 1, p.155) eram constituídas, cada uma delas, por uma câmara redonda seguida de um estreitamento e de um corredor também redondo, o que levou Manuel Heleno a descrevê-las como tendo plantas em “8”.

A anta do Seixinho (anta CC, Cd.18 – Volume 2, Anexo 1, p.123) tinha, segundo a descrição de Manuel Heleno, uma câmara grande, seguida de um pequeno corredor,

mais uma câmara larga e comprida, seguida de outro corredor. Os escassos materiais recolhidos na escavação e uma leitura atenta da sua arquitectura, por parte de Manuel Heleno, não permitem, mais uma vez, confirmar ou excluir a possibilidade de o monumento corresponder a mais do que uma fase construtiva.

A anta das Cabeças, por sua vez, apresenta uma grande câmara alongada, que evoca uma galeria coberta, com um septo transversal, na câmara, e poste central. (anta das Cabeças, 1945 – Volume 2, Anexo 1, p.258).

Por último, o grupo dos monumentos destruídos, na altura em que Manuel Heleno os observou, engloba um total de 40 exemplares. O seu estado de destruição não permitiu, naturalmente, a respectiva inserção em nenhum dos grupos anteriormente considerados.

Nos monumentos intervencionados por Manuel Heleno, verificou-se que existe um número razoável de *tumuli* (mamoas) relativamente bem conservados, alguns de dimensões ainda apreciáveis; este aspecto diz respeito sobretudo às sepulturas megalíticas, feitas em granito, que fazem parte do Grupo ocidental. Assumindo a maior antiguidade destes monumentos e o facto de os *tumuli* das antas de corredor raras vezes assumirem, actualmente, grande proeminência – tendo estado, em princípio, sujeitos a processos erosivos análogos, é possível que as pequenas sepulturas sejam apenas o remanescente de monumentos tumulares que, em termos de volumetria absoluta, vista do exterior, rivalizavam com as antas de corredor. Neste aspecto, recordem-se as volumetrias excepcionais dos tumuli de Carnac, que, na fase inicial, encerravam estruturas pétreas pouco desenvolvidas (Boujot et al., 1998).

Note-se que, em contraste, nos monumentos de xisto, de pequenas dimensões, o tamanho dos *tumuli* parece ser mais proporcional ao das estruturas pétreas (Bueno Ramírez, 1989: 389), embora sejam relativamente visíveis devido ao uso, mais ou menos sistemático, de blocos de quartzo leitoso (Oliveira, 1998b; Calado, 1994; Bueno Ramírez, 1989).

MONUMENTO	DCL (m)	DIÂMETRO (m)	ALTURA (m)	COBERTURA
2ª Cabeceira	3,70	10	1,20	Total
Curral Mosca	2	N-S: 18m E-W: 15,80m	N: 1,80 E: 1,50	Total
Antinha Estrada Montemor	2,60	N-S: 16,5m E-W: 20m	N: 1,45 E: 1,50	Total

Vale Cordeiro	2,50	N-S: 16,30m E-W: 16,15m	N: 1,30 S: 1,30	Total
Mouchão Azinheiras	2,80	N-S: 19m E-W: 20m	N: 1,00 W: 1,10	Total
Vale das Covas	2,40	12	1,00	Parcial
Barradinha	2,10	8	0,67	Parcial
Pequena Moinho Tapada	2,65	8,50	0,50	Parcial
Barrocaes	2,80	8,80	0,86	Parcial
Tanque do Monte	2,55	5,20	0,66	Parcial

Quadro 7.10. Tamanho das mamoas.

7.2.2. As orientações

Apesar de se ter preocupado em indicar, de forma bastante sistemática, as orientações dos monumentos, Manuel Heleno limitou-se a deixar indicações muito abrangentes, com base nos pontos cardiais; apenas em dois casos, Courela do Moinho e 7^a do Vigidal, as orientações aparentam ter sido calculadas à bússola, com valores de E25°NE e E100°S, respectivamente.

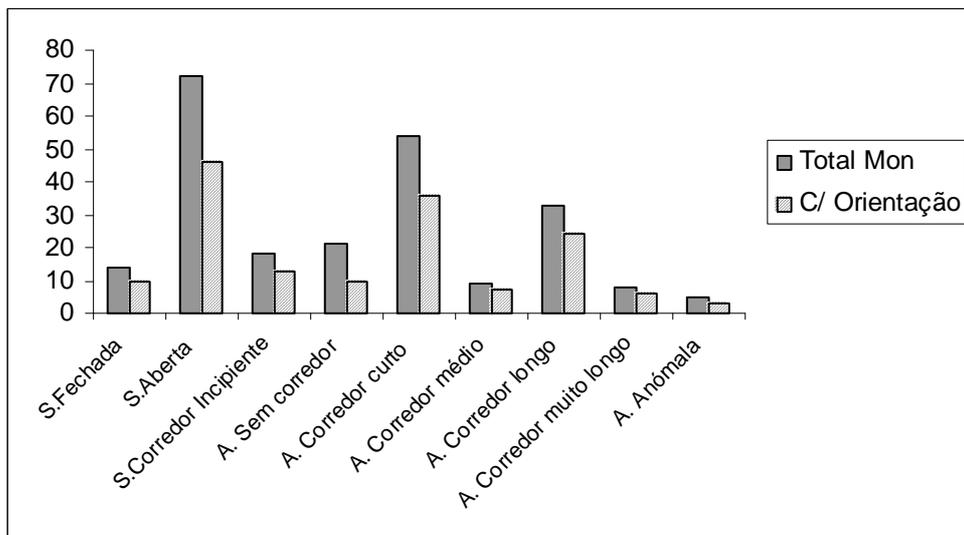


Figura 7.12. Relação monumentos inventariados/monumentos com orientação.

Orientação	N. Monumentos	%
E	130	47,4
ENE	5	1,8
ES	2	0,7
ESSE	1	0,3
E25°NE	1	0,3
E100°S	1	0,3
NE	3	1,09
NW	4	1,45
S	1	0,3

SE	8	2,9
SW	1	0,3
W	6	2,1
WNW	1	0,3

Quadro 7.11. Orientações.

Em termos gerais, os monumentos orientam-se com a entrada virada a Nascente, embora, surpreendentemente, se registre um número significativo de outras orientações, nomeadamente a Oeste.

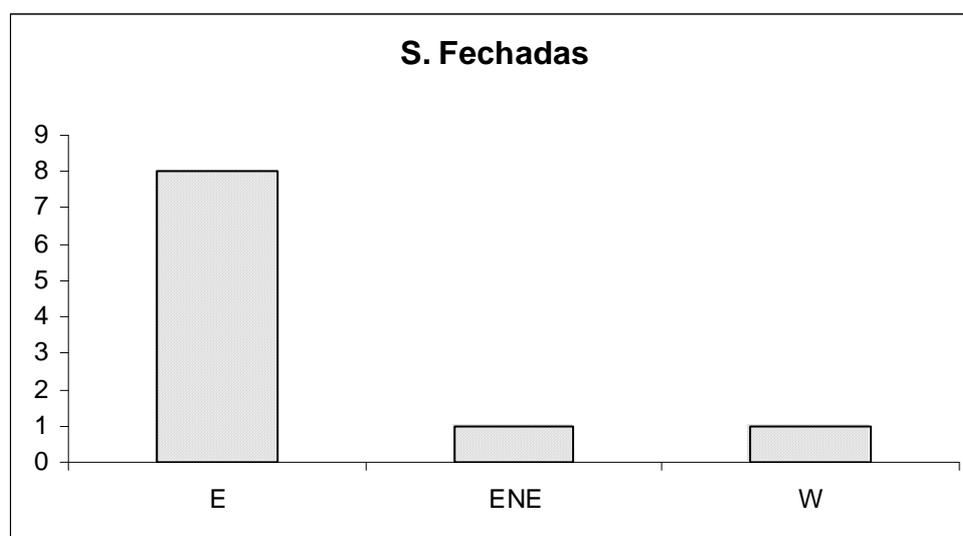


Figura 7.13. Orientações das sepulturas fechadas.

A análise das orientações referidas por Manuel Heleno, tendo em conta as diversas tipologias arquitectónicas consideradas, permite verificar que:

a) as sepulturas fechadas orientam-se maioritariamente a Este, seguindo-se as orientações a ENE e a Oeste.

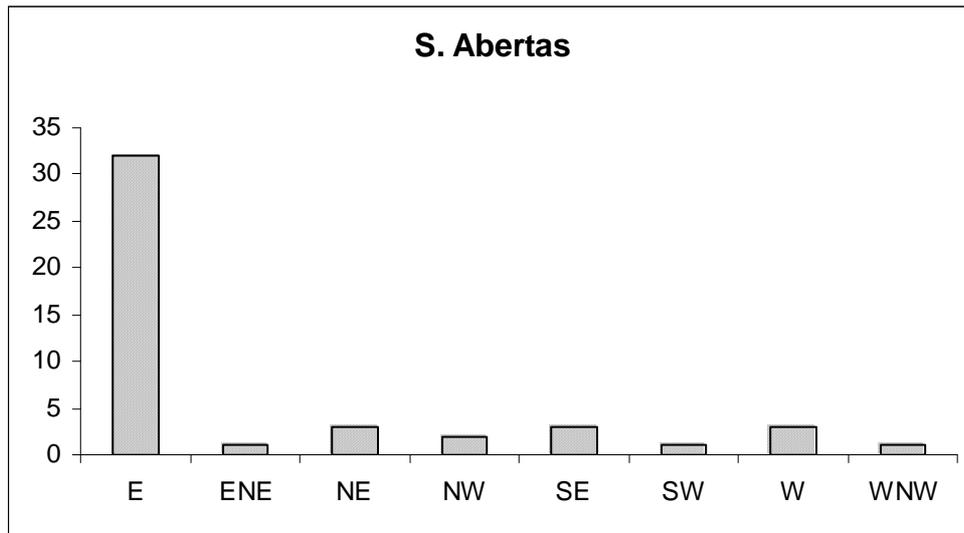


Figura 7.14. Orientações das sepulturas abertas.

b) as sepulturas abertas, apesar de também apresentarem um nítido predomínio das orientações a Nascente, possuem uma maior variabilidade nas orientações;

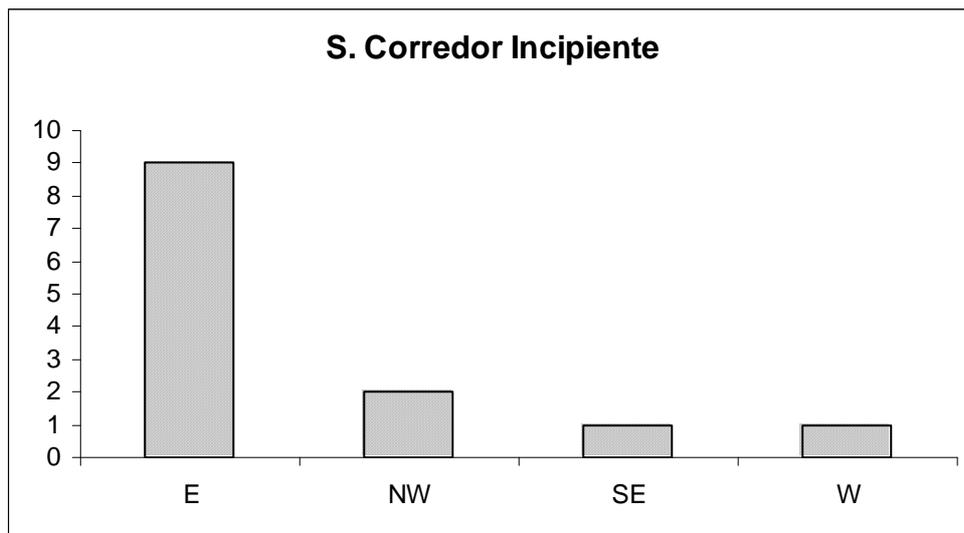


Figura 7.15. Orientações das sepulturas com corredor incipiente.

c) nas sepulturas com corredor incipiente predominam, mais uma vez, as orientações a Este ou Sudeste, embora, também aqui existam, aparentemente, casos anómalos, orientados a Oeste e Noroeste;

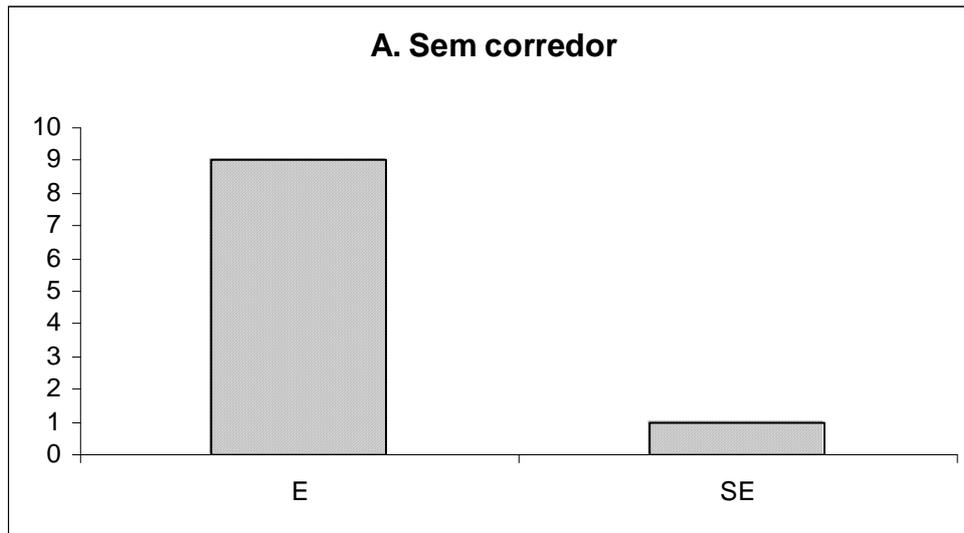


Figura 7.16. Orientações das antas sem corredor.

d) no que diz respeito às antas sem corredor, apresentam orientações bastante clássicas, variando apenas entre o Este e o Sudeste, com um claro predomínio das primeiras;

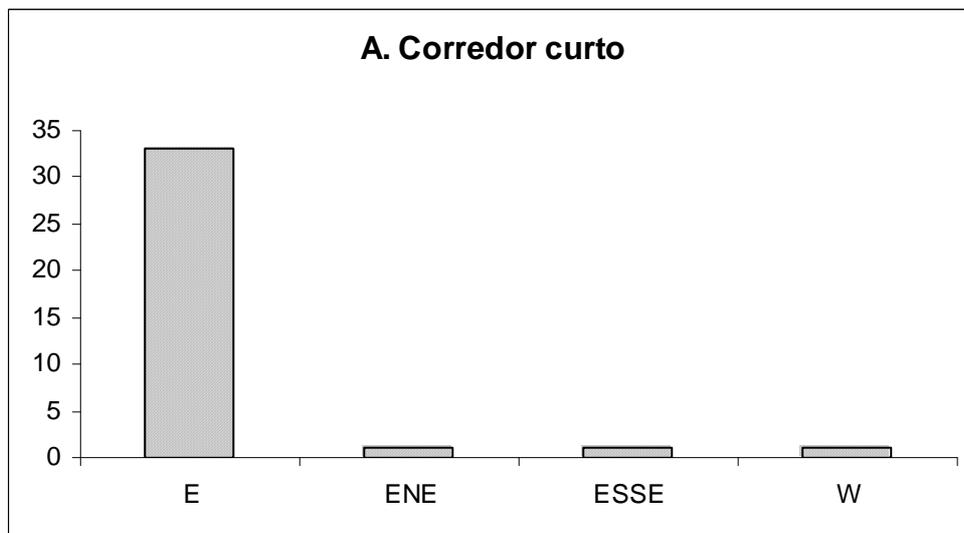


Figura 7.17. Orientações das antas com corredor curto.

e) as antas com corredor curto orientam-se todas dentro dos parâmetros normais, à exceção de um monumento, que apresenta orientação a W.

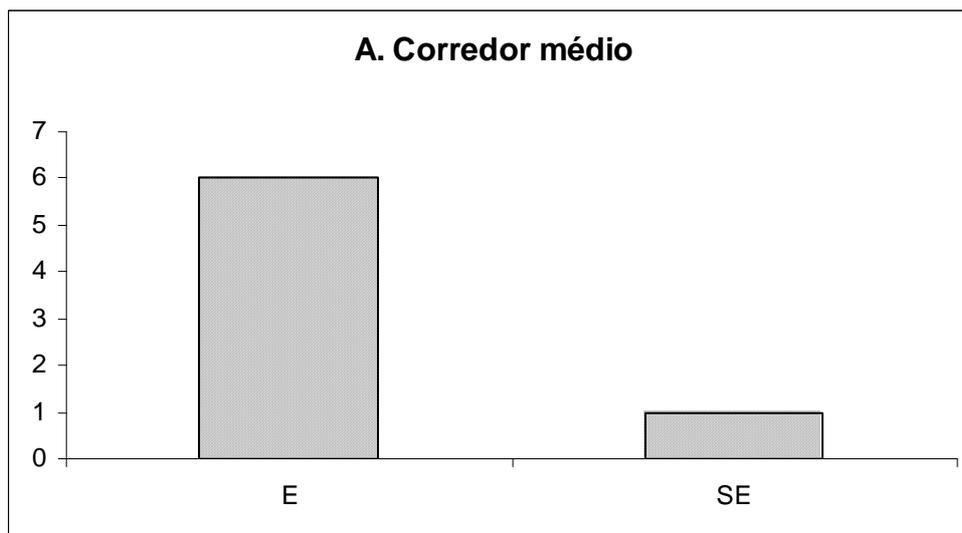


Figura 7.18. Orientações das antas com corredor médio.

f) nas antas com corredor médio, as orientações variam entre os 90° e os 135° , com domínio das primeiras, o que se enquadra inteiramente dentro dos parâmetros normais.

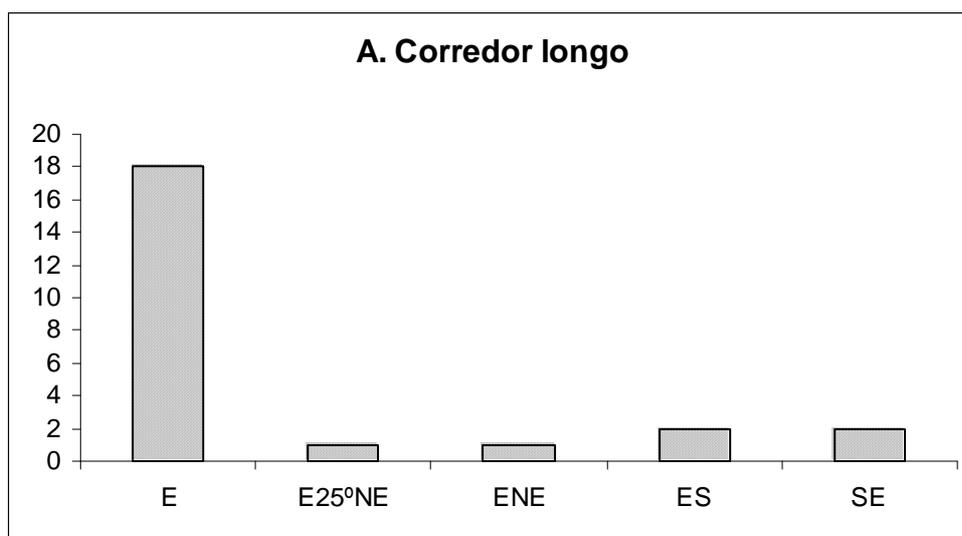


Figura 7.19. Orientações das antas com corredor longo.

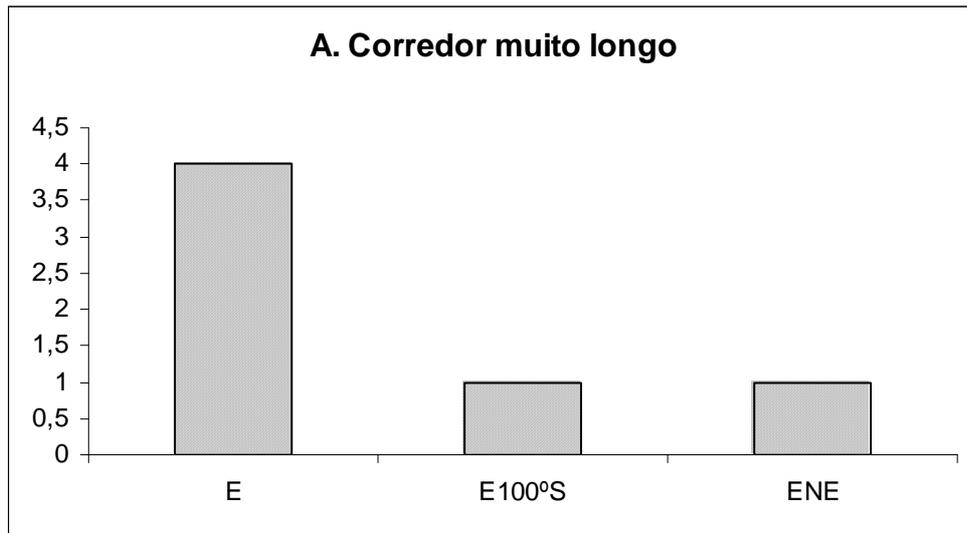


Figura 7.20. Orientações das antas com corredor muito longo.

g) as antas com corredor longo e muito longo também não apresentam exceções notórias aos azimutes habituais.

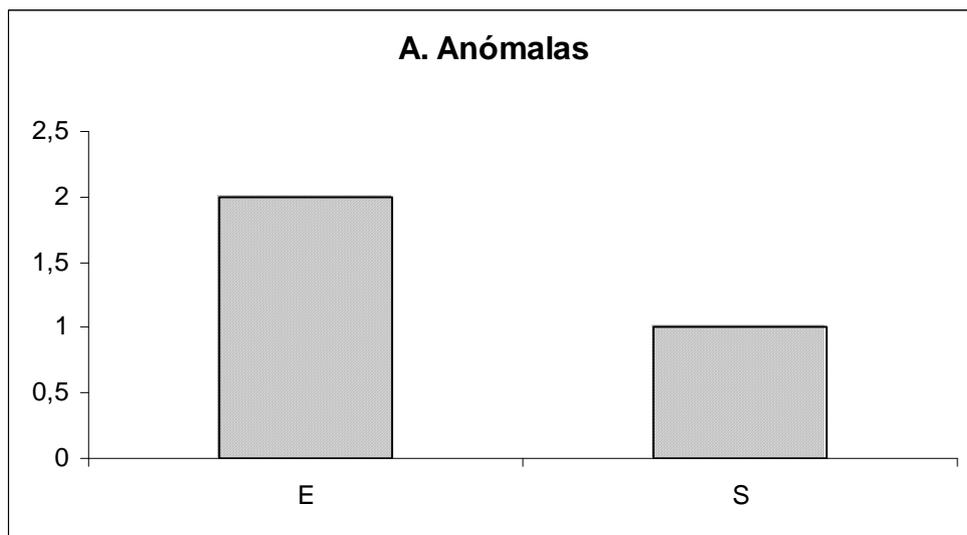


Figura 7.21. Orientações das antas anómalas.

Em relação às antas de planta anómala o registo das orientações indica apenas o Este e o Sul.

Com base naquelas que foi possível confirmar, verifica-se as orientações fornecidas por Manuel Heleno devem ser lidas dentro de um espectro relativamente amplo, sendo que as orientações a Este, por exemplo, podem variar entre os 70° e os 115°.

O problema do elevado número de orientações aberrantes, nomeadamente as que se orientam a Oeste, exige, por ora, algumas reservas; na verdade, o único caso em que foi possível confirmar uma orientação deste tipo, corresponde a uma sepultura bastante bem conservada, a 20ª do Deserto.

7.2.3. As implantações

A análise das implantações do conjunto de monumentos intervencionados por Manuel Heleno teve em conta três parâmetros: a altimetria, a proximidade a cursos de água e o tipo de substrato geológico.

No que diz respeito à sua posição em termos altimétricos, verifica-se que existe uma nítida predominância pelas implantações no patamar dos 151 aos 200 m (ver Figura 7.22), seguindo-se os que se encontram entre os 100 – 150 m e os que se situam entre os 201 – 250 m.

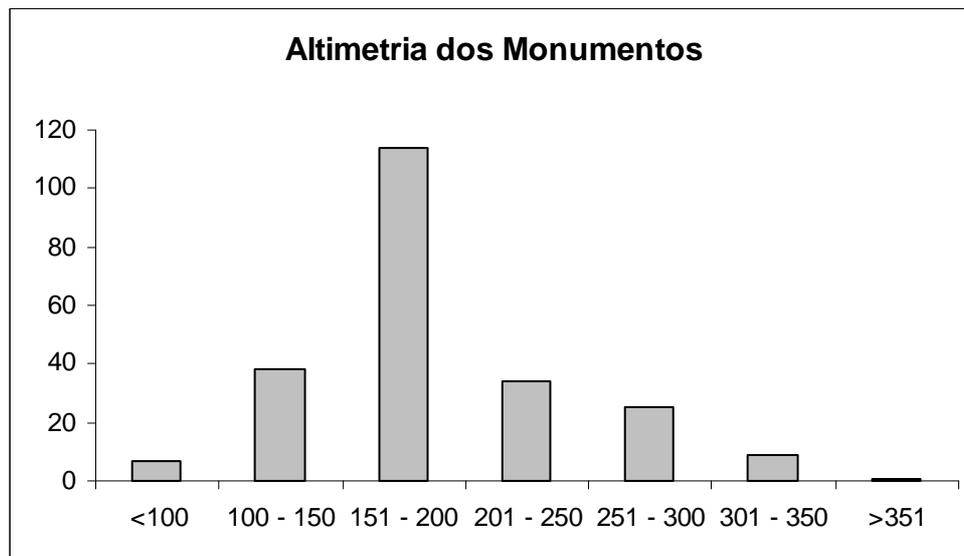


Figura 7.22. Implantação dos monumentos intervencionados por Manuel Heleno.

A análise pormenorizada da classe mais representada (151-200 m) permite ainda isolar uma certa concentração no intervalo dos 160-169 m.

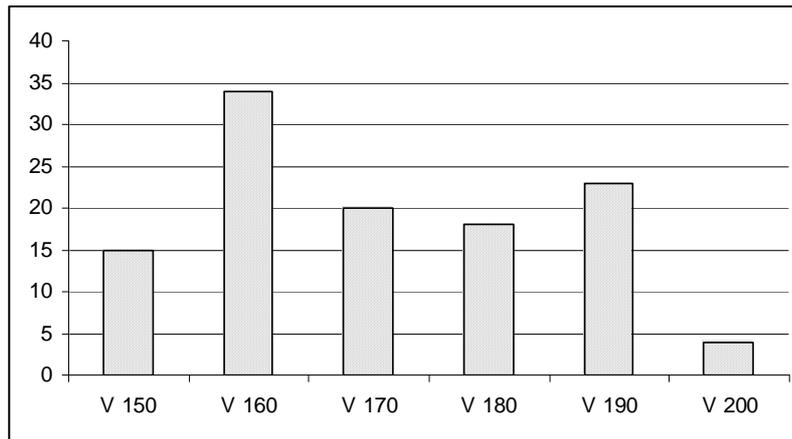


Figura 7.23. Pormenor da implantação dos monumentos na classe de valores entre 150-200 m.

TIPO	Variabilidade (m)
S. Fechadas	115 - 225
S. Abertas	90 - 290
S. Corredor Incipiente	110 - 309
A. Sem corredor	90 - 315
A. Corredor curto	80 - 360
A. Corredor médio	122 - 294
A. Corredor longo	107 - 300
A. Corredor muito longo	97 - 210
A. Anómalas	180 - 317

Quadro 7.12. Variabilidade das altimetrias, por Tipo de monumento

No entanto, esta variabilidade nas implantações dos monumentos não apresenta nenhuma relação directa com os diversos grupos de arquitectura considerados. De facto, a análise das cotas mínimas e máximas de cada Tipo (ver Quadro 7.12), não nos permite detectar nenhum padrão.

Concelho	Variabilidade
Estremoz	249 - 360
Mora	88 - 197
Coruche	97 - 250
Arraiolos	140 - 340
Montemor	80 - 280

Quadro 7.13. Variabilidade das altimetrias, por Concelho

A análise das cotas de implantação dos monumentos, em cada um dos concelhos (Quadro 7.13), permite verificar que, como é natural, uma vez que a área apresenta, ela

própria, valores altimétricos superiores, no concelho de Estremoz, os monumentos localizam-se em cotas mais elevadas.

Tendo em conta o segundo parâmetro considerado, a proximidade a cursos de água, constata-se que existe uma nítida preferência pela implantação dos monumentos megalíticos não longe dos cursos de água. Os raros casos em que os monumentos se encontram mais afastados, localizam-se no concelho de Arraiolos (Agrual, Serrinha, Fuletreira, Zambujo) e não excedem, em nenhum caso, os 2,5 km.

As principais ribeiras consideradas são as ribeiras (e afluentes) do Lavre, das Barrosas, de Vide, da Fanica, do Divor, do Raia, de Têra e a de Sousel, todas afluentes da margem esquerda do rio Sorraia.

No que diz respeito ao substrato geológico verifica-se que, de uma forma geral, a maioria dos monumentos se implanta em áreas onde abunda a matéria-prima ou nas suas proximidades. Constituem excepção a esta regra 24 monumentos dos concelhos de Montemor-o-Novo, Coruche e Mora, que se encontram implantados sobre areias.

Monumento	Distância (km)
7 ^a Brissos	0,11
7 ^a Cabeceira	0,24
Salto Lobo	0,28
Tanque Velho	0,29
Vale Carros	0,3
6 ^a Brissos	0,36
Pimpolho	0,58
Vale Beiro	0,74
Vale Pereiro	0,83
Cabeço Areia	1
1 ^a Olheiros	1,13
2 ^a Garcia	1,18
1 ^a Águias	1,2
2 ^a Olheiros	1,2
1 ^a Garcia	1,3
Sep. Barranco Fraga	1,3
Chapelar	1,41
S Vale Gato	1,67
N Vale Gato	1,75
Tanque Romão	2,3
1 ^a Antas	5,19
2 ^a Antas	5,24

3ª Antas	5,42
4ª Antas	5,54

Quadro 7.14. Distância às matérias-primas.

As distâncias aos locais mais próximos onde existe matéria-prima (rochas granitoides) variam entre os cerca de 0,11 km e os 5,54 km. Manuel Heleno valorizou este fenómeno, anotando, no *Caderno de Campo*, os casos mais notórios, nomeadamente o da Anta do Arneiro das Pedras (em que aponta 5 km de distância) e o da Anta das Várzeas (3 km) (Cad. 7 – Volume 2, Anexo 1, p.51).

7.2.4. Espólio

7.2.4.1. Cerâmica

O grupo dos artefactos cerâmicos é abordado, por Manuel Heleno, quase sempre de uma forma muito sucinta, sendo realçada a sua presença/ausência, sobretudo nas pequenas sepulturas. A decoração (plástica ou incisa) é também, sistematicamente, anotada.

A cerâmica encontra-se presente em 157 monumentos, ou seja, em cerca de 69% das antas intervencionadas por Manuel Heleno; destes, em 50 monumentos, são apenas registados fragmentos, sem mais especificação, enquanto em 107 monumentos, são fornecidas informações mais detalhadas.

Existem referências a “vasos” numa centena de monumentos; alguns deles foram retirados inteiros e levados para o Museu, com a terra ainda no seu interior. Sob a designação geral de “vasos”, encontram-se diversas formas, como as taças (nomeadamente um número importante de taças carenadas) e os potes. Dentro dos que foram recuperados inteiros ou quase inteiros, predominam os de dimensão pequena e média, com bastantes exemplares de dimensões muito pequenas.

No que diz respeito às formas, Manuel Heleno refere a existência de vasos esféricos, semi-esféricos, cónicos, bicónicos, em forma de “ovo” e cilíndricos. Em relação aos fundos, anota a presença de fundos “chatos”, esféricos (ou em calote) e côncavos.

Das observações que efectuei nos depósitos do MNA, verifica-se que as taças carenadas não foram individualizadas como tal, uma vez que se distribuem por várias das categorias, de base geométrica, que Manuel Heleno considerou.

No que toca a asas e/ou mamilos para suspensão, a distinção não é, por vezes, completamente clara. Na anta do Paço – A, Manuel Heleno refere, por exemplo, “dois fragmentos com asa” e noutra ocasião “vaso com asa em forma de mamilo grande” (Cd. 2, Anta A – Volume 2, Anexo 1, p.19)

As aplicações plásticas, quer se trate de asas, mamilos de suspensão ou de pequenos mamilos decorativos, foram registadas em 31 monumentos.

Aparecem igualmente os cordões plásticos, referidos, por Manuel Heleno, como “sobrancelhas” (Cd. 8, Anta A – Volume 2, Anexo 1, p.64), e, na anta dos Arneiros dos Pinhais foi registada a presença de um vaso “com gomos” (Cd.8, Anta U – Volume 2, Anexo 1, p.58).

O cruzamento com a análise das arquitecturas, permite verificar que a decoração plástica (englobando, neste conceito, também os elementos de preensão ou de suspensão) se encontra essencialmente em antas com corredor. Existe apenas um caso em que ocorre num monumento só com câmara, um outro num monumento de planta anómala e apenas dois casos em sepulturas. Nestas, a decoração plástica aparece associada a outros materiais, igualmente pouco frequentes nesse tipo de arquitecturas, e aparentemente mais tardios.

DESIGNAÇÃO	TIPO	EstCm	EstCr	Cer	
				Asa	Dcp
Arneiro dos Pinhais	Sepultura			●	●
Talha 1	Sepultura	7	0		●
2ª Santa Cruz	A. Sem corredor	7	0		●
Estanque	A. Corredor curto	7	2		●
1ª Varelas	A. Corredor curto	5	5		●
2ª Varelas	A. Corredor curto	8	2		●
1ª Besteiros	A. Corredor curto	7	6		●
3ª Batepé	A. Corredor curto	8	4		●
2ª Vidigal	A. Corredor curto	6	7		●
Carvalho	A. Corredor curto	8	6		●
Oiteirões 3	A. Corredor curto	6	2		●
Cabeça Gorda	A. Corredor médio	7	6		●
4ª Gualões	A. Corredor médio	8	11		●
Paço – B	A. Corredor Longo	7	19		●
Comenda do Coelho	A. Corredor Longo	7	9	●	
Velada	A. Corredor Longo	9	8	●	●
Chapelar	A. Corredor Longo	8	6		●
Tanque Velho	A. Corredor Longo	7	6		●
Vale do Beiró	A. Corredor Longo	7	11		●
2ª Batepé	A. Corredor Longo	6	12		●
Monte das Pedras	A. Corredor Longo	7	8		●
3ª Barrocal das Freiras	A. Corredor Longo	9	10		●
2ª Amendoeira	A. Corredor Longo	9	10		●
3ª Vidigal	A. Corredor Longo	7	11		●
3ª Brissos	A. Corredor Longo	7	10		●
1ª Alcarou	A. Corredor Longo	7	8		●
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●	●
Tapada	A. Corredor muito longo	7	18		●
Grande da Comenda da Igreja	A. Corredor muito longo	8	16		●
7ª Vidigal (Cabeço do Mouro)	A. Corredor muito longo	7	10		●
1ª Mata	A. Corredor muito longo	7	10		●

Quadro 7.15. Relação decoração plástica/arquitectura.

A decoração incisa aparece representada em 15 monumentos. Esta decoração varia entre apenas um sulco abaixo do bordo, um ou mais traços horizontais ou verticais, a conjugação de traços paralelos horizontais com outros verticais e ainda círculos concêntricos.

Para além destas decorações, de carácter não figurativo, Manuel Heleno refere ainda a existência de um desenho, que lhe parece ser uma cara, num vaso da anta 2ª de Batepé (Cd. 24 – Volume 2, Anexo 1, p.162) e de um vaso antropomórfico, na anta das Várzeas (Cd. 7 – Volume 2, Anexo 1, p.51).

A decoração incisa parece, mais uma vez, predominar, de forma clara, nos monumentos com corredor.

DESIGNAÇÃO	TIPO	EstCm	EstCr	Cer Dci
14ª Deserto	Sepultura	7	0	●
Curral Antinha	A. Sem corredor	7	0	●
Várzeas	A. Sem corredor	5	0	●
Oeste da Estrada de Montemor	A. Corredor curto	7	6	●
1ª Besteiros	A. Corredor curto	7	6	●
Carvalho	A. Corredor curto	8	6	●
Chaminé	A. Corredor curto	7	6	●
Leste estrada de Montemor	A. Corredor médio	8	10	●
Paço – B	A. Corredor Longo	7	19	●
Comenda do Coelho	A. Corredor Longo	7	9	●
2ª Batepé	A. Corredor Longo	6	12	●
3ª Vidigal	A. Corredor Longo	7	11	●
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●
Tanque do Romão	Destruída	4		●
4ª Vidigal	A. "Anómala"	6	8	●

Quadro 7.16. Relação decoração incisa/arquitectura.

A decoração impressa (mais concretamente, digitada) foi registada apenas num recipiente da anta da Chaminé, que Manuel Heleno anota como um “vaso ou tigela em calote esférica, tendo no fundo uma dedada, rodeada de mais cinco.” (Cd.39, Anta LO – Volume 2, Anexo 1, p.256)

Manuel Heleno regista também a presença de pesos de tear em 13 destes monumentos. Em alguns casos, mas não em todos, as anotações dos *Cadernos de Campo* referem o número de perfurações, como, por exemplo na anta do Paço – A, em que registou “um peso com dois buracos, no corredor, à altura dos chapões” (Cd 1, anta A – Volume 2, Anexo 1, p.16).

Os pesos de tear encontrados apresentam dois (centrados ou não), ou quatro buracos; Manuel Heleno não refere nunca a presença de crescentes, embora eles existam pelo menos, segundo pude observar, no espólio que recolheu no povoado de Brissos.

A análise destas ocorrências, tendo em conta a arquitectura, permite verificar que aparecem apenas em monumentos mais evoluídos, com câmara e corredor, à excepção da anta das Várzeas que, aparentemente, tinha apenas câmara. Em todos eles existiam, em aparente associação estratigráfica, exemplares de placas de xisto.

DESIGNAÇÃO	TIPO	EstCm	EstCr	Pt
Várzeas	A. Sem corredor	5	0	●
2ª Lobeira de Baixo	A. Corredor curto	4	7	●
Rabaçal	A. Anómala	8	8	●
Freixa	A. Corredor médio	7	4	●
N.Sª Conceição Olivais	A. Corredor médio	4	3	●
4ª Gualões	A. Corredor médio	8	11	●
Paço – B	A. Corredor Longo	7	19	●
Chapelar	A. Corredor Longo	8	6	●
1ª Aldeia dos Bertandos	A. Corredor Longo	7	10	●
2ª Batepé	A. Corredor Longo	6	12	●
2ª Amendoeira	A. Corredor Longo	9	10	●
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●
Grande da Comenda da Igreja	A. Corredor muito longo	8	16	●

Quadro 7.17. Relação pesos de tear/arquitectura.

Dentro do grupo das cerâmicas aparecem ainda outros objectos como as colheres, as tampas e os suportes de vaso, artefactos relativamente vulgares noutros grupos megalíticos, nomeadamente no de Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1992); foram igualmente registados alguns artefactos menos recorrentes, como um cilindro de barro (Cd.9, Anta A – Volume 2, Anexo 1, p.70), um objecto cerâmico com um sulco (Cd.1, Anta A – Volume 2, Anexo 1, p.16) ou ainda um objecto de barro com a forma de pirâmide quadrangular (Cd.8, Anta A – Volume 2, Anexo 1, p.60).

De entre os materiais observados no MNA, destaca-se ainda um objecto de funcionalidade desconhecida, para o qual não conheço também qualquer paralelo (e a que Manuel Heleno não faz menção), proveniente da anta N, de Vale de Gato.

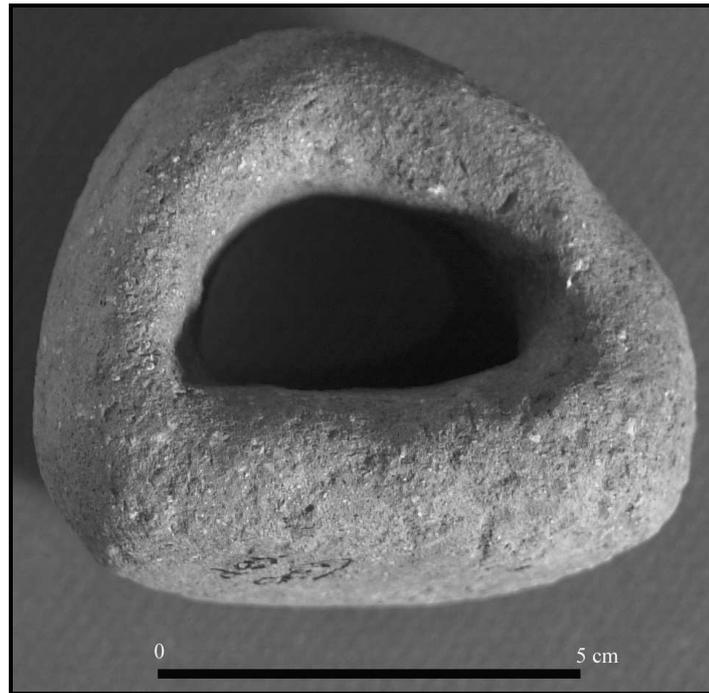


Figura 7.24. Artefacto cerâmico da Anta N de Vale de Gato.

7.2.4.2. Pedra polida

Os materiais de pedra polida são, a par da cerâmica, os que se encontram melhor representados nos monumentos em apreço. Os machados encontram-se presentes em 168 monumentos (73,6%), sendo um dos tipos de artefactos sobre os quais Manuel Heleno tece mais comentários, especificando não só a sua tipologia, como também a presença/ausência de polimento.

DESIGNAÇÃO	TIPO	EstCm	EstCr	M	Total
Cabeço da Areia	S. Fechada	6	0	●	2
Curral da Mosca	S. Fechada	8	0	●	3
2ª Courela dos Fretes	S. Fechada	4	0	●	3
5ª Peral	S. Fechada	8	0	●	4
5ª Santa Cruz (Morena)	S. Fechada	4	0	●	4
6ª Peral	S. Fechada	6	0	●	8
8ª Deserto	S. Fechada	10	0	●	10
13ª Deserto	S. Fechada	8	0	●	16
2ª Tapada	S. Aberta	7	0	●	1
2ª Vale do Freixo	S. Aberta	8	0	●	1
Pardilheiro	S. Aberta	9	0	●	1
Mó	S. Aberta	5	0	●	1
1ª Guarita	S. Aberta	9	0	●	1
2ª Besteiros	S. Aberta	5	0	●	1
7ª Besteiros	S. Aberta	5	0	●	1
Sep.Barranco da Fraga	S. Aberta	9		●	2
3ª Poço de S. Geraldo	S. Aberta	3	0	●	2

3ª Casas de Baixo	S. Aberta	12	0	●	2
3ª Zambujeiro	S. Aberta	6	0	●	2
2ª Estrada Lavre à Lobeira Cima	S. Aberta	3	0	●	2
Pego da Regina	S. Aberta	2	0	●	2
1ª Courela dos Fretes	S. Aberta	3	0	●	2
Vale do Freixo	S. Aberta	8	0	●	3
5ª Aldeia dos Bertandos	S. Aberta	12	0	●	3
Mouchão das Azinheiras	S. Aberta	6	0	●	4
Torre do Franco	S. Aberta	8	0	●	4
Barrada	S. Aberta	17	0	●	4
2ª Zambujeiro	S. Aberta	4	0	●	4
Barrocaes	S. Aberta	8	0	●	4
5ª Besteiros	S. Aberta	8	0	●	4
19ª Deserto	S. Aberta	6	0	●	4
Peq. Moinho da Tapada	S. Aberta	11	0	●	5
6ª Deserto	S. Aberta	8	0	●	5
2ª Courela	S. Aberta	8	0	●	5
Rouco	S. Aberta	9	0	●	6
2ª dos Testos	S. Aberta	8	0	●	6
3ª Lobeira de Cima	S. Aberta	6	0	●	7
Vale de Covas	S. Aberta	8	0	●	8
7ª Barrocal das Freiras	S. Aberta	3	0	●	8
6ª Cabeceira	S. Aberta	5	0	●	8
Casarões do Zambujeiro	S. Aberta	10	0	●	9
2ª Peral	S. Aberta	6	0	●	9
22ª Deserto	S. Aberta	5	0	●	11
4ª Deserto	S. Aberta	9	0	●	13
5ª Deserto	S. Aberta	6	0	●	15
Tanque do Monte	S. Aberta	5	0	●	22
Talha 1	S. Aberta	7	0	●	33
Monte de Cima	S. Corredor Incipiente	9	3	●	1
Penedo do Bispo	S. Corredor Incipiente	12	1	●	1
Casas de Baixo	S. Corredor Incipiente	9	2	●	1
2ª Guarita	S. Corredor Incipiente	9	3	●	2
20ª Deserto	S. Corredor Incipiente	8	3	●	3
16ª Deserto	S. Corredor Incipiente	8	2	●	4
1ª Santa Cruz	S. Corredor Incipiente	8	1	●	5
6ª Barrocal das Freiras	S. Corredor Incipiente	6	3	●	7
3ª Deserto	S. Corredor Incipiente	5	1	●	7
2ª Cabeceira	S. Corredor Incipiente	7	4	●	7
2ª Deserto	S. Corredor Incipiente	7	4	●	8
3ª Courela	S. Corredor Incipiente	8	1	●	8
2ª Mouchão Azinheiras	S. Corredor Incipiente	8	2	●	10
3ª Lobeira de Baixo	S. Corredor Incipiente	6	8	●	15
Cabeço da Rainha	S. Corredor Incipiente	5	0	●	1
2ª S. Geraldo	S. Corredor Incipiente	7	0	●	2
Curral da Antinha	A. Sem corredor	7	0	●	3
Carvalho	A. Sem corredor	6	0	●	3
2ª Aldeia dos Bertandos	A. Sem corredor	6	0	●	4
15ª do Deserto	A. Sem corredor	8	0	●	6
Várzeas	A. Sem corredor	5	0	●	11
2ª Represa	A. Sem corredor	3	0	●	12

Zambujo	A. Sem corredor	6	0	●	15
Talha 2	A. Sem corredor	3		●	20
2ª Santa Cruz	A. Sem corredor	7	0	●	65
Ext.Paço Herdade de Cima	A. Corredor curto	8	3	●	1
Pasmaceira	A. Corredor curto	7	7	●	2
1ª Lobeira de Cima	A. Corredor curto	7	2	●	2
2ª Herdade de Baixo	A. Corredor curto	5	2	●	3
Estanque	A. Corredor curto	7	2	●	4
3ª Aldeia dos Bertandos	A. Corredor curto	10	7	●	4
Seixinho	A. Corredor curto	5	13	●	4
2ª Barros do Grou	A. Corredor curto	6	5	●	4
Pimpolho	A. Corredor curto	6	3	●	5
Vale do Pereiro	A. Corredor curto	7	4	●	5
Freixo	A. Corredor curto	4+?		●	5
1ª Vidigal	A. Corredor curto	7	2	●	6
1ª Atalaia	A. Corredor curto	7	2	●	7
Vale Cancelas	A. Corredor curto	7	6	●	8
4ª Zambujeiro	A. Corredor curto	4	2	●	8
W Estrada de Montemor	A. Corredor curto	7	6	●	12
1ª Batepé	A. Corredor curto	8	6	●	14
Oiteirões 3	A. Corredor curto	6	2	●	18
1ª Picanças	A. Corredor curto	4	3	●	21
1ª Garcia	A. Corredor curto	7	2	●	22
Freixa	A. Corredor curto	7	4	●	22
1ª Águias	A. Corredor curto	7	1	●	23
1ª Besteiros	A. Corredor curto	7	6	●	24
2ª Lobeira de Baixo	A. Corredor curto	4	7	●	29
Fuletreira/ Filtreira	A. Corredor curto	6	7	●	30
Almargem	A. Corredor curto	7	4	●	34
1ª Olheiros	A. Corredor curto	7	5	●	36
2ª Vidigal	A. Corredor curto	6	7	●	40
1ª Barros do Grou	A. Corredor curto	7	2	●	40
2ª Gualões	A. Corredor curto	7	1	●	41
1ª Varelas	A. Corredor curto	5	5	●	46
Aldeinha	A. Corredor curto	8	6	●	53
Agrual	A. Corredor curto	6	7	●	53
Serrinha	A. Corredor curto	7	6	●	54
3ª Batepé	A. Corredor curto	8	4	●	65
3ª Testos	A. Corredor curto	7	7	●	82
3ª Besteiros	A. Corredor curto	6	6	●	88
Chaminé	A. Corredor curto	7	6	●	117
2ª Garcia	A. Corredor curto	7	3	●	121
2ª Varelas	A. Corredor curto	8	2	●	173
N.Sª Conceição Olivais	A. Corredor curto	4	3	●	207
Carvalho	A. Corredor curto	8	6	●	248
Oliveira da Cruz	A. Corredor médio	8	6	●	2
Leste estrada de Montemor	A. Corredor médio	8	10	●	9
Outeiro de Santa Clara	A. Corredor médio	7	10	●	16
Cabeça Gorda	A. Corredor médio	7	6	●	35
4ª Gualões	A. Corredor médio	8	11	●	37
7ª Brissos	A. Corredor médio	7	8	●	49
2ª Picanças	A. Corredor médio	7	8	●	53

5ª Cabeceira	A. Corredor médio	7	11	●	183
9ª Deserto	A. Corredor Longo	7	4	●	2
Porto de Aviz de Baixo	A. Corredor Longo	7	5	●	3
Courela do Moinho	A. Corredor Longo	6	5	●	3
Comenda do Coelho	A. Corredor Longo	7	9	●	4
1ª Aldeia dos Bertandos	A. Corredor Longo	7	10	●	4
Chapelar	A. Corredor Longo	8	6	●	6
Norte de Vale de Gato	A. Corredor Longo	6	2	●	9
Paço - B	A. Corredor Longo	7	19	●	10
Tanque Velho	A. Corredor Longo	7	6	●	11
Velada	A. Corredor Longo	9	8	●	12
1ª Alcarou	A. Corredor Longo	7	8	●	14
Vale do Beiró	A. Corredor Longo	7	11	●	21
Lebre	A. Corredor Longo	6	6	●	22
2ª Amendoeira	A. Corredor Longo	9	10	●	24
1ª Cabeceira	A. Corredor Longo	8	10	●	30
2ª Alcarou	A. Corredor Longo	6	10	●	31
3ª Brissos	A. Corredor Longo	7	10	●	32
1ª Amendoeira	A. Corredor Longo	8	8	●	36
2ª Nabos	A. Corredor Longo	7	8	●	37
4ª Antas	A. Corredor Longo	7	6	●	53
3ª Vidigal	A. Corredor Longo	7	11	●	60
1ª Brissos	A. Corredor Longo	8	8	●	81
3ª Barrocal das Freiras	A. Corredor Longo	9	10	●	164
3ª Antas	A. Corredor Longo	5	4	●	222
2ª Batepé	A. Corredor Longo	6	12	●	240
Tapada	A. Corredor muito longo	7	18	●	3
Grande da Comenda da Igreja	A. Corredor muito longo	8	16	●	9
Sul de Vale de Gato	A. Corredor muito longo	7	4	●	26
7ª Vidigal	A. Corredor muito longo	7	10	●	29
1ª Mata	A. Corredor muito longo	7	10	●	78
Paço - A	A. Corredor muito longo	8	8	●	203
Tanque do Romão	Destruída	4		●	1
4ª Barrocal das Freiras	Destruída	4		●	1
3ª Picanceiras	Destruída	2		●	1
4ª Testos	Destruída	1		●	4
Caldeireira	Destruída	4+?		●	4
5ª Barrocal das Freiras	Destruída	2		●	5
2ª Lobeira de Cima	Destruída	6		●	7
3ª Alcarou	Destruída	3	2	●	9
2ª Antas	Destruída	1		●	11
Espragal	Destruída	3		●	13
1ª Zambujeiro	Destruída	(?)		●	14
Espadanal	Destruída	3		●	17
1ª Courela	Destruída			●	29
Seixinho	A. Anómala	5	13	●	4
4ª Vidigal	A. Anómala	6	8	●	21
Rabaçal	A. Anómala	8	8	●	39

Quadro 7.18. Relação machados/arquitectura.

Relacionando as arquitecturas com o número de machados recolhidos, verifica-se que, nas sepulturas, a que apresenta um maior número de machados é a da Talha 1 (Estremoz), com 33 exemplares; nas antas sem corredor, é a 2ª de Santa Cruz, com 65 machados; nas antas de corredor curto, a anta do Carvalho apresenta o valor mais elevado, com 248 machados; nas de corredor médio o valor máximo é de 183 machados, na anta 5ª da Cabeceira; nas de corredor longo, a anta 2ª de Batepé apresenta 240 machados; nas de corredor muito longo, o maior número de machados foi recolhido na anta A do Paço, com 203 exemplares; nos monumentos destruídos, cujas plantas foram impossíveis de recuperar, destaca-se a 1ª da Courela, que tinha 29 machados e, nos monumentos de planta anómala, a do Rabaçal, com 39 machados.

Em termos gerais, a análise da relação arquitectura/machados permite verificar que as pequenas sepulturas não apresentam, por norma, valores muito elevados, tendo 38 sepulturas (o que equivale a 62% deste tipo) um número igual ou inferior a cinco machados. A média de machados, por sepultura, é de 5,8.

Em relação às antas sem corredor, também se verifica que apresentam poucos machados, havendo seis antas (cerca de 54,5%) com um valor igual ou inferior a dez, enquanto o número médio de machados, neste tipo de monumento, é de 12,9.

A situação altera-se nas antas com corredor curto, uma vez que o número de monumentos com menos de dez machados é relativamente menor, apenas 16 antas (cerca de 33,3% deste tipo), sendo neste tipo o número médio de machados de 43,3.

Nas antas com corredor médio, apenas dois monumentos apresentam valores inferiores a dez machados (25%), sendo o número médio de machados, dentro deste tipo, de 48.

No que diz respeito às antas com corredor longo, oito monumentos têm um valor igual ou inferior a dez machados (32% das antas deste tipo), sendo o valor médio de machados, por monumento, de 45,2.

Em contrapartida, as antas com corredor muito longo não apresentam, por norma, tantos machados como as de corredor curto e longo. Existem dois monumentos com menos de dez exemplares e, embora o número médio de machados dentro deste tipo, seja de 58, este valor é nitidamente inflacionado pela Anta do Paço A, que, só ela, contribuiu com 203 exemplares.

As antas destruídas, por seu lado, apresentam valores mais baixos, tendo oito monumentos com menos de dez machados (61,5% de antas), sendo o valor médio de 8,9.

Por último, as antas de planta anómala, apresentam machados em apenas três monumentos, com valores relativamente elevados, traduzidos numa média de 21,3 machados por monumento.

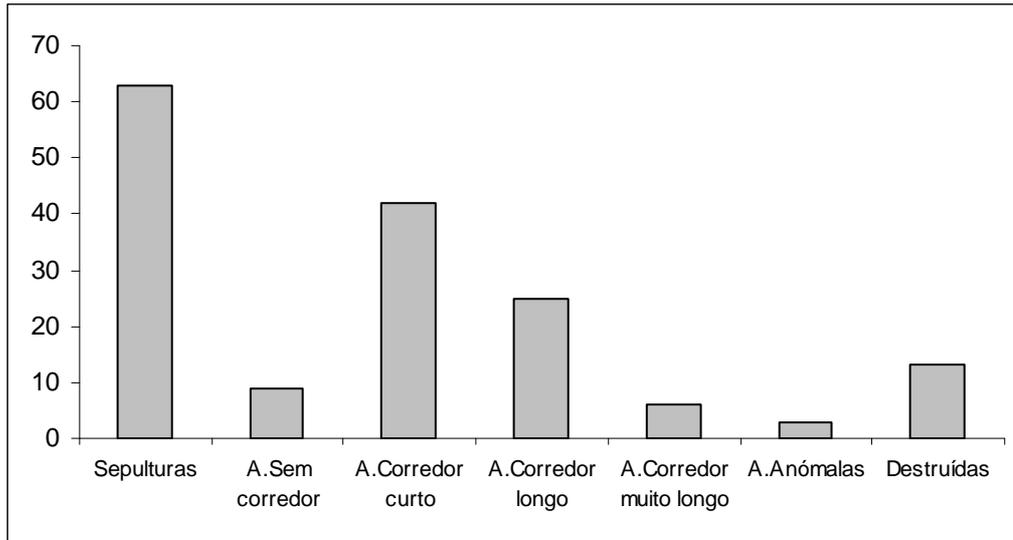


Figura 7.25. Número de monumentos com machados

Da análise do Gráfico anterior verifica-se que dentro dos vários Tipos de monumentos, os machados aparecem mais nas sepulturas, seguida das antas de corredor curto e das antas de corredor longo.

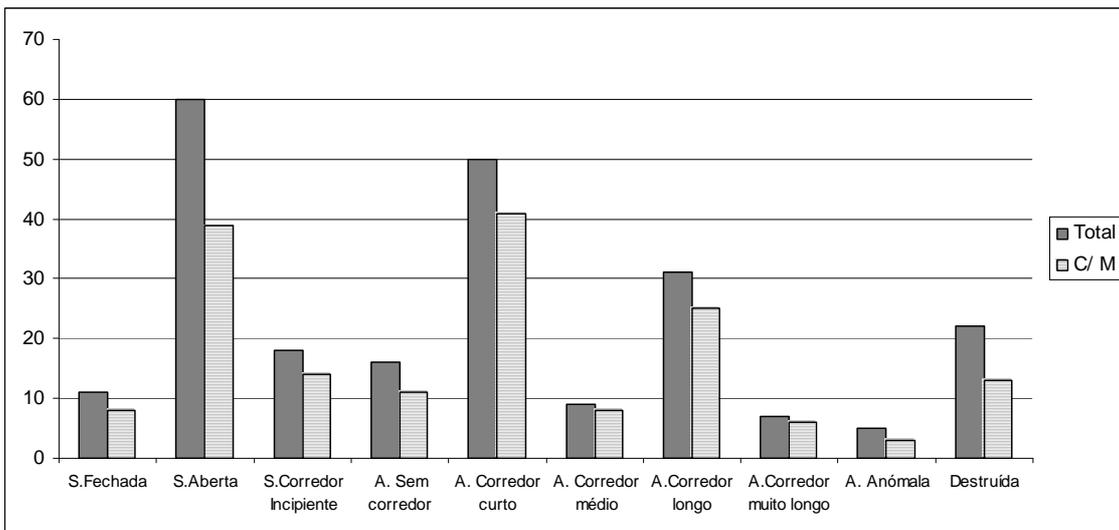


Figura 7.26. Número de monumentos com machados, por Tipo (riscas), comparados com o número total de monumentos (cinza escuro).

Tendo em conta o número de monumentos com materiais e o número de monumentos com machados, verifica-se que a maior diferença (maior número sem machados) se verifica nas sepulturas abertas.

Uma das questões clássicas no estudo dos machados de pedra polida é a do eventual valor cronológico das diferentes morfologias, lidas, sobretudo, através da secção transversal. A forma, certamente arcaizante, dos machados de secção transversal arredondada, frequentemente de corpo picotado ou polido, seria exclusiva nas sepulturas e tenderia a escassear ou desaparecer, nos monumentos supostamente mais evoluídos.

Da análise efectuada a partir dos dados de Manuel Heleno, (ver Quadro 7.19) verifica-se que esta distinção está longe de ser clara.

DESIGNAÇÃO	TIPO	EstCm	EstCr	Machados			
				Red	Quad	Rect	Ind
2ª Courela dos Fretes	S. Fechada	4	0	●		●	
5ª Santa Cruz	S. Fechada	4	0	●			
Cabeço da Areia	S. Fechada	6	0	●	●		
6ª Peral	S. Fechada	6	0	●	●	●	
Curral da Mosca	S. Fechada	8	0	●			
5ª Peral	S. Fechada	8	0	●			
13ª Deserto	S. Fechada	8	0	●		●	●
8ª Deserto	S. Fechada	10	0	●		●	
Pego da Regina	S. Aberta	2	0			●	
3ª Poço de S. Geraldo	S. Aberta	3	0		●	●	
2ª Estrada Lavre Lobeira Cima	S. Aberta	3	0	●		●	
7ª Barrocal das Freiras	S. Aberta	3	0	●	●	●	
1ª Courela dos Fretes	S. Aberta	3	0			●	●
2ª Zambujeiro	S. Aberta	4	0			●	
Mó	S. Aberta	5	0				●
Tanque do Monte	S. Aberta	5	0	●	●	●	●
2ª Besteiros	S. Aberta	5	0				●
7ª Besteiros	S. Aberta	5	0				●
6ª Cabeceira	S. Aberta	5	0	●			
22ª Deserto	S. Aberta	5	0	●	●	●	
Mouchão das Azinheiras	S. Aberta	6	0	●	●	●	
3ª do Zambujeiro	S. Aberta	6	0	●			
3ª Lobeira de Cima	S. Aberta	6	0			●	
5ª Deserto	S. Aberta	6	0	●		●	
2ª Peral	S. Aberta	6	0	●		●	
19ª Deserto	S. Aberta	6	0			●	
2ª Tapada	S. Aberta	7	0	●			
Talha 1	S. Aberta	7	0				●
Vale do Freixo	S. Aberta	8	0	●		●	
2ª Vale do Freixo	S. Aberta	8	0				●
Torre do Franco	S. Aberta	8	0	●		●	
Vale de Covas	S. Aberta	8	0	●			

Barrocaes	S. Aberta	8	0	●			
6ª Deserto	S. Aberta	8	0				●
5ª Besteiros	S. Aberta	8	0	●			
2ª Testos	S. Aberta	8	0			●	
2ª Courela	S. Aberta	8	0	●		●	
Sep. Barranco da Fraga	S. Aberta	9		●		●	
Pardilheiro	S. Aberta	9	0				●
1ª Guarita	S. Aberta	9	0	●			
Rouco	S. Aberta	9	0	●	●	●	
4ª Deserto	S. Aberta	9	0	●		●	
Casarões do Zambujeiro	S. Aberta	10	0	●	●	●	
Peq. Moínho da Tapada	S. Aberta	11	0		●	●	●
3ª Casas de Baixo	S. Aberta	12	0		●	●	
5ª Aldeia dos Bertandos	S. Aberta	12	0				●
Barrada	S. Aberta	17	0	●		●	
Cabeço da Rainha	S. Aberta	5	0	●			
3ª Deserto	S. Corredor Incipiente	5	1	●	●	●	
3ª Lobeira de Baixo	S. Corredor Incipiente	6	8	●	●	●	
6ª Barrocal das Freiras	S. Corredor Incipiente	6	3		●	●	
2ª Deserto	S. Corredor Incipiente	7	4			●	
2ª Cabeceira	S. Corredor Incipiente	7	4			●	
2ª Mouchão Azinheiras	S. Corredor Incipiente	8	2	●		●	
1ª Santa Cruz	S. Corredor Incipiente	8	1	●			
16ª Deserto	S. Corredor Incipiente	8	2			●	
20ª Deserto	S. Corredor Incipiente	8	3	●			
3ª Courela	S. Corredor Incipiente	8	1		●	●	
Monte de Cima	S. Corredor Incipiente	9	3				●
Casas de Baixo	S. Corredor Incipiente	9	2	●			
2ª Guarita	S. Corredor Incipiente	9	3			●	
Penedo do Bispo	S. Corredor Incipiente	12	1			●	
2ª Santa Cruz	S. Corredor Incipiente	7	1	●	●	●	
2ª Herdade de Baixo	S. Corredor Incipiente	5	2			●	

Quadro 7.19. Relação machados/arquitectura/secção. S: sepultura.

De facto, o que se verifica é que as oito sepulturas fechadas apresentam, todas, machados de secção arredondada; no entanto, duas têm também machados de secção quadrangular e quatro têm machados de secção rectangular.

Em relação às sepulturas abertas (40 monumentos), verifica-se que 22 têm machados de secção arredondada, nove monumentos têm machados de secção quadrangular, 24 têm machados de secção rectangular e em 11 a secção é indeterminada.

As goivas são bastante escassas neste conjunto, tendo-se registado a sua presença em apenas cinco monumentos: duas sepulturas (uma de planta aberta e a outra fechada) e três antas de corredor longo. O número de exemplares recolhido, por

monumento, é de apenas um, à excepção da anta do Paço A, onde se recolheram duas goivas.

DESIGNAÇÃO	TIPO	EstCm	EstCr	Gv
Curral da Mosca	S. Fechada	8	0	●
Salto do Lobo	S. Aberta	8	0	●
1ª Picanças	A. Corredor longo	4	3	●
Vale do Beiró	A. Corredor longo	7	11	●
Paço A	A. Corredor longo	8	8	●

Quadro 7.20. Relação goivas/arquitectura.

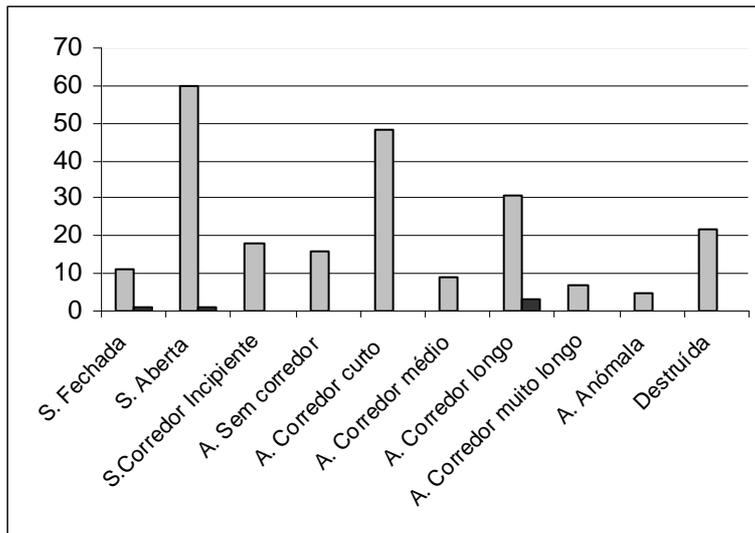


Figura 7.27. Número de monumentos com goivas, por Tipo (cinza escuro), comparados com o número total de monumentos (cinza claro).

O carácter vestigial deste tipo de artefactos, tendo em conta o elevado número de monumentos intervencionado por Manuel Heleno, reduz-lhe efectivamente o carácter operativo, em termos de interpretação cronológico-cultural.

As enxós aparecem em 11 monumentos, com predomínio nas antas de corredor curto (5 monumentos) e nas antas de corredor longo (4 monumentos). A sua presença nas sepulturas ocorre apenas num caso, Tanque do Monte, com apenas um exemplar.

DESIGNAÇÃO	TIPO	EstCm	EstCr	Ex
Tanque do Monte	S. Aberta	5	0	●
2ª Lobeira de Baixo	A. Corredor curto	4	7	●
1ª Vidigal	A. Corredor curto	7	2	●
2ª Vidigal	A. Corredor curto	6	7	●
5ª Vidigal	A. Corredor curto	7	3	●
1ª Testos	A. Corredor curto	7	3	●
Paço - B	A. Corredor longo	7	19	●
Tanque Velho	A. Corredor longo	7	6	●
2ª Amendoeira	A. Corredor longo	9	10	●

3ª Vidigal	A. Corredor longo	7	11	●
Sul de Vale de Gato	A. Corredor muito longo	7	4	●

Quadro 7.21. Relação enxós/arquitectura.

Tal como as goivas, também o número de enxós por monumento é, maioritariamente, de apenas 1 exemplar (6 monumentos), sendo a anta 3ª do Vidigal a que apresenta um número claramente mais elevado, com 17 enxós.

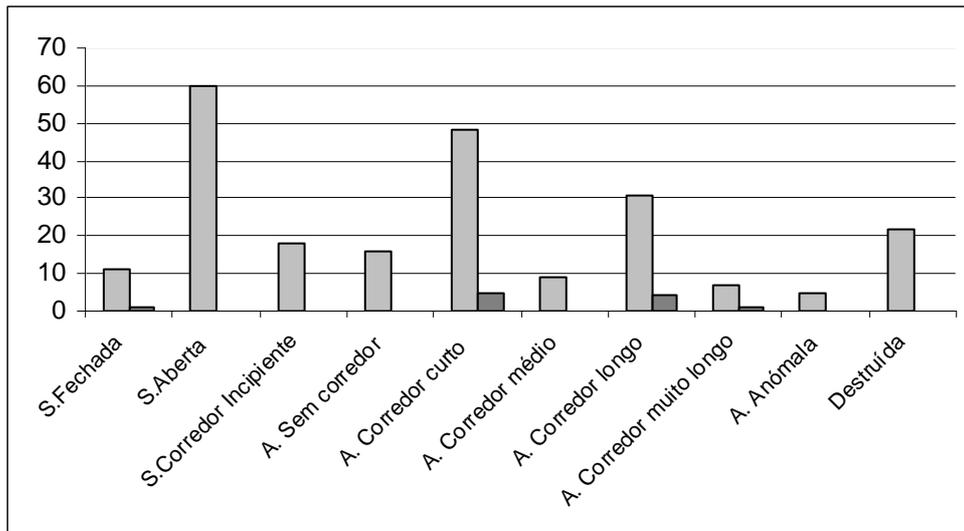


Figura 7.28. Número de monumentos com enxós, por Tipo (cinza escuro), comparados com o número total de monumentos (cinza claro).

A análise da figura anterior permite verificar que o número de monumentos com enxós é relativamente diminuto face ao número total de monumentos.

7.2.4.3. Pedra lascada

Dentro do grupo da pedra lascada, foram individualizados os geométricos, as lâminas, as lamelas, as pontas de seta e as alabardas.

Em relação aos geométricos, verifica-se que estes se encontram presentes em 142 monumentos, o que equivale a cerca de 62,3% dos monumentos com espólio.

DESIGNAÇÃO	TIPO	EstCm	EstCr	Total	Tipos Gm			
					Tp	Tr	Cr	Ind
4ª Besteiros	S. Fechada	4	0	1	●			
5ª Peral	S. Fechada	8	0	2	●	●		
6ª Peral	S. Fechada	6	0	2	●			
Cabeço da Areia	S. Fechada	6	0	4	●		●	
13ª Deserto	S. Fechada	8	0	4	●	●		●
Curral da Mosca	S. Fechada	8	0	5	●			

14ª Deserto	S. Fechada	7	0	5		●	●	
8ª Deserto	S. Fechada	10	0	7	●		●	●
Sep. Barranco da Fraga	S. Aberta	9	0	1	●			
2ª Tapada	S. Aberta	7	0	1			●	
Pardilheiro	S. Aberta	9	0	1	●			
Torre do Franco	S. Aberta	8	0	1		●		
3ª Poço de S. Geraldo	S. Aberta	3	0	1	●			
2ª Casas de Baixo	S. Aberta	12	0	1	●			
3ª Casas de Baixo	S. Aberta	12	0	1	●			
6ª Aldeia dos Bertandos	S. Aberta	8	0	1				●
1ª Guarita	S. Aberta	9	0	1			●	
Rouco	S. Aberta	9	0	1			●	
Barrocaes	S. Aberta	8	0	1				●
1ª Herdade Baixo	S. Aberta	4	0	1	●			
7ª Barrocal das Freiras	S. Aberta	3	0	1				●
1ª Peral	S. Aberta	9	0	1			●	
6ª Vidigal	S. Aberta	5	0	1				●
4ª Courela	S. Aberta	5	0	1	●			
Talha 1	S. Aberta	7	0	1	●			
Barrada	S. Aberta	17	0	2				●
Horta do Teixeira	S. Aberta	6	0	2	●		●	
Peq. Moinho da Tapada	S. Aberta	11	0	2				●
11ª Deserto	S. Aberta	7	0	2			●	
2ª Testos	S. Aberta	8	0	2	●			
Mal Dorme	S. Aberta	3	0	2			●	●
3ª Lobeira de Cima	S. Aberta	6	0	3	●		●	●
6ª Deserto	S. Aberta	8	0	3	●	●	●	
3ª Santa Cruz	S. Aberta	5	0	3				●
Vale de Covas	S. Aberta	8	0	4	●		●	
9ª Besteiros	S. Aberta	5	0	4	●	●		
2ª Peral	S. Aberta	6	0	4	●		●	
Poço da Freguesia	S. Aberta	5	0	5			●	
Tanque do Monte	S. Aberta	5	0	5	●	●		
4ª Deserto	S. Aberta	9	0	5				●
22ª Deserto	S. Aberta	5	0	5	●	●		
Vale do Freixo	S. Aberta	8	0	6	●		●	
Mouchão das Azinheiras	S. Aberta	6	0	7	●			
5ª Deserto	S. Aberta	6	0	7	●			
1ª Gualões	S. Aberta	8	0	7	●	●	●	●
Casarões do Zambujeiro	S. Aberta	10	0	12	●			
7ª Deserto	S. Aberta	9	0	19	●		●	●
2ª S. Geraldo	S. Aberta	7	0	1	●			
Cabeço da Rainha	S. Aberta	5	0	5	●			
Casas de Baixo	S. Corredor Incipiente	9	2	1	●			
1ª Santa Cruz	S. Corredor Incipiente	8	0	1	●			
2ª Cabeceira	S. Corredor Incipiente	7	4	1				●
Monte de Cima	S. Corredor Incipiente	9	3	2	●			
3ª Lobeira de Baixo	S. Corredor Incipiente	6	8	2	●		●	
2ª Deserto	S. Corredor Incipiente	7	4	2				●
3ª Deserto	S. Corredor Incipiente	5	1	2			●	
4ª Aldeia dos Bertandos	S. Corredor Incipiente	6	2	3		●		●
2ª Guarita	S. Corredor Incipiente	9	3	3	●			

Penedo do Bispo	S. Corredor Incipiente	12	0	4	●		●	
6ª Besteiros	S. Corredor Incipiente	6	4	4	●			
2ª do Mouchão Azinheiras	S. Corredor Incipiente	8	2	5	●	●	●	
Talha 3	S. Corredor Incipiente	11	2	21	●	●		●
Curral da Antinha	A. Sem corredor	7	0	1	●			
2ª Aldeia dos Bertandos	A. Sem corredor	6	0	1	●			
1ª Lobeira (?) de Baixo	A. Sem corredor	5	0	1	●			
Carvalho	A. Sem corredor	6	0	1	●			
2ª Represa	A. Sem corredor	3	0	1				●
2ª Santa Cruz	A. Sem corredor	7	0	2				●
15ª Deserto	A. Sem corredor	8	0	2		●		●
Talha 2	A. Sem corredor	3	0	2	●			●
Zambujo	A. Sem corredor	6	0	4				●
3ª Gualões	A. Sem corredor	3	0	8				●
Vale do Pereiro	A. Corredor curto	7	4	1				●
Vale Cancelas	A. Corredor curto	7	6	1		●		
2ª Lobeira de Baixo	A. Corredor curto	4	7	1			●	●
1ª Lobeira de Cima	A. Corredor curto	7	2	1		●		
2ª Vidigal	A. Corredor curto	6	7	1				●
2ª Barros do Grou	A. Corredor curto	6	5	1	●			
12ª Deserto	A. Corredor curto	5	4	1		●		
1ª Testos	A. Corredor curto	7	3	1				●
Freixo	A. Corredor curto	4+?		1				●
Oeste da Estrada de Montemor	A. Corredor curto	7	6	2	●			
Oiteirões 2	A. Corredor curto	7	2	2			●	●
Extrema Paço c/ Herdade de Cima	A. Corredor curto	8	3	3				●
1ª Varelas	A. Corredor curto	5	5	3	●		●	
3ª Batepé	A. Corredor curto	8	4	3				●
3ª Besteiros	A. Corredor curto	6	6	3	●			
Carvalho	A. Corredor curto	8	6	3	●			●
3ª Testos	A. Corredor curto	7	7	3	●			●
1ª Picançeirias	A. Corredor curto	4	3	3	●		●	
1ª Olheiros	A. Corredor curto	7	5	4				●
Almargem	A. Corredor curto	7	4	4				●
1ª Garcia	A. Corredor curto	7	2	5	●		●	
2ª Garcia	A. Corredor curto	7	3	5				●
Pimpolho	A. Corredor curto	6	3	7		●	●	●
Aldeinha	A. Corredor curto	8	6	8	●			●
2ª Gualões	A. Corredor curto	7	1	8			●	●
Oiteirões 3	A. Corredor curto	6	2	8	●			●
2ª Varelas	A. Corredor curto	8	2	10				●
Serrinha	A. Corredor curto	7	6	10	●			
Pasmaceira	A. Corredor curto	7	7	11	●		●	
Agrual	A. Corredor curto	6	7	20	●			
N.Sª Conceição Olivais	A. Corredor curto	4	3	28	●			●
5ª Cabeceira	A. Corredor médio	7	11	1				●
Cabeça Gorda	A. Corredor médio	7	6	2	●			
Outeiro de Santa Clara	A. Corredor médio	7	10	4	●			
2ª Picançeirias	A. Corredor médio	7	8	10	●		●	●
Comenda do Coelho	A. Corredor longo	7	9	1		●		
Velada	A. Corredor longo	9	8	1	●			
Chapelar	A. Corredor longo	8	6	1	●			

1ª Represa	A. Corredor longo	6	3	1	●		
1ª Amendoeira	A. Corredor longo	8	8	1			●
9ª Deserto	A. Corredor longo	7	4	1			●
Porto de Aviz de Baixo	A. Corredor longo	7	5	1			●
Vale do Beiró	A. Corredor longo	7	11	2	●		
2ª Nabos	A. Corredor longo	7	8	2			●
1ª Cabeceira	A. Corredor longo	8	10	2	●		●
3ª Brissos	A. Corredor longo	7	10	2			●
1ª Brissos	A. Corredor longo	8	8	3			●
Tanque Velho	A. Corredor longo	7	6	4	●		●
4ª Antas	A. Corredor longo	7	6	4	●		
1ª Alcarou	A. Corredor longo	7	8	4	●		●
Paço - B	A. Corredor longo	7	19	5			●
3ª Antas	A. Corredor longo	5	4	6	●	●	●
3ª Barrocal das Freiras	A. Corredor longo	9	10	6			●
Norte de Vale de Gato	A. Corredor longo	6	2	7	●		
Lebre	A. Corredor longo	6	6	8	●	●	●
1ª Antas	A. Corredor longo	6	4	10	●		●
Sul de Vale de Gato	A. Corredor muito longo	7	4	1			●
7ª Vidigal	A. Corredor muito longo	7	10	1			●
1ª Mata	A. Corredor muito longo	7	10	6			●
Grande da Comenda da Igreja	A. Corredor muito longo	8	16	20	●		●
Paço - A	A. Corredor muito longo	8	8	55	●	●	
Espragal	Destruída	3		1			●
4ª Cabeceira	Destruída	4		1			●
3ª Alcarou	Destruída	3	2	1	●		
4ª Testos	Destruída	1		1			●
Cabeço da Gorda	Destruída	3		1	●		
Tanque do Romão	Destruída	4		2	●		
2ª Lobeira de Cima	Destruída	6		2	●	●	
1ª Zambujeiro	Destruída	(?)		10	●		
4ª Vidigal	A. Anómalas	6	8	2			●
8ª Besteiros	A. Anómalas	10	0	2		●	

Quadro 7.22. Relação geométricos/arquitectura.

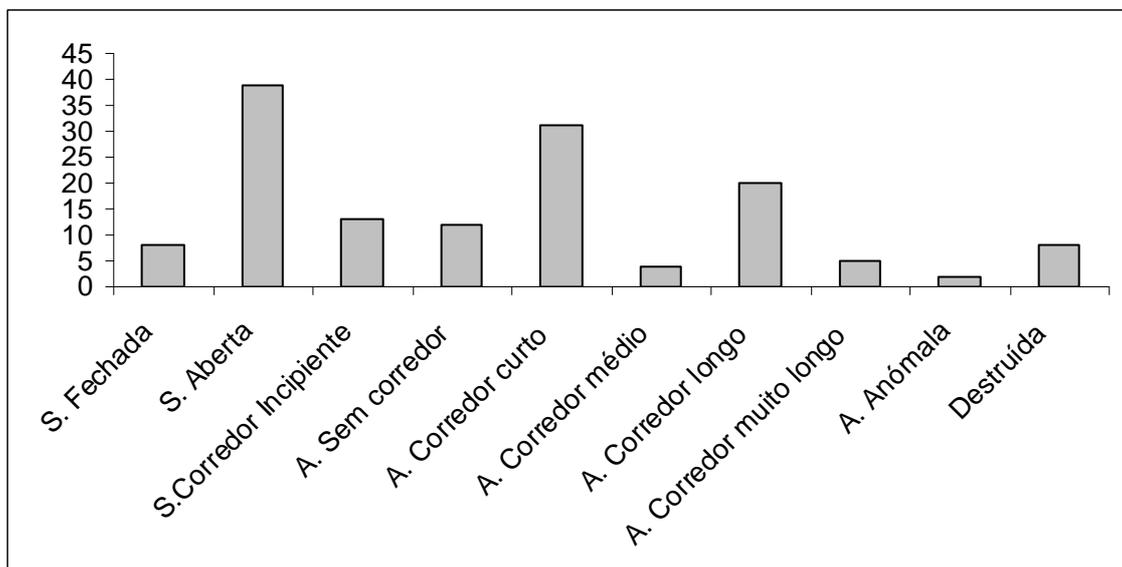


Figura 7.29. Número de monumentos com geométricos

A análise da relação entre geométricos e o Tipo de monumento permite verificar que estes materiais se encontram presentes em todos os tipos de arquitecturas considerados; são, no entanto, mais frequentes nas sepulturas abertas, seguidas das antas de corredor curto e das antas com corredor longo.

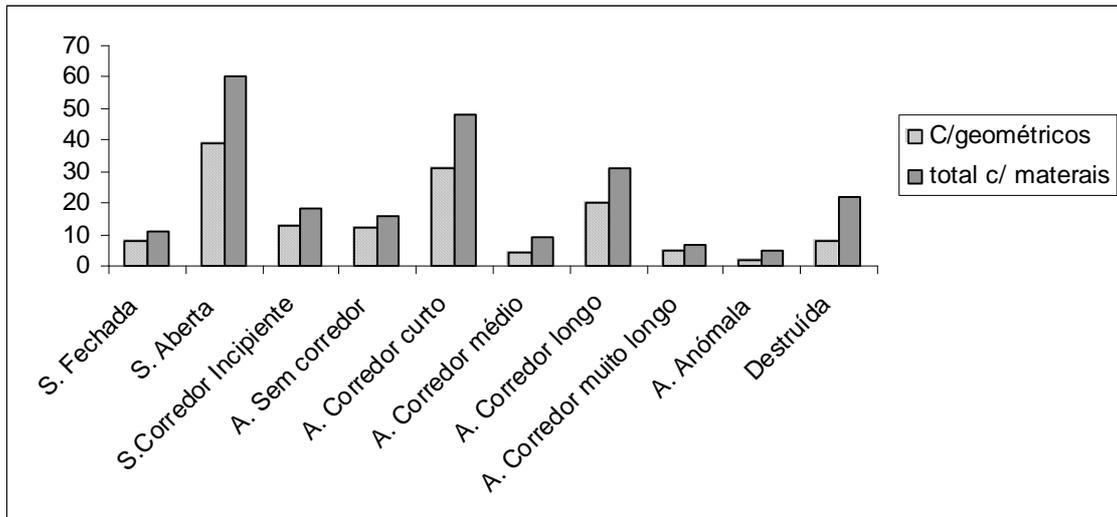


Figura 7.30. Número de monumentos com geométricos por Tipo (cinza tracejado), comparados com o número total de monumentos (cinza escuro).

A comparação entre o número de monumentos com geométricos e o número total de monumentos, dentro de cada um dos Tipos arquitectónicos considerados, permite-nos também verificar que os geométricos estão representados em todos eles.

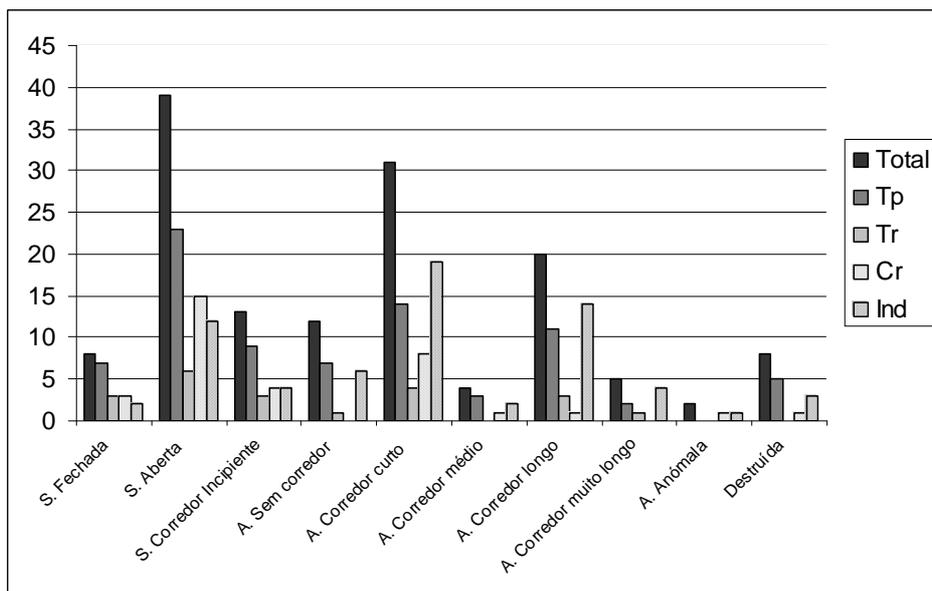


Figura 7.31. Número total de monumentos com geométricos por Tipo (cinza escuro), comparados com os diversos tipos de geométricos. Tp: trapézios; Tr: triângulos; Cr: crescentes; Ind: Indeterminados.

Tendo em conta a variedade morfológica dos geométricos, verifica-se que, dentro desta categoria, os trapézios são largamente dominantes em quase todos os tipos arquitectónicos (excluindo os indeterminados), à excepção das antas de planta anómala, onde não se registou nenhum exemplar.

Note-se que os geométricos foram a “prova” material mais recorrentemente apresentada, desde Manuel Heleno, em defesa da origem mesolítica dos construtores dos megálitos alentejanos, e não só. Essa valorização preferencial levou Vera Leisner, após a morte do marido, a desenhar uma amostra relativamente ampla de geométricos depositados no MNAE, provenientes das escavações de Manuel Heleno; esse trabalho, além de demonstrar a importância que ela certamente lhes atribuía, teve a particularidade de ter sido efectuado sem que a autora tivesse tido acesso à chave dos códigos que a proveniência dos artefactos, pelo que, apesar de publicado, em *fac-símile*, pelo Instituto Arqueológico Alemão (Leisner, 1985), teve, até agora, uma utilidade muito reduzida.

Ao contrário das anotações de Manuel Heleno, os desenhos de Vera Leisner – que, apesar de mais parcelares, podem ser considerados uma amostra representativa – permitiram uma análise tipológica mais detalhada, cujos resultados, tal como os dados de partida, exigem, naturalmente, alguma flexibilidade. Os Tipos considerados seguiram a metodologia utilizada por Jean Roche, na classificação das indústrias microlíticas de Muge, a partir dos resultados da escavação da Moita do Sebastião (Roche, 1972).

		M. Heleno	J. Roche
TRIANGULOS	escalenos	2,27%	
TRAPÉZIOS	Simétricos	2,55%	5,80%
	Simétricos c/truncaturas concava	1,13%	4,00%
	Simétricos c/truncaturas rectilíneas	1,42%	1,80%
	Assimétricos	60,68%	94,00%
	Assimétricos grande truncatura rectilínea	36,18%	53,00%
	Assimétricos grande truncatura concava	16,52%	25,40%
	Assimétrico grande truncatura convexa	7,97%	14,90%
	Assimétricos com Base menor retocada	13,1%	
	Rectângulos	6,26%	0,70%
CRESCENTES		13,67%	0%
INDETERMINADO		1,42%	

Quadro 7.23. Quadro comparativo dos micrólitos provenientes das escavações de Manuel Heleno (com base nos desenhos de Vera Leisner) e dos da Moita do Sebastião (Roche, 1972).

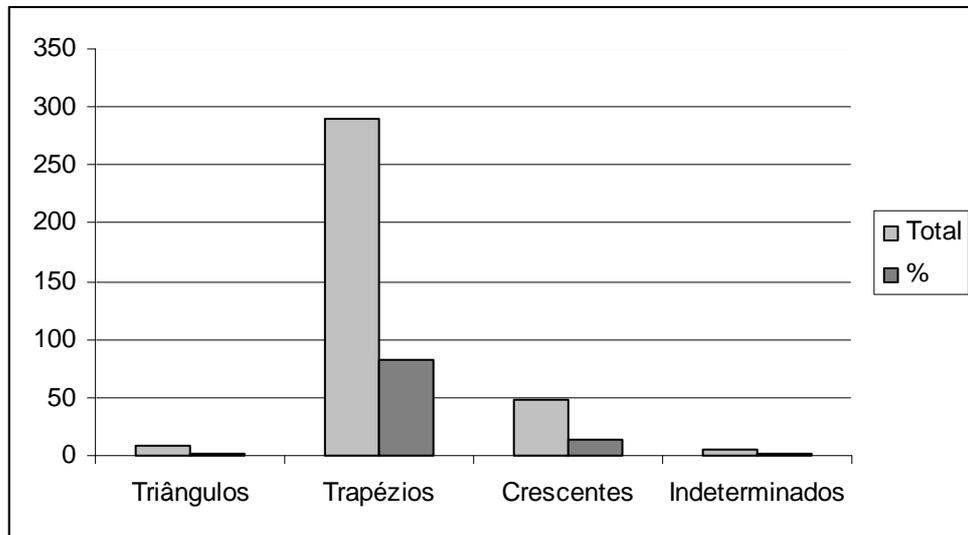


Figura 7.32. Tipos de geométricos, com base nos desenhos de Vera Leisner (Leisner, 1985).

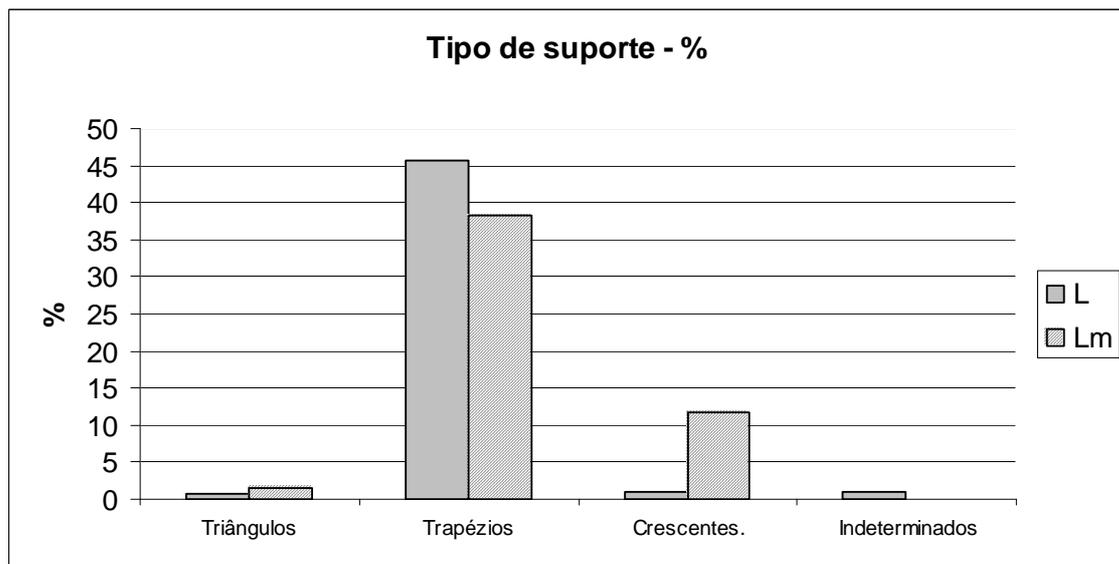


Figura 7.33. Percentagens comparadas dos tipos de suporte dos geométricos, com base nos desenhos de Vera Leisner (Leisner, 1985).

Um dos parâmetros que, com alguma flexibilidade, foi possível analisar, com base nos referidos desenhos, diz respeito ao tipo de suporte utilizado na obtenção dos geométricos: lâminas (largura ≥ 12 mm) ou lamelas (largura < 12 mm).

Quanto às lâminas aparecem em 110 monumentos o que equivale a cerca de 48% das exemplares com materiais.

DESIGNAÇÃO	TIPO	Cm	Cr	L
Cabeço da Areia	S. Fechada	6	0	●
14ª do Deserto	S. Fechada	7	0	●
Casarões do Zambujeiro	S. Aberta	10	0	●
2ª do Vale do Freixo	S. Aberta	8	0	●
Poço da Freguesia	S. Aberta	5	0	●
Barrada	S. Aberta	17	0	●
3ª do Poço de S. Geraldo	S. Aberta	3	0	●
2ª das Casas de Baixo	S. Aberta	12	0	●
Vale de Covas	S. Aberta	8	0	●
Barradinha	S. Aberta	8	0	●
Tanque do Monte	S. Aberta	5	0	●
3ª Lobeira de Cima (Rouco)	S. Aberta	6	0	●
4ª do Deserto	S. Aberta	9	0	●
5ª do Deserto	S. Aberta	6	0	●
6ª do Deserto	S. Aberta	8	0	●
5ª de Besteiros	S. Aberta	8	0	●
3ª de Santa Cruz	S. Aberta	5	0	●
7ª do Deserto	S. Aberta	9	0	●
19ª do Deserto	S. Aberta	6	0	●
2ª dos Testos	S. Aberta	8	0	●
2ª da Courela	S. Aberta	8	0	●
4ª da Courela	S. Aberta	5	0	●
Talha 1	S. Aberta	7	0	●
Monte de Cima	S. Corredor Incipiente	9	3	●
Penedo do Bispo	S. Corredor Incipiente	12	0	●
4ª da Aldeia dos Bertandos	S. Corredor Incipiente	6	2	●
2ª da Guarita - Azinhal	S. Corredor Incipiente	9	3	●
3ª da Lobeira de Baixo	S. Corredor Incipiente	6	8	●
2ª do Mouchão Azinheiras	S. Corredor Incipiente	8	2	●
6ª do Barrocal das Freiras	S. Corredor Incipiente	6	3	●
1ª de Santa Cruz	S. Corredor Incipiente	8	0	●
3ª da Courela	S. Corredor Incipiente	8		●
Pequena da Comenda da Igreja	A. Sem corredor	10	0	●
Curral da Antinha	A. Sem corredor	7	0	●
Várzeas	A. Sem corredor	5	0	●
Cabeço da Rainha	A. Sem corredor	5	0	●
2ª de S. Geraldo	A. Sem corredor	7	0	●
2ª da Aldeia dos Bertandos	A. Sem corredor	6	0	●
Talha 2	A. Sem corredor	3		●
Pimpolho	A. Corredor curto	6	3	●
Vale do Pereiro	A. Corredor curto	7	4	●
W Estrada de Montemor	A. Corredor curto	7	6	●
Grande Caminho Fanica	A. Corredor curto	8	6	●
Vale Cancelas	A. Corredor curto	7	6	●
Pasmaceira	A. Corredor curto	7	7	●
Aldeinha	A. Corredor curto	8	6	●
2ª da Lobeira de Baixo	A. Corredor curto	4	7	●
1ª do Garcia	A. Corredor curto	7	2	●
2ª do Garcia	A. Corredor curto	7	3	●
1ª dos Varelas	A. Corredor curto	5	5	●

2ª dos Varelas	A. Corredor curto	8	2	●
2ª do Vidigal	A. Corredor curto	6	7	●
5ª do Vidigal	A. Corredor curto	7	3	●
3ª de Besteiros	A. Corredor curto	6	6	●
2ª dos Barros do Grou	A. Corredor curto	6	5	●
1ª Olheiros	A. Corredor curto	7	5	●
3ª dos Testos	A. Corredor curto	7	7	●
2ª dos Gualões	A. Corredor curto	7	1	●
1ª das Picanças	A. Corredor curto	4	3	●
Agrual	A. Corredor curto	6	7	●
Almargem	A. Corredor curto	7	4	●
N.Sª Conceição Olivais	A. Corredor curto	4	3	●
Oiteirões 2	A. Corredor curto	7	2	●
Oiteirões 3	A. Corredor curto	6	2	●
Leste estrada de Montemor	A. Corredor médio	8	10	●
Pequena Caminho Fanica	A. Corredor médio	6	2	●
Oliveira da Cruz	A. Corredor médio	8	6	●
Outeiro de Santa Clara	A. Corredor médio	7	10	●
5ª da Cabeceira	A. Corredor médio	7	11	●
7ª de Brissos	A. Corredor médio	7	8	●
4ª dos Gualões	A. Corredor médio	8	11	●
2ª das Picanças	A. Corredor médio	7	8	●
Paço – B	A. Corredor longo	7	19	●
Comenda do Coelho	A. Corredor longo	7	9	●
Velada	A. Corredor longo	9	8	●
Norte de Vale de Gato	A. Corredor longo	6	2	●
Chapelar	A. Corredor longo	8	6	●
Tanque Velho	A. Corredor longo	7	6	●
Vale do Beiró	A. Corredor longo	7	11	●
1ª da Aldeia dos Bertandos	A. Corredor longo	7	10	●
3ª Antas	A. Corredor longo	5	4	●
4ª Antas	A. Corredor longo	7	6	●
2ª de Batepé	A. Corredor longo	6	12	●
1ª Nabos	A. Corredor longo	8	8	●
2ª Nabos	A. Corredor longo	7	8	●
Monte das Pedras	A. Corredor longo	7	8	●
1ª da Represa	A. Corredor longo	6	3	●
3ª do Barrocal das Freiras	A. Corredor longo	9	10	●
1ª da Amendoeira	A. Corredor longo	8	8	●
2ª da Amendoeira	A. Corredor longo	9	10	●
3ª do Vidigal	A. Corredor longo	7	11	●
1ª da Cabeceira	A. Corredor longo	8	10	●
1ª de Brissos	A. Corredor longo	8	8	●
3ª de Brissos	A. Corredor longo	7	10	●
Porto de Aviz de Baixo	A. Corredor longo	7	5	●
1ª de Alcarou	A. Corredor longo	7	8	●
Lebre	A. Corredor longo	6	6	●
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●
Grande Comenda da Igreja	A. Corredor muito longo	8	16	●
Sul de Vale de Gato	A. Corredor muito longo	7	4	●
4ª de Santa Cruz	A. Corredor muito longo	7	8	●
7ª do Vidigal	A. Corredor muito longo	7	10	●

Tanque do Romão	Destruída	4	●
4ª dos Testos	Destruída	1	●
1ª da Courela	Destruída		●
1ª da Eira	Destruída	5	●
1ª Zambujeiro	Destruída	(?)	●
Cascalho (Eira)	Destruída	5	●
Seixinho	A. Anómalas	5	13 ●
4ª do Vidigal	A. Anómalas	6	8 ●

Quadro 7.24. Relação lâminas/arquitectura.

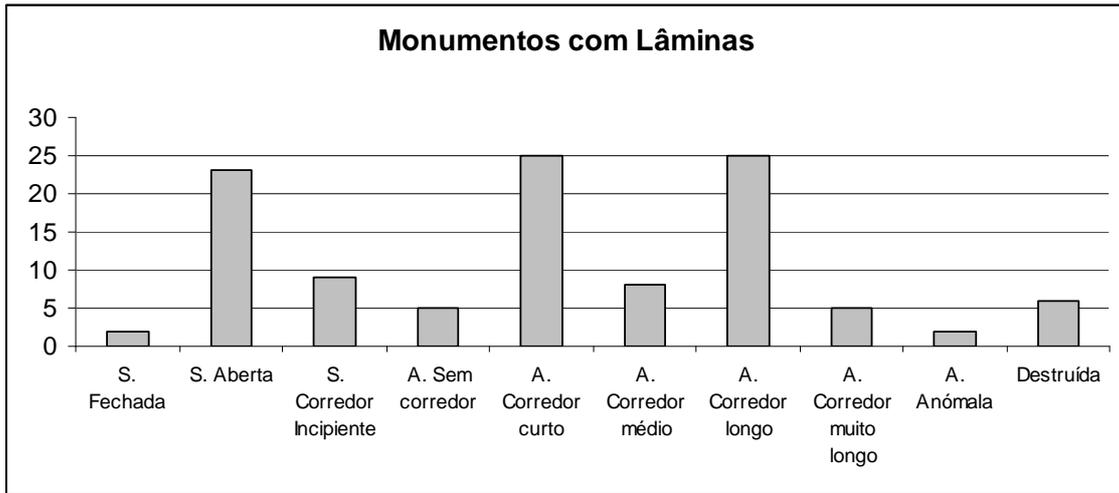


Figura 7.34. Número de monumentos com lâminas, por Tipos.

A análise da relação arquitectura/número de antas com lâminas, permite-nos verificar que o Tipo arquitectónico mais representado é o das antas de corredor curto, seguidas das antas de corredor longo e das pequenas sepulturas abertas, com 26, 25 e 21 monumentos, respectivamente.

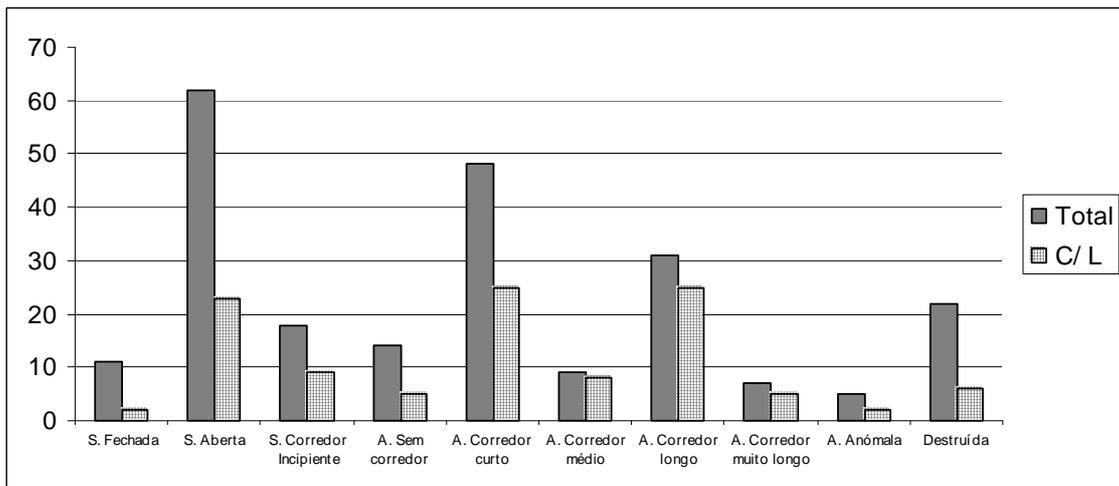


Figura 7.35. Número total de monumentos com espólio, por Tipo (cinza escuro), comparados com o número de monumentos com lâminas (xadrez).

Por outro lado, a análise do gráfico anterior, permite-nos verificar que os casos em que existe um menor número de lâminas, tendo em conta o número de monumentos existentes (< a 50%), são o das sepulturas fechadas, as abertas, as antas só com câmara, as antas destruídas e as de planta anómala.

Quanto às lamelas verifica-se a sua presença em 45 monumentos, o que equivale a cerca de 20% dos monumentos com espólio.

DESIGNAÇÃO	TIPO	Cm	Cr	Lm
Curral da Mosca	S. Fechada	8	0	●
13ª do Deserto	S. Fechada	8	0	●
8ª do Barrocal das Freiras	S. Fechada	6	0	●
Mouchão das Azinheiras	S. Aberta	6	0	●
Vale do Freixo	S. Aberta	8	0	●
Tanque do Monte	S. Aberta	5	0	●
5ª do Deserto	S. Aberta	6	0	●
9ª de Besteiros	S. Aberta	5	0	●
22ª do Deserto	S. Aberta	5	0	●
4ª da Courela	S. Aberta	5	0	●
Penedo do Bispo	S. Corredor Incipiente	12	1	●
2ª do Deserto	S. Corredor Incipiente	7	4	●
3ª do Deserto	S. Corredor Incipiente	5	1	●
16ª do Deserto	S. Corredor Incipiente	8	2	●
Cabeço da Rainha	A. Sem corredor	5	0	●
2ª da Aldeia dos Bertandos	A. Sem corredor	6	0	●
1ª da Lobeira (?) de Baixo	A. Sem corredor	5	0	●
2ª da Represa	A. Sem corredor	3	0	●
Pimpolho	A. Corredor curto	6	3	●
Vale Cancelas	A. Corredor curto	7	6	●
Aldeinha	A. Corredor curto	8	6	●
1ª do Garcia	A. Corredor curto	7	2	●
1ª de Batepé	A. Corredor curto	8	6	●
2ª do Vidigal	A. Corredor curto	6	7	●
Carvalho	A. Corredor curto	8	6	●
1ª Águias	A. Corredor curto	7		●
1ª dos Testos	A. Corredor curto	7	3	●
Freixa	A. Corredor curto	7	4	●
1ª das Picanças	A. Corredor curto	4	3	●
Oliveira da Cruz	A. Corredor médio	8	6	●
5ª da Cabeceira	A. Corredor médio	7	11	●
Cabeça Gorda	A. Corredor médio	7	6	●
Norte de Vale de Gato	A. Corredor longo	6	2	●
Chapelar	A. Corredor longo	8	6	●
1ª Antas	A. Corredor longo	6	4	●
3ª Antas	A. Corredor longo	5	4	●
2ª Nabos	A. Corredor longo	7	8	●
1ª da Amendoeira	A. Corredor longo	8	8	●
1ª da Cabeceira	A. Corredor longo	8	10	●
6ª de Brissos	A. Corredor longo	6	6	●

Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●
Grande Comenda da Igreja	A. Corredor muito longo	8	16	●
2ª Antas	Destruída	1		●
4ª da Cabeceira	Destruída	4		●
3ª de Alcarou	Destruída	3	2	●

Quadro 7.25. Relação lamelas/arquitectura.

Tendo em conta o número de monumentos com lamelas, verifica-se um predomínio das antas de corredor curto, seguido das antas de corredor longo e das sepulturas abertas (ver Figura 7.36).

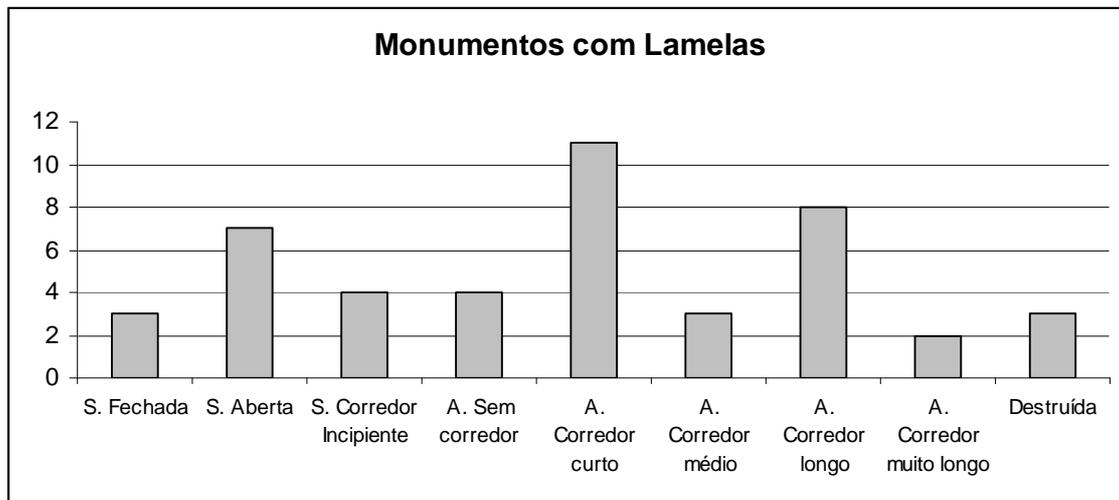


Figura 7.36. Número de monumentos com lamelas, por Tipo.

Apesar de as lamelas serem, normalmente, consideradas um indicador de antiguidade, a relação entre o tipo de arquitectura e a presença de lamelas permite verificar que, neste conjunto, elas são minoritárias nos monumentos arquitectónicamente mais simples, conforme se pode verificar pela leitura do Gráfico seguinte.

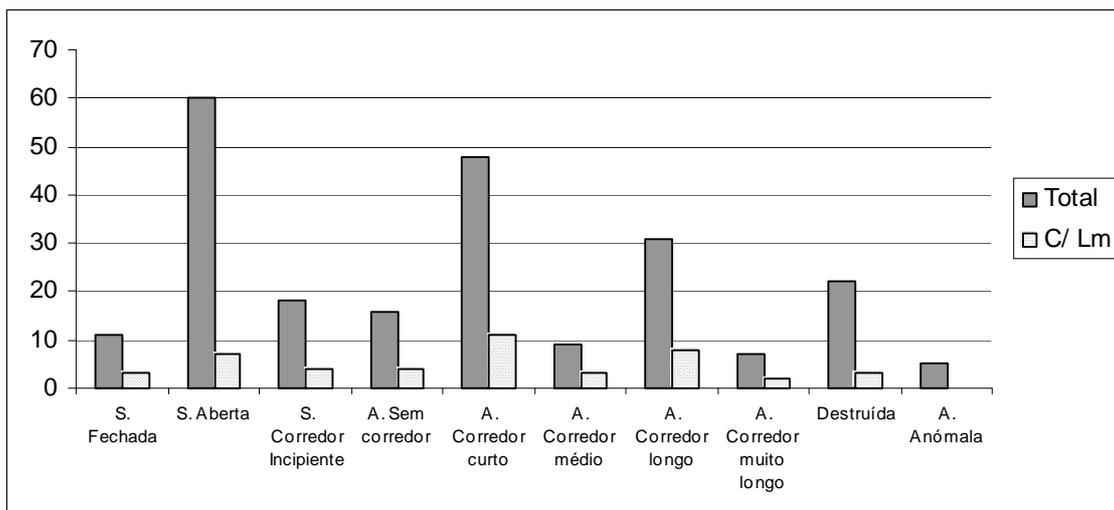


Figura 7.37. Número total de monumentos com espólio, por Tipo (cinza escuro), comparados com o número de monumentos com lamelas.

As pontas de seta, por sua vez estão presentes em 45 monumentos, o que corresponde a cerca de 37% dos monumentos inventariados, com espólio.

DESIGNAÇÃO	TIPO	Cm	Cr	Ps			
				Br	Bcv	Bcc	Out
Curral da Mosca	S. Fechada	8	0			●	
2ª do Peral	S. Aberta	6	0				●
Talha 1	S. Aberta	7	0	●	●		
2ª da Guarita – Azinhal	S. Corredor Incipiente	9	3				●
3ª da Courela	S. Corredor Incipiente	8					●
Curral da Antinha	A. Sem corredor	7	0	●	●	●	
Várzeas	A. Sem corredor	5	0	●	●	●	
2ª de Santa Cruz	A. Sem corredor	7	0	●		●	
Zambujo	A. Sem corredor	6	0	●		●	
Talha 2	A. Sem corredor	3		●	●	●	
Pimpolho ou Arneiro das Pedras	A. Corredor curto	6	3	●	●	●	
Vale do Pereiro	A. Corredor curto	7	4				●
Oeste da Estrada de Montemor	A. Corredor curto	7	6	●		●	●
Estanque	A. Corredor curto	7	2			●	●
3ª da Aldeia dos Bertianos	A. Corredor curto	10	7	●	●		●
Aldeinha	A. Corredor curto	8	6	●	●		
1ª do Garcia	A. Corredor curto	7	2	●		●	
2ª do Garcia	A. Corredor curto	7	3	●	●	●	
1ª dos Varelas	A. Corredor curto	5	5			●	
2ª dos Varelas	A. Corredor curto	8	2	●	●	●	
1ª dos Besteiros	A. Corredor curto	7	6	●	●	●	
3ª de Batepé	A. Corredor curto	8	4	●	●	●	
1ª da Atalaia	A. Corredor curto	7	2			●	
2ª do Vidigal	A. Corredor curto	6	7				●
5ª do Vidigal	A. Corredor curto	7	3				●
3ª de Besteiros	A. Corredor curto	6	6	●	●	●	
Carvalho	A. Corredor curto	8	6	●	●	●	

1ª dos Barros do Grou	A. Corredor curto	7	2		●		●
1ª Olheiros	A. Corredor curto	7	5	●	●	●	
1ª Águias	A. Corredor curto	7			●	●	
1ª dos Testos	A. Corredor curto	7	3			●	
3ª dos Testos	A. Corredor curto	7	7	●	●	●	
2ª dos Gualões	A. Corredor curto	7	1	●	●	●	
Fuletreira/ Filtreira	A. Corredor curto	6	7	●	●	●	
Serrinha	A. Corredor curto	7	6	●		●	
Agrual	A. Corredor curto	6	7			●	
Almargem	A. Corredor curto	7	4	●			
Chaminé	A. Corredor curto	7	6	●	●	●	
N.ª Conceição Olivais	A. Corredor curto	4	3	●	●	●	
Oiteirões 2	A. Corredor curto	7	2				●
Leste estrada de Montemor	A. Corredor médio	8	10		●	●	●
Oliveira da Cruz (Comenda Igreja)	A. Corredor médio	8	6				●
Outeiro de Santa Clara	A. Corredor médio	7	10	●		●	
5ª da Cabeceira	A. Corredor médio	7	11	●	●	●	
7ª de Brissos	A. Corredor médio	7	8			●	●
Cabeça Gorda	A. Corredor médio	7	6				●
4ª dos Gualões	A. Corredor médio	8	11			●	
2ª das Picanceiras	A. Corredor médio	7	8			●	
Paço – B	A. Corredor longo	7	19	●	●	●	●
Comenda do Coelho	A. Corredor longo	7	9	●			
Velada	A. Corredor longo	9	8			●	●
Norte de Vale de Gato	A. Corredor longo	6	2	●		●	
Chapelar	A. Corredor longo	8	6	●	●	●	
Tanque Velho	A. Corredor longo	7	6	●			
Vale do Beiró (Água Doce)	A. Corredor longo	7	11	●	●	●	
1ª da Aldeia dos Bertandos	A. Corredor longo	7	10	●		●	●
1ª Antas	A. Corredor longo	6	4	●	●	●	
3ª Antas	A. Corredor longo	5	4	●	●	●	
4ª Antas	A. Corredor longo	7	6	●		●	
2ª de Batepé	A. Corredor longo	6	12	●	●	●	
2ª Nabos	A. Corredor longo	7	8	●	●	●	
Monte das Pedras	A. Corredor longo	7	8	●	●	●	
1ª da Represa	A. Corredor longo	6	3		●		
3ª do Barrocal das Freiras	A. Corredor longo	9	10	●	●	●	
1ª da Amendoeira	A. Corredor longo	8	8		●	●	
2ª da Amendoeira	A. Corredor longo	9	10				●
3ª do Vidigal	A. Corredor longo	7	11			●	
1ª da Cabeceira	A. Corredor longo	8	10	●	●	●	
3ª da Cabeceira	A. Corredor longo	5	10	●	●	●	
9ª do Deserto	A. Corredor longo	7	4				
1ª de Brissos	A. Corredor longo	8	8			●	●
3ª de Brissos	A. Corredor longo	7	10		●	●	
2ª de Alcarou	A. Corredor longo	6	10			●	
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●	●	●	●
Tapada	A. Corredor muito longo	7	18	●		●	●
Grande da Comenda da Igreja	A. Corredor muito longo	8	16	●	●	●	
Sul de Vale de Gato	A. Corredor muito longo	7	4	●	●	●	
7ª do Vidigal (Cabeço do Mouro)	A. Corredor muito longo	7	10		●	●	
1ª da Mata	A. Corredor muito longo	7	10			●	●

2ª Antas	Destruída	1			●		
Espragal	Destruída	3			●		
5ª de Brissos	Destruída	7	2			●	
Cascalho (Eira)	Destruída	5		●	●	●	
Espadanal	Destruída	3			●	●	
4ª do Vidigal	A. Anómala	6	8			●	

Quadro 7.26. Relação pontas de seta/arquitectura.

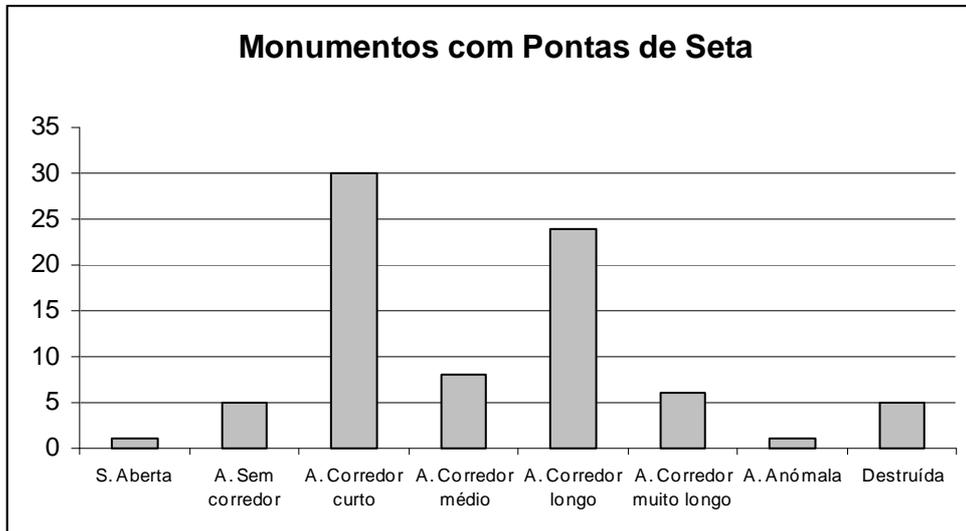


Figura 7.38. Número de monumentos com pontas de seta, por Tipo.

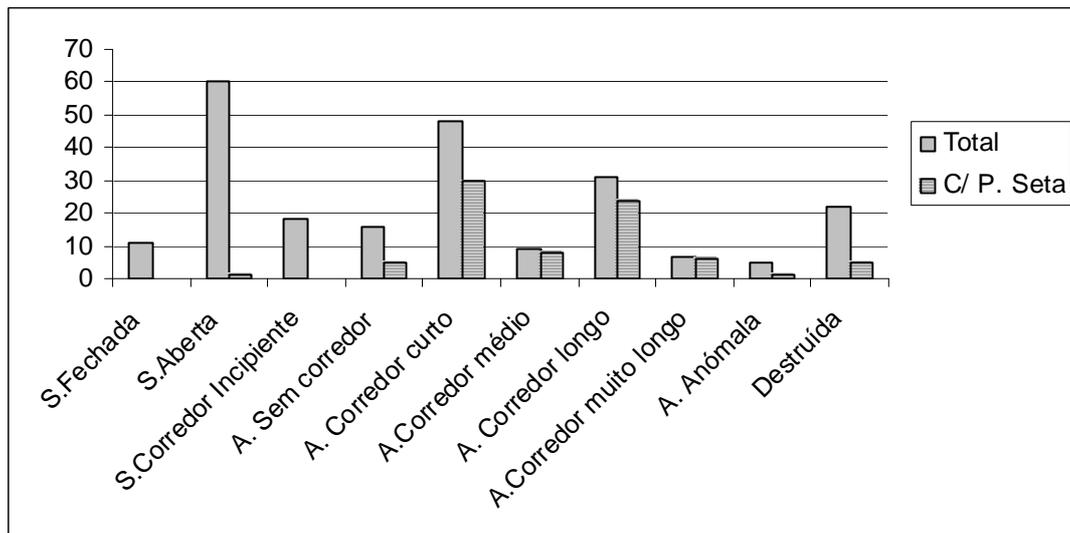


Figura 7.39. Número total de monumentos com espólio, por Tipo (cinza escuro), comparados com o número de monumentos com pontas de seta.

Da análise dos Gráficos anteriores, verifica-se que foram recolhidas pontas de seta em todos os tipos arquitectónicos considerados; no entanto, a sua presença nos monumentos mais simples, é apenas vestigial, com valores inferiores a cinco monumentos, embora, nos caos em que existem, estejam presentes as de base recta, convexa e côncava.

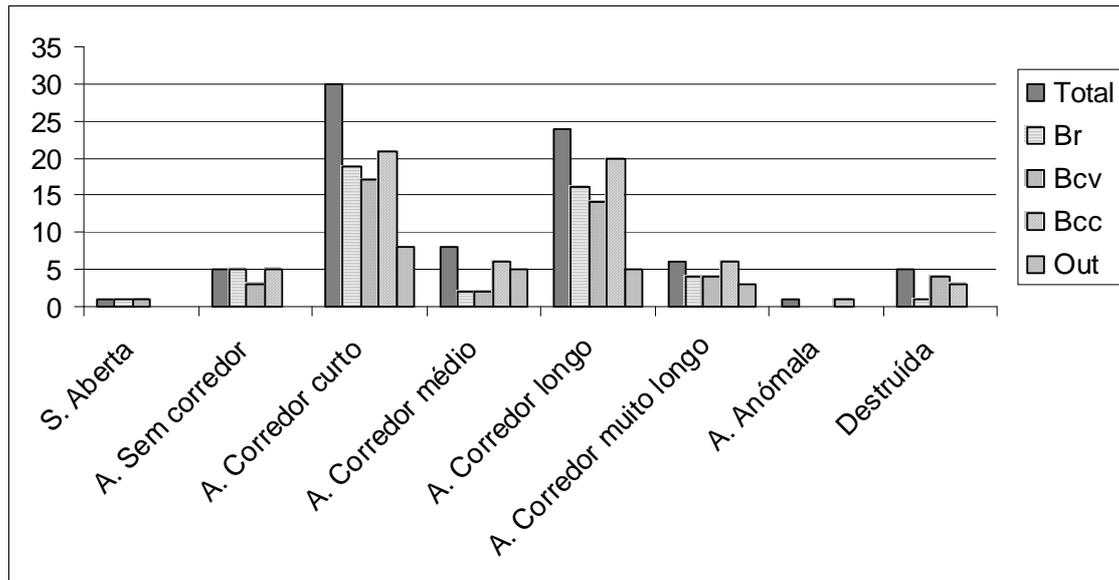


Figura 7.40. Número total de monumentos com pontas de seta, por Tipo (cinza escuro), comparados com os diversos tipos de pontas de seta. Br: base recta; Bcv: base convexa; Bcc: base concava; Out: outra.

As pontas de seta surgem, de um modo muito expressivo, nos monumentos com corredor curto e com corredor longo e, em muito menor percentagem, nas antas de corredor médio e de corredor muito longo. Para além deste aspecto, verifica-se que, nestes quatro tipos arquitectónicos, existe um predomínio das pontas de seta de base côncava, sendo a base recta a categoria seguinte apenas nas antas de corredor curto e longo. Nas outras (corredor médio e muito longo) as percentagens são similares às de base recta.

Ainda em termos gerais, se compararmos as presenças/ausências de pontas de seta, em função do tipo de matéria-prima dos monumentos (xisto ou granito), verificamos que as pontas de seta estão presentes, de uma forma relativamente expressiva em sepulturas de xisto, como as da Talha 1 e 2, por exemplo, enquanto, em contrapartida, estão completamente ausentes nas de granito.

Em relação às alabardas, Manuel Heleno regista a sua presença em 17 monumentos, o que corresponde a cerca de 7,5% dos monumentos com espólio.

DESIGNAÇÃO	TIPO	Cm	Cr	Alab
Várzeas	A. Sem corredor	5	0	●
2ª de Santa Cruz	A. Sem corredor	7	0	●
Pimpolho ou Arneiro das Pedras	A. Corredor curto	6	3	●
2ª da Lobeira de Baixo	A. Corredor curto	4	7	●
1ª do Garcia	A. Corredor curto	7	2	●
2ª do Garcia	A. Corredor curto	7	3	●

3ª de Besteiros	A. Corredor curto	6	6	●
Carvalho	A. Corredor curto	8	6	●
Chaminé	A. Corredor curto	7	6	●
3ª Antas	A. Corredor longo	5	4	●
2ª de Batepé	A. Corredor longo	6	12	●
1ª da Amendoeira	A. Corredor longo	8	8	●
3ª do Vidigal	A. Corredor longo	7	11	●
1ª da Cabeceira	A. Corredor longo	8	10	●
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●
Grande da Comenda da Igreja	A. Corredor muito longo	8	16	●
Sul de Vale de Gato	A. Corredor muito longo	7	4	●

Quadro 7.27. Relação alabarda/arquitectura.

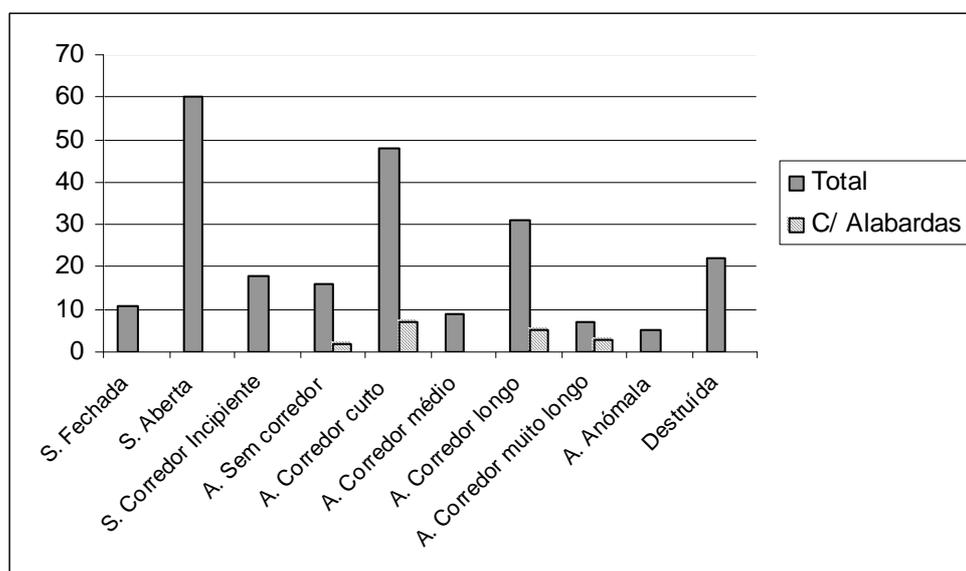


Figura 7.41. Número total de monumentos com espólio, por Tipo (cinza escuro), comparados com os monumentos com alabardas.

As alabardas têm uma presença pouco significativa nestes monumentos, estando ausentes em diversos tipos arquitectónicos, como as pequenas sepulturas, as antas de corredor médio, as de planta anómala e as que se encontravam destruídas.

7.2.4.4. Placas de xisto

O grupo das placas de xisto foi dividido em sete subgrupos, em função das descrições apresentadas por Manuel Heleno, embora, nalguns casos, se trate de categorias que se sobrepõem: as lisas, as antropomórficas, as oculadas, as geométricas, as placas com decoração dos dois lados, com decoração nos bordos laterais e as indeterminadas. Foram, no total, recolhidas placas de xisto em 76 monumentos, o que representa 33,3% dos monumentos com espólio.

DESIGNAÇÃO	TIPO	Cm	Cr	Px						Total	
				Lis	Ant	Pocul	Geom	2lad	Lat		Ind
Talha 1	S. Aberta	7	0	●	●	●	●	●			10
Curral da Antinha	A. Sem corredor	7	0			●				●	2
2ª Santa Cruz	A. Sem corredor	7	0							●	2
Zambujo	A. Sem corredor	6	0				●				2
Várzeas	A. Sem corredor	5	0				●			●	16
Aldeinha	A. Corredor curto	8	6							●	1
1ª Garcia	A. Corredor curto	7	2							●	1
1ª Vidígal	A. Corredor curto	7	2							●	1
1ª Barros do Grou	A. Corredor curto	7	2				●			●	1
1ª Olheiros	A. Corredor curto	7	5							●	1
1ª Águias	A. Corredor curto	7					●				1
1ª Testos	A. Corredor curto	7	3				●				1
2ª Gualões	A. Corredor curto	7	1				●				1
Fuletreira/ Filtreira	A. Corredor curto	6	7							●	1
Serrinha	A. Corredor curto	7	6							●	1
Almargem	A. Corredor curto	7	4							●	1
N.ª Conceição Olivais	A. Corredor curto	4	3				●				1
Oiteirões 2	A. Corredor curto	7	2							●	1
Oiteirões 3	A. Corredor curto	6	2				●				1
1ª Besteiros	A. Corredor curto	7	6	●			●				2
2ª Lobeira de Baixo	A. Corredor curto	4	7				●			●	3
3ª Batepé	A. Corredor curto	8	4		●		●				3
Pimpolho	A. Corredor curto	6	3							●	4
W Estrada de Montemor	A. Corredor curto	7	6				●			●	5
Estanque	A. Corredor curto	7	2				●				5
2ª Garcia	A. Corredor curto	7	3				●				5
3ª Besteiros	A. Corredor curto	6	6				●				5
5ª Vidígal	A. Corredor curto	7	3				●			●	6
3ª Testos	A. Corredor curto	7	7				●				8
1ª Varelas	A. Corredor curto	5	5			●	●	●		●	9
Freixa	A. Corredor curto	7	4			●	●				9
2ª Vidígal	A. Corredor curto	6	7		●		●			●	13
Carvalho	A. Corredor curto	8	6				●				14
Chaminé	A. Corredor curto	7	6	●			●				20
2ª Varelas	A. Corredor curto	8	2	●		●	●	●			32
Leste estrada de Montemor	A. Corredor médio	8	10							●	1
7ª Brissos	A. Corredor médio	7	8				●				1
Outeiro de Santa Clara	A. Corredor médio	7	10				●				2
2ª Picanceiras	A. Corredor médio	7	8				●				5
5ª Cabeceira	A. Corredor médio	7	11				●			●	7
4ª Gualões	A. Corredor médio	8	11				●			●	10
1ª Nabos	A. Corredor longo	8	8				●				1
1ª Represa	A. Corredor longo	6	3				●				1
2ª Amendoeira	A. Corredor longo	9	10							●	1
3ª Brissos	A. Corredor longo	7	10							●	1
1ª Alcarou	A. Corredor longo	7	8							●	1
1ª Aldeia Bertiandos	A. Corredor longo	7	10				●				2
4ª Antas	A. Corredor longo	7	6				●				2
2ª Nabos	A. Corredor longo	7	8				●				3

1ª Amendoeira	A. Corredor longo	8	8				●				●	4
3ª Vidigal	A. Corredor longo	7	11					●			●	4
2ª Alcarou	A. Corredor longo	6	10	●				●				7
Chapelar	A. Corredor longo	8	6					●			●	8
3ª Antas	A. Corredor longo	5	4					●				8
1ª Brissos	A. Corredor longo	8	8	●		●		●			●	8
Comenda do Coelho	A. Corredor longo	7	9					●	●		●	9
1ª Antas	A. Corredor longo	6	4					●				9
Tanque Velho	A. Corredor longo	7	6					●			●	13
Vale do Beiró	A. Corredor longo	7	11	●	●	●		●			●	15
Velada	A. Corredor longo	9	8		●			●			●	25
Monte das Pedras	A. Corredor longo	7	8					●	●			26
2ª Batepé	A. Corredor longo	6	12		●	●		●				40
Paço – B	A. Corredor longo	7	19					●	●	●	●	54
3ª Barrocal das Freiras	A. Corredor longo	9	10	●	●	●		●	●			65
1ª Mata	A. Corredor muito longo	7	10								●	1
7ª Vidigal	A. Corredor muito longo	7	10					●				2
Tapada	A. Corredor muito longo	7	18								●	5
Grande Comenda Igreja	A. Corredor muito longo	8	16	●		●		●	●		●	45
Sul de Vale de Gato	A. Corredor muito longo	7	4	●				●	●		●	46
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●	●	●		●	●	●	●	307
Espadanal	Destruída	3					●		●	●		1
Cascalho (Eira)	Destruída	5		●								2
Espragal	Destruída	3						●				4
1ª Courela	Destruída						●	●				13
Rabaçal	A. Anómala	8	8				●	●				16
4ª Vidigal	A. Anómala	6	8		●						●	9

Quadro 7.28. Relação placas de xisto/arquitectura.

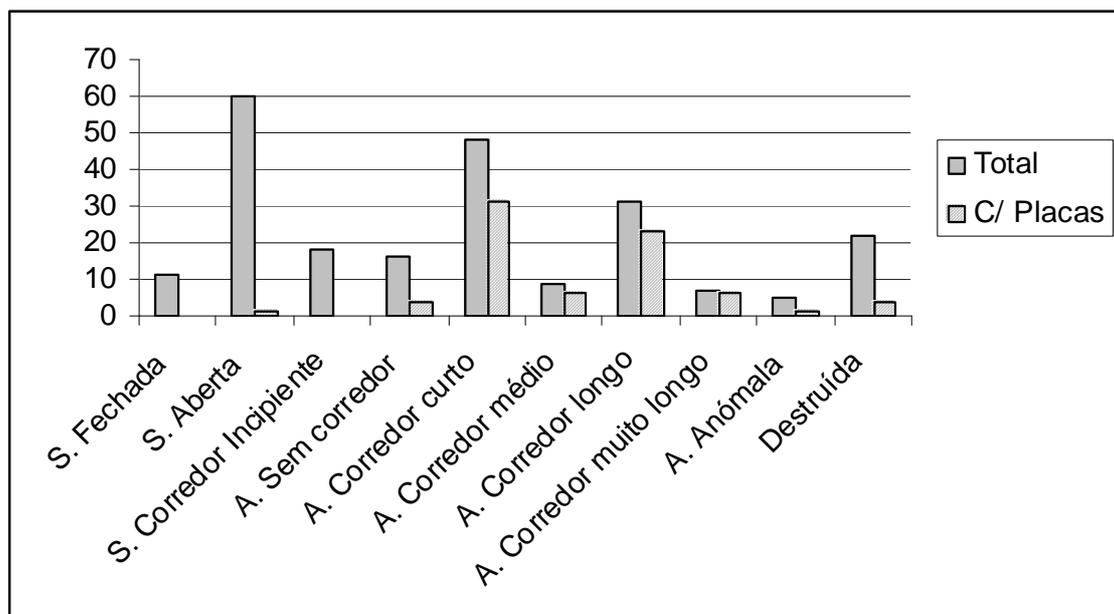


Figura 7.42. Número total de monumentos com espólio, por Tipo (cinza escuro), comparados com os monumentos com placas

As placas de xisto aparecem em todos os monumentos arquitectonicamente mais evoluídos, mas também numa sepultura aberta, de xisto, (Talha 1 – Estremoz) cujo espólio e dimensões, como já tivemos ocasião de observar, difere do que é habitual nas restantes sepulturas.

Em termos percentuais (ver Quadro 7.29) verifica-se que os três tipos com maior percentagem de monumentos com placas de xisto são as antas com corredor muito longo, com corredor longo e com corredor médio, com valores de 85,7%, 74% e 66,6%, respectivamente.

TIPO	Total c/ Espólio	Total Placas Xisto	% Monumentos
S. Fechada	11	0	0%
S. Aberta	60	1	1,60%
S. Corredor Incipiente	18	0	0%
A. Sem Corredor	16	4	25%
A. Corredor curto	50	31	65%
A. Corredor médio	9	6	66,60%
A. Corredor longo	31	23	74%
A. Corredor muito longo	7	6	85,70%
Destruída	22	4	18,18%
A. Anómala	3	1	20%

Quadro 7.29. Percentagem de placas de xisto por tipos de arquitectura.

Em relação ao número de placas por monumento, a análise do Quadro 7.29, permite verificar que existe alguma variabilidade, dentro de cada um dos tipos de arquitectura considerados, sendo as antas com corredor longo e muito longo, as que apresentam um maior número de placas de xisto.

No que diz respeito às decorações, em 15 antas, Manuel Heleno registou a presença de placas com motivos oculares e, em nove, de placas antropomórficas.

DESIGNAÇÃO	TIPO	Placas xisto			
		Ant	Pocul	2lad	Lat
Talha 1	S. Aberta	●	●	●	
Curral da Antinha	A. Sem corredor		●		
3ª de Batepé	A. Corredor curto	●			
1ª dos Varelas	A. Corredor curto		●	●	
Freixa	A. Corredor curto		●		
2ª do Vidigal	A. Corredor curto	●			
2ª dos Varelas	A. Corredor curto		●	●	
1ª da Amendoeira	A. Corredor longo		●		

1ª de Brissos	A. Corredor longo		●		
Comenda do Coelho	A. Corredor longo			●	
Vale do Beiró (Água Doce)	A. Corredor longo	●	●		
Velada	A. Corredor longo	●			
Monte das Pedras	A. Corredor longo			●	
2ª de Batepé	A. Corredor longo	●	●		
Paço – B	A. Corredor longo			●	●
3ª do Barrocal das Freiras	A. Corredor longo	●	●	●	
Grande Comenda da Igreja	A. Corredor muito longo		●	●	
Sul de Vale de Gato	A. Corredor muito longo			●	
Paço – A	A. Corredor muito longo	●	●	●	●
Espadanal	Destruída		●	●	●
1ª da Courela	Destruída		●		
Rabaçal	A. Anómala		●		
4ª do Vidigal	A. Anómala	●			

Quadro 7.30. Decoração das placas de xisto por tipos de arquitectura.

A presença de placas decoradas dos dois lados, foi registada em 11 monumentos e apenas em três antas existem placas com decoração lateral.

Manuel Heleno não identificou, nos espólios exumados, nenhuma placa de grés, pelo menos de forma explícita; na verdade, o único exemplar que me foi possível isolar, nos *Cadernos*, e confirmar, no MNA, é proveniente da anta do Espadanal e aparece referido como “estela eneolítica”. Trata-se, de facto de uma peça sobejamente conhecida, embora, por lapsos de registo, tenha sido considerada como proveniente do Escoural (Montemor-o-Novo).

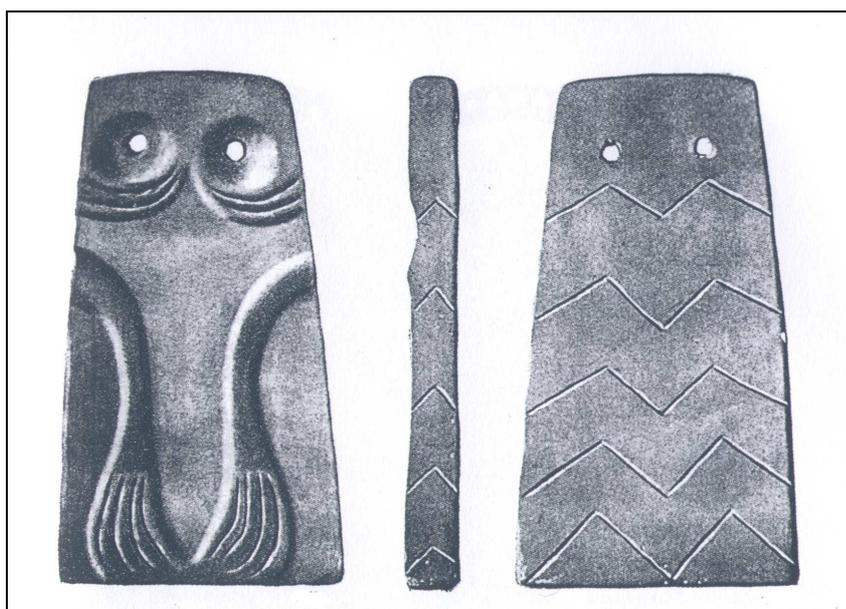


Fig.7.43. Placa de grés do Espadanal (desenho de O.V. Ferreira, publicado por Cardoso, 2001:201).

7.2.4.5. Báculos

Os báculos, geralmente escassos nos diversos conjuntos megalíticos regionais, aparecem, nesta, área num número relativamente elevado de monumentos, mais precisamente em 17 antas.

DESIGNAÇÃO	TIPO	Cm	Cr	Bc	N.º
2ª dos Varelas	A. Corredor curto	8	2	●	1
5ª do Vidigal	A. Corredor curto	7	3	●	1
1ª Olheiros	A. Corredor curto	7	5	●	1
4ª dos Gualões	A. Corredor médio	8	11	●	2
2ª das Picanceiras	A. Corredor médio	7	8	●	2
Paço – B	A. Corredor Longo	7	19	●	1
Velada	A. Corredor Longo	9	8	●	2
1ª Antas	A. Corredor Longo	6	4	●	2
3ª Antas	A. Corredor Longo	5	4	●	1
4ª Antas	A. Corredor Longo	7	6	●	2
2ª de Batepé	A. Corredor Longo	6	12	●	4
Monte das Pedras	A. Corredor Longo	7	8	●	1
3ª do Vidigal	A. Corredor Longo	7	11	●	1
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●	6
Grande da Comenda da Igreja	A. Corredor muito longo	8	16	●	1
Sul de Vale de Gato	A. Corredor muito longo	7	4	●	1
1ª da Courela	Destruída			●	1

Quadro 7.31. Relação báculos/arquitectura.

O número de báculos por monumento varia entre um e seis. Este número poderá, nalguns casos, estar inflacionado pela contagem individual de todos os fragmentos; ao certo, sabemos que, em mais do que um monumento, foram recolhidos, pelo menos, dois báculos inteiros.

Na anta 4ª dos Gualões, por exemplo, foram recolhidos dois báculos. Um deles, por ter “a curva quasi em ângulo recto com o cabo”, foi considerado, por Manuel Heleno, “muito importante para a demonstração de serem machados encabados” (anta KN, Cd.37 – Volume 2, Anexo 1, p.243).

Esta leitura, feita numa época em que ainda não se conheciam os báculos representados nos menires, é, hoje em dia, muito discutível (Gonçalves, 1992: 97), embora tenha ressurgido, recentemente (Larsson, 2001: 38) e possa ganhar outros matizes à luz de uma associação recorrente, em diversos contextos, entre machados e báculos (Calado, 2004: I, 127).

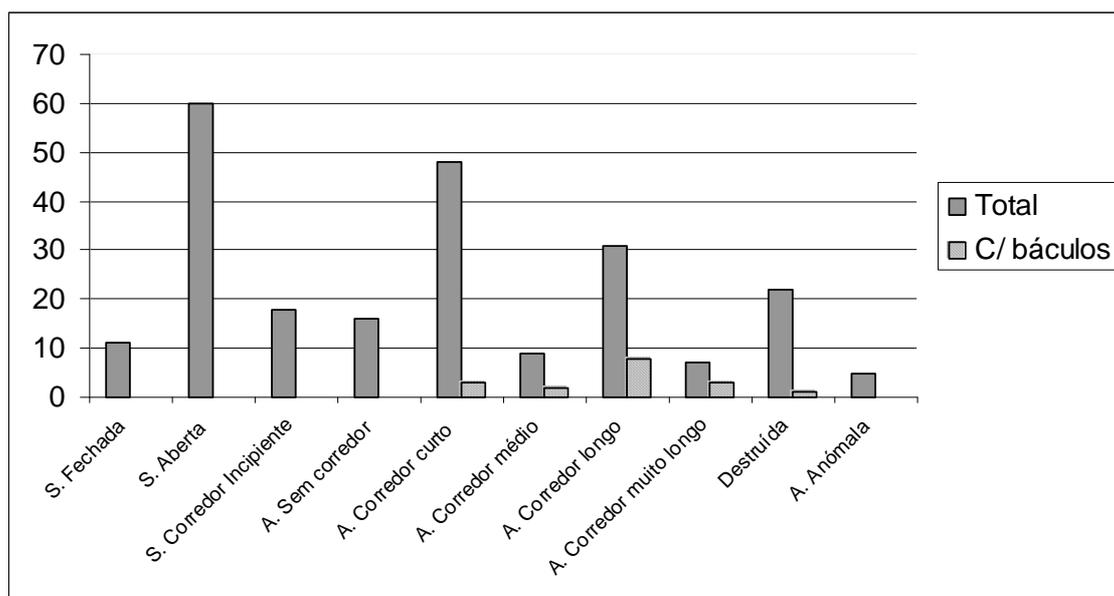


Figura 7.44. Número total de monumentos com espólio, por Tipo (cinza escuro), comparados com os monumentos com báculos.

Quanto à relação entre os báculos e as arquitecturas, verifica-se que os báculos aparecem apenas em antas de corredor.

7.2.4.6. Diversos

Dentro deste grupo foram tratadas apenas duas categorias: os braçais de arqueiro e os artefactos em metal.

Em relação aos braçais de arqueiro, foram recolhidos apenas dois exemplares, num monumento de corredor curto, que foi datado por ^{14}C (ver Cap. 9.3).

DESIGNAÇÃO	TIPO	Cm	Cr	Braç
4ª do Zambujeiro	A. Corredor curto	4	2	●

Quadro 7. 32. Relação braçais arqueiro/arquitectura.

A presença dos braçais de arqueiro, neste monumento, a par de outros artefactos de cronologia mais antiga, implica, muito provavelmente, uma fase de reutilização – fenómeno de que se conhecem, na região, outros exemplos – em época campaniforme, ou, a avaliar pela datação efectuada, já em plena Idade do Bronze.

Os artefactos metálicos, por sua vez, aparecem registados em 15 monumentos. O metal utilizado parece ser essencialmente o cobre (algumas vezes Manuel Heleno deixa-o interrogado e refere que se deve proceder a uma análise para confirmar) e existe um caso em que este aspecto não foi especificado.

Em relação aos tipos de artefactos, para além dos indeterminados, que correspondem a pequenos fragmentos que não permitiram uma melhor caracterização, foram identificadas pontas de seta, argolas e ainda um objecto, na anta 2^a dos Gualões, que, segundo Manuel Heleno, teria uma forma semelhante à das lúnulas de calcário. (anta KL, Cd.37 – Volume 2, Anexo 1, p.241).

DESIGNAÇÃO	TIPO	Cm	Cr	Met	Tipo
Vale do Cordeiro	S. Aberta	7	0	Cu	Indeterminado
Sepultura Barranco da Fraga	S. Aberta	9		Cu	ponta seta
6 ^a do Vidigal	S. Aberta	5	0	Cu	Indeterminado
Monte de Cima	S. Corredor Incipiente	9	3	Cu	ponta seta
Curral da Antinha	A. Sem corredor	7	0	Cu	ponta seta
3 ^a dos Gualões	A. Sem corredor	3		Cu	Argola
1 ^a do Garcia	A. Corredor curto	7	2	Cu	ponta seta
2 ^a do Vidigal	A. Corredor curto	6	7	Cu	Argola
1 ^a Águias	A. Corredor curto	7		(?)	Indeterminado
2 ^a dos Gualões	A. Corredor curto	7	1	Cu	lúnula(?)
Fuletreira/ Filtreira	A. Corredor curto	6	7	Cu	ponta seta
2 ^a de Batepé	A. Corredor Longo	6	12	Cu	Fivela
3 ^a do Vidigal	A. Corredor Longo	7	11	Cu	ponta seta
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	Cu	Indeterminado
1 ^a da Mata	A. Corredor muito longo	7	10	Cu	Indeterminado

Quadro 7.33. Relação dos artefactos de metal com a arquitectura.

Em relação à arquitectura, verifica-se que os objectos em metal se encontram presentes em quase todos os tipos considerados.

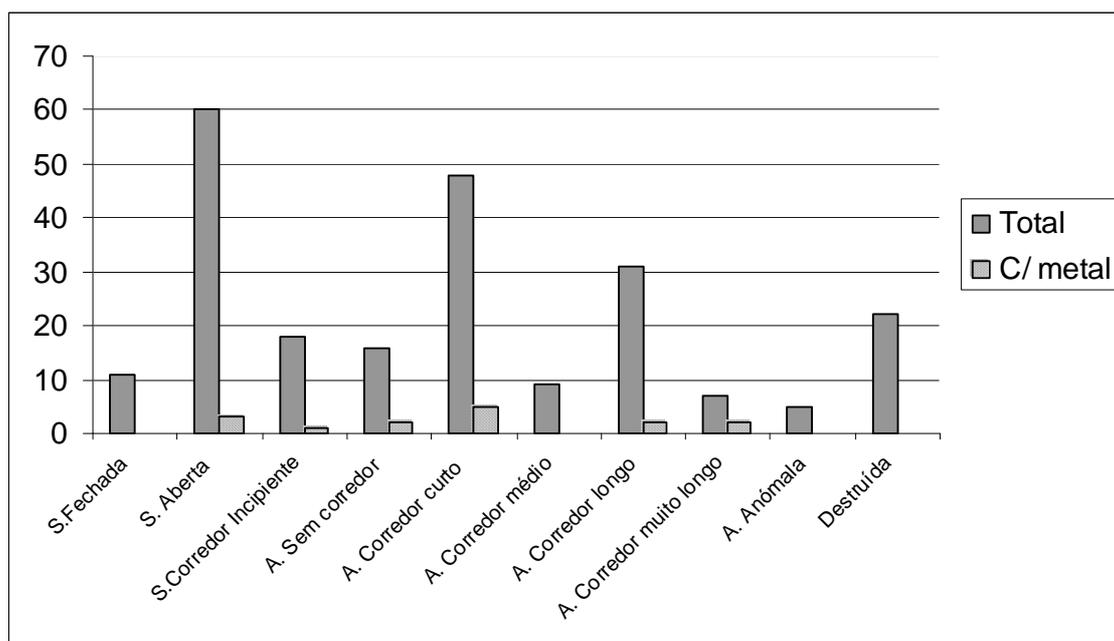


Figura 7.45. Número total de monumentos com espólio, por Tipo (cinza escuro), comparados com os monumentos com metal.

A presença de metal nestes monumentos, permite confirmar a sua utilização (ou reutilização) em períodos relativamente recentes, certamente posteriores aos inícios do 3º milénio a.C.

7.2.4.7. Objectos de adorno pessoal

Dentro do grupo dos artefactos que constituiriam o adorno pessoal dos defuntos, Manuel Heleno refere a presença de contas de colar, de pendentos e de botões.

Em relação às contas de colar, estas encontram-se presentes em 82 monumentos, o que equivale a cerca de 36% das antas com materiais. Este tipo de adorno apresenta uma certa variabilidade, quer em termos de formas (planas, esféricas, cilíndricas e bicónicas) quer mesmo em termos de matéria-prima (barro, xisto, pedra verde e pedra preta).

DESIGNAÇÃO	TIPO	Cm	Cr	Cc	Total
Curral da Mosca	S. Fechada	8	0	●	1
13ª Deserto	S. Fechada	8	0	●	4
Mouchão das Azinheiras	S. Aberta	6	0	●	1
Sepultura Barranco Fraga	S. Aberta	9	0	●	1
1ª Peral	S. Aberta	9	0	●	1
11ª Deserto	S. Aberta	7	0	●	1
6ª Cabeceira	S. Aberta	5	0	●	7
Talha 1	S. Aberta	7	0	●	7
6ª Vidigal	S. Aberta	5	0	●	16
2ª Deserto	S. Corredor Incipiente	7	4	●	1
16ª Deserto	S. Corredor Incipiente	8	2	●	1
Penedo do Bispo	S. Corredor Incipiente	12	0	●	3
2ª Aldeia dos Bertandos	A. Sem corredor	6	0	●	1
2ª Olheiros	A. Sem corredor	4	0	●	1
Talha 2	A. Sem corredor	3	0	●	4
Várzeas	A. Sem corredor	5	0	●	6
2ª Santa Cruz	A. Sem corredor	7	0	●	19
Cabeço da Rainha	A. Sem corredor	5	0	●	206
Aldeinha	A. Corredor curto	8	6	●	1
2ª Vidigal	A. Corredor curto	6	7	●	1
5ª Vidigal	A. Corredor curto	7	3	●	1
3ª Besteiros	A. Corredor curto	6	6	●	1
2ª Gualões	A. Corredor curto	7	1	●	1
3ª Aldeia dos Bertandos	A. Corredor curto	10	7	●	2
1ª Garcia	A. Corredor curto	7	2	●	2
1ª Besteiros	A. Corredor curto	7	6	●	2
1ª Águias	A. Corredor curto	7	1	●	2
Freixa	A. Corredor curto	7	4	●	2
Agrual	A. Corredor curto	6	7	●	2
Oiteirões 2	A. Corredor curto	7	2	●	2
1ª Barros do Grou	A. Corredor curto	7	2	●	3

Pimpolho	A. Corredor curto	6	3	●	4
Estanque	A. Corredor curto	7	2	●	7
Fuletreira/ Filtreira	A. Corredor curto	6	7	●	8
3ª Testos	A. Corredor curto	7	7	●	11
3ª Batepé	A. Corredor curto	8	4	●	13
Serrinha	A. Corredor curto	7	6	●	13
Chaminé	A. Corredor curto	7	6	●	26
W Estrada de Montemor	A. Corredor curto	7	6	●	32
Carvalho	A. Corredor curto	8	6	●	35
2ª Varelas	A. Corredor curto	8	2	●	54
2ª Garcia	A. Corredor curto	7	3	●	57
N.Sª Conceição Olivais	A. Corredor curto	4	3	●	115
4ª Gualões	A. Corredor médio	8	11	●	1
Cabeça Gorda	A. Corredor médio	7	6	●	3
2ª Picanceiras	A. Corredor médio	7	8	●	16
5ª Cabeceira	A. Corredor médio	7	11	●	105
Comenda do Coelho	A. Corredor Longo	7	9	●	1
1ª Antas	A. Corredor Longo	6	4	●	1
2ª Nabos	A. Corredor Longo	7	8	●	1
1ª Amendoeira	A. Corredor Longo	8	8	●	1
2ª Amendoeira	A. Corredor Longo	9	10	●	1
3ª Vidigal	A. Corredor Longo	7	11	●	1
1ª Cabeceira	A. Corredor Longo	8	10	●	1
3ª Brissos	A. Corredor Longo	7	10	●	1
1ª Aldeia dos Bertianos	A. Corredor Longo	7	10	●	2
1ª Brissos	A. Corredor Longo	8	8	●	2
Norte de Vale de Gato	A. Corredor Longo	6	2	●	3
Tanque Velho	A. Corredor Longo	7	6	●	3
Velada	A. Corredor Longo	9	8	●	4
Lebre	A. Corredor Longo	6	6	●	4
4ª Antas	A. Corredor Longo	7	6	●	7
2ª Alcarou	A. Corredor Longo	6	10	●	8
Monte das Pedras	A. Corredor Longo	7	8	●	15
3ª Barrocal das Freiras	A. Corredor Longo	9	10	●	20
Vale do Beiró	A. Corredor Longo	7	11	●	26
3ª Antas	A. Corredor Longo	5	4	●	43
2ª Batepé	A. Corredor Longo	6	12	●	75
Paço – B	A. Corredor Longo	7	19	●	79
Tapada	A. Corredor muito longo	7	18	●	1
7ª Vidigal	A. Corredor muito longo	7	10	●	4
Sul de Vale de Gato	A. Corredor muito longo	7	4	●	7
1ª Mata	A. Corredor muito longo	7	10	●	22
Grande Comenda Igreja	A. Corredor muito longo	8	16	●	97
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●	701
1ª Courela	Destruída			●	1
2ª Antas	Destruída	1		●	2
Espadanal	Destruída	3		●	8
Cascalho	Destruída	5		●	34
4ª Vidigal	A. Anómala	6	8	●	2
Rabaçal	A. Anómala	8	8	●	5
Cabeças	A. Anómala	9	0	●	2

Quadro 7.34. Relação contas de colar/arquitetura.

O número de contas de colar é escasso nas pequenas sepulturas, sendo os valores mais elevados nas antas com corredor, à excepção da anta do Cabeço da Rainha que, não tendo corredor, continha um total de 206 contas, as quais, segundo a proposta de Manuel Heleno, teriam pertencido todas a um mesmo colar.

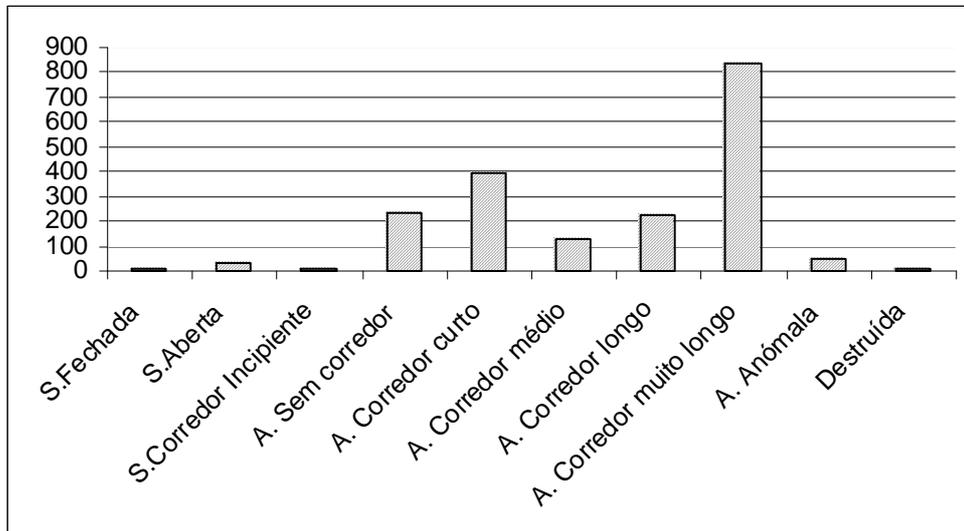


Figura 7.46. Número máximo de contas de colar recolhidas em cada um dos tipos arquitectónicos.

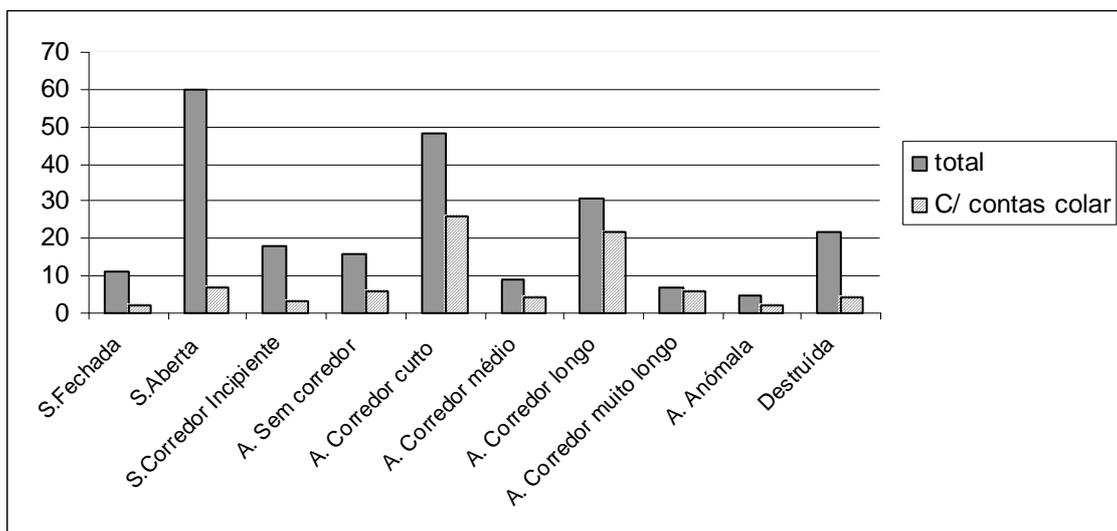


Figura 7.47. Número total de monumentos com espólio, por Tipo (cinza escuro), comparados com os monumentos com contas de colar.

As contas aparecidas nas sepulturas são, segundo se deduz das descrições de Manuel Heleno, discóides, provavelmente de xisto, e de pequenas dimensões. Uma maior diversidade, em termos de tamanho e de formas, parece estar patente na maioria das antas, com ou sem corredor.

No que diz respeito aos pendentes estes aparecem em 17 monumentos, o que corresponde a 7,5% dos exemplares com espólio e, à excepção da anta do Seixinho, coexistem geralmente com as contas de colar.

DESIGNAÇÃO	TIPO	Cm	Cr	Pend	Total
6ª Vidigal	Sepultura	5	0	●	1
Cabeço da Rainha	A. Sem corredor	5	0	●	2
Pimpolho	A. Corredor curto	6	3	●	1
2ª Garcia	A. Corredor curto	7	3	●	1
Chaminé	A. Corredor curto	7	6	●	1
2ª Varelas	A. Corredor curto	8	2	●	2
3ª Testos	A. Corredor curto	7	7	●	3
2ª Picanceiras	A. Corredor médio	7	8	●	1
5ª Cabeceira	A. Corredor médio	7	11	●	2
3ª Barrocal das Freiras	A. Corredor Longo	9	10	●	1
Lebre	A. Corredor Longo	6	6	●	1
Vale do Beiró	A. Corredor Longo	7	11	●	2
1ª Mata	A. Corredor muito longo	7	10	●	1
Grande da Comenda da Igreja	A. Corredor muito longo	8	16	●	3
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●	15
Cascalho (Eira)	Destruída	5		●	1
Seixinho	A. Anómala	5	13	●	1

Quadro 7.35. Relação pendentes/arquitectura.

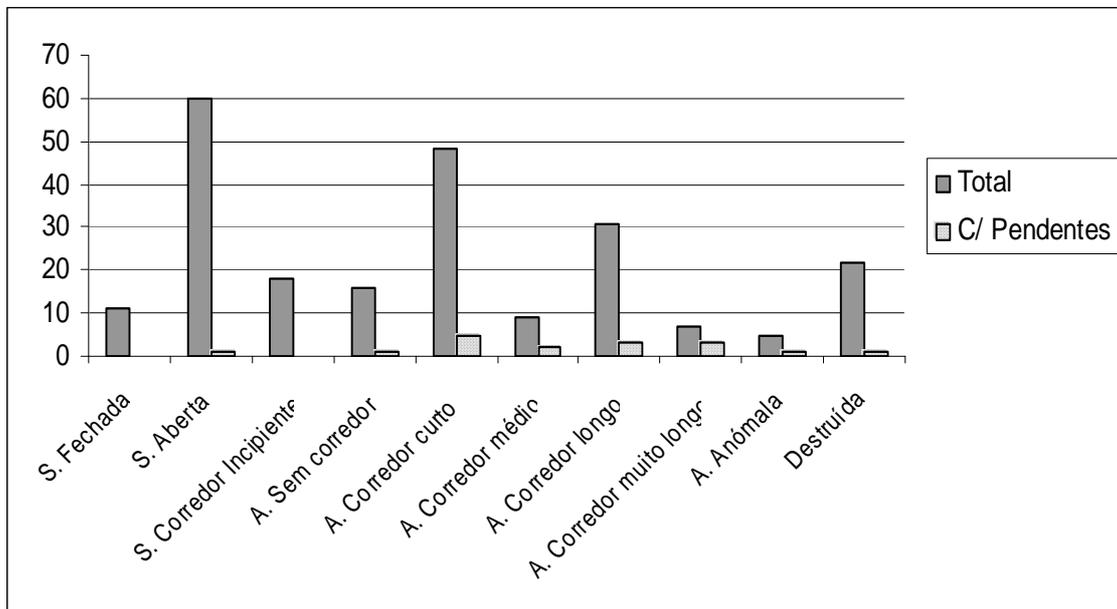


Figura 7.48. Número total de monumentos com espólio, por Tipo (cinza escuro), comparados com os monumentos com pendentes.

A sua presença varia entre um e três exemplares, por monumento, e apenas a anta A do Paço apresenta um valor claramente superior (cf. Quadro 7.35).

A nível da arquitectura, verifica-se um claro predomínio das antas com corredor, aparecendo apenas um pendente, de xisto e de pequenas dimensões, numa sepultura.

No que diz respeito à presença de botões, foram confirmados apenas seis monumentos, o que equivale a cerca de 2,6% dos exemplares com espólio. Foram identificados em apenas três tipos de monumentos e a matéria-prima utilizada foi o osso e a cerâmica.

DESIGNAÇÃO	TIPO	Cm	Cr	Bot	Total
Curral da Antinha	A. Sem corredor	7	0	●	1
Oeste da Estrada de Montemor	A. Corredor curto	7	6	●	1
Aldeinha	A. Corredor curto	8	6	●	1
2ª Garcia	A. Corredor curto	7	3	●	1
Sul de Vale de Gato	A. Corredor muito longo	7	4	●	1
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●	3
Grande da Comenda da Igreja	A. Corredor muito longo	8	16	●	5

Quadro 7.36. Relação botões/arquitectura.

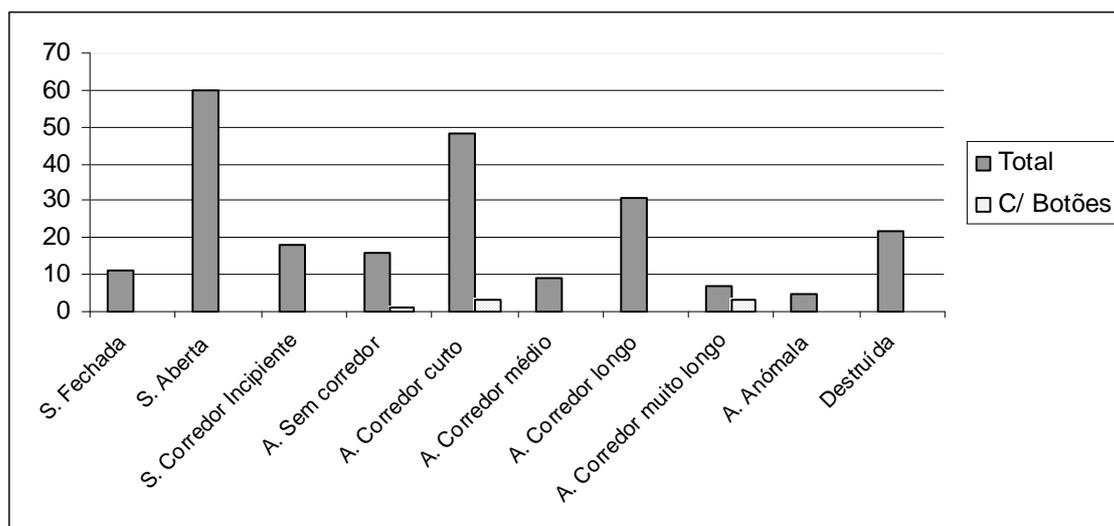


Figura 7.49. Número total de monumentos com espólio, por Tipo (cinza escuro), comparados com os monumentos com botões.

Os lagomorfos foram encontrados em apenas dois monumentos, o que estatisticamente é muito pouco relevante, menos de 1%, tal como acontece, aliás, nas outras áreas megalíticas estudadas no Alentejo (Gonçalves, 1992; Oliveira, 1998b).

DESIGNAÇÃO	TIPO	Cm	Cr	Lag	Total
Paço – B	A. Corredor Longo	7	19	●	1
Paço – A	A. Corredor muito longo	8	8	●	1

Quadro 7.37. Relação lagomorfos/arquitectura.

Em relação à arquitectura, estes artefactos estão presentes apenas em dois monumentos de grandes dimensões, localizados a cerca de 100 m um do outro. Quanto ao coelho encontrado na anta B do Paço (Cd.15 – Volume 2, Anexo 1, p.109), a matéria-prima era, segundo a descrição de Manuel Heleno, a rocha verde e encontrava-se inteiro. O da anta A do Paço encontrava-se partido, foi recolhida apenas a cabeça e não aparece especificada a matéria-prima (Cd.1 – Volume 2, Anexo 1, p.16).

7.2.5. Os restos osteológicos

“Esta especificidade do comportamento funerário, em conjunto com a diversidade existente dentro de um conjunto populacional, ao nível dos pormenores do ritual fúnebre, não podem ser olvidados no momento da interpretação de um contexto mortuário arqueológico”.

(Duarte, 2003: 265)

7.2.5.1. Introdução

As intervenções de Manuel Heleno em monumentos megalíticos do Alentejo Central permitiram recolher um conjunto ainda significativo de restos humanos, tanto mais importante quanto, como sabemos, os solos ácidos relacionados com os substratos xistosos e graníticos – onde se localiza a quase totalidade dos monumentos – dificultam a conservação destes vestígios.

Na verdade, Manuel Heleno refere a recolha de restos humanos em 26 monumentos (Figura 7.48), a maior parte na área do Cíborro/ S. Geraldo. Para além destes, a revisão dos materiais conservados no MNA, permitiu ainda identificar restos osteológicos em mais alguns monumentos.

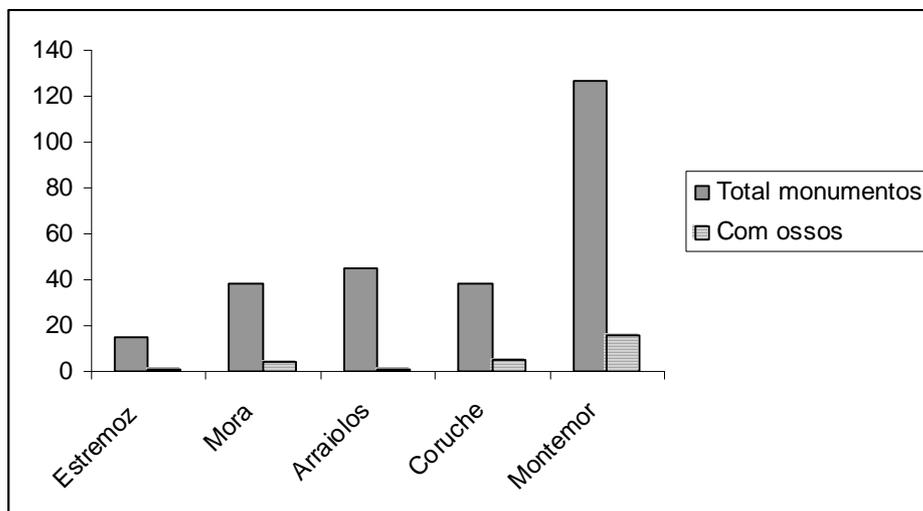


Figura 7.50. Relação entre monumentos com ossos e o total de monumentos, por concelho.

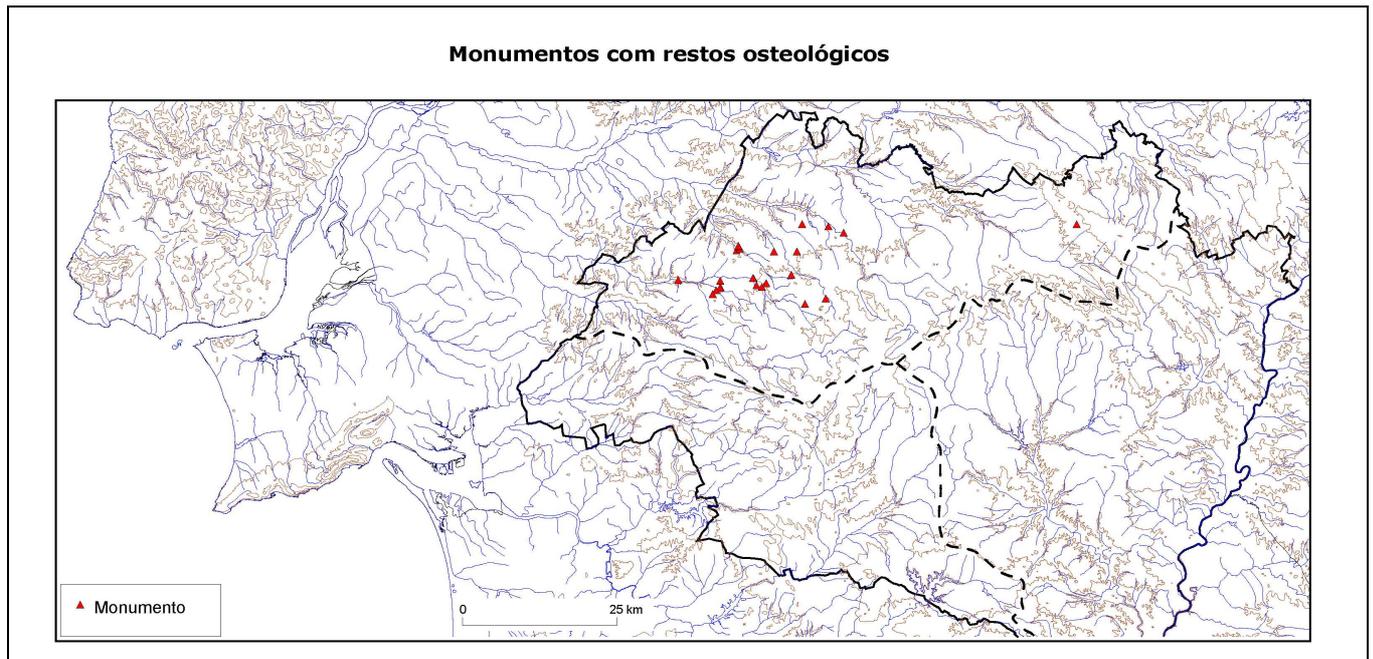


Figura 7.51. Localização dos monumentos com restos osteológicos.

As anotações de Manuel Heleno referem muitas vezes o estado de conservação e a posição dos restos osteológicos e os cuidados investidos nas suas recolhas; recorde-se, neste aspecto, o caso da Anta Sul de Vale de Gato, em que Manuel Heleno, devido à extrema compacção das terras, procurou retirar os ossos em bloco, junto com os sedimentos que os envolviam (Fig.7.52).

De facto, as observações efectuadas nos depósitos do MNA, permitiram verificar que, para além de existirem conjuntos muito fragmentados (com fracturas recentes), outros se encontravam ainda envoltos em terra;

Estes, foram, no âmbito deste trabalho, objecto de uma limpeza e estudados pelas Dr.^a Cidália Duarte e Vanda Pinheiro (IPA – CIPA).



Figura 7.52. Contentor do MNA com ossos da Anta Oeste da Estrada de Montemor. Foto de José Paulo Ruas.

7.2.5.2. Análise antropológica

4ª DO ZAMBUJEIRO (CG) – MNA 1047

Da sepultura 4ª do Zambujeiro, existiam, depositado no MNA, duas caixas com ossos, com evidentes diferenças, em termos dos sedimentos que os envolviam.

Em relação a esta sepultura, Manuel Heleno refere apenas a existência de “ossadas” e de “ossos” (Cd.18 – Volume 2, Anexo 1, p.127), sem pormenorizar o local onde se encontravam ou a sua disposição.

A análise antropológica realizada permitiu identificar dois indivíduos distintos, um de características gráceis e outro de características mais robustas (Duarte e Pinheiro, 2005).

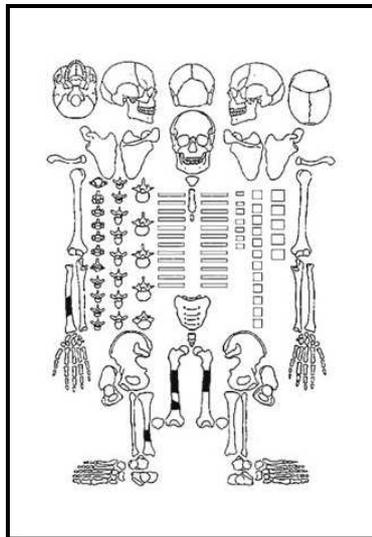


Figura 7.53. Ossos humanos registados no contentor 5005, volume 1. (seg. Duarte e Pinheiro, 2005)

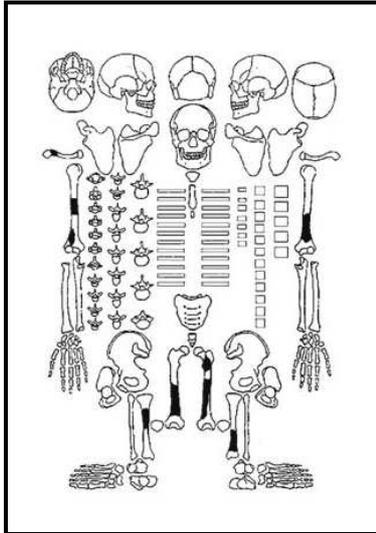


Figura 7.54. Ossos humanos registados no contentor 5404, volume 1 (seg. Duarte e Pinheiro, 2005).

Apesar de estes dados poderem ser compatíveis com o espólio recolhido, que, aparentemente, remete para dois momentos de utilização, um neolítico e outro já da Idade do Bronze, atestado este último pela datação obtida a partir de osso do indivíduo de características gráceis (Beta 196093 - BP 3040±40; Cal BC, 1σ: 1380-1260; Cal BC, 2σ: 1400-1190), é possível que um dos dois conjuntos não pertença, originalmente, a este monumento, atendendo às referidas diferenças entre os sedimentos que os embalavam.

A análise antropológica permitiu ainda verificar que, em ambos os casos, se tratava, eventualmente, de enterramentos individuais, sendo, por outro lado, evidente alguma negligência no método de escavação, dado o elevado número de fracturas recentes observadas (Duarte e Pinheiro, 2005).

2ª DE BATEPÉ (DU) – MNA 1079

Trata-se de um dos casos em que Manuel Heleno omitiu a existência de restos osteológicos, embora estivesse depositado no Museu um saco com a etiqueta “fragmento de dente de criança. 2004.450.23, Cont. 3886, vol. 13”.

A análise do referido contentor permitiu verificar que se tratava, efectivamente, de uma coroa de um dente molar (segundo ou terceiro inferior direito), com ligeiro desgaste. Dado que a sua erupção se realiza, normalmente, a partir dos 12 anos de idade

e, tendo em conta também o desgaste, é provável que se tratasse antes de um dente de jovem adulto (Duarte e Pinheiro, 2005).

1ª DO DESERTO (EP) – MNA (?)

A anta 1ª do Deserto não aparece, em nenhum *Caderno de Campo*, com a descrição do espólio recolhido; por outro lado, o saco com os ossos encontrava-se junto com o dos da Anta de N. S.ª da Conceição dos Olivais (Estremoz).

Este saco continha apenas dois ossos, um de fauna e um outro humano; este último, era um navicular direito, quase completo, faltando-lhe apenas a extremidade medial. (Duarte e Pinheiro, 2005)

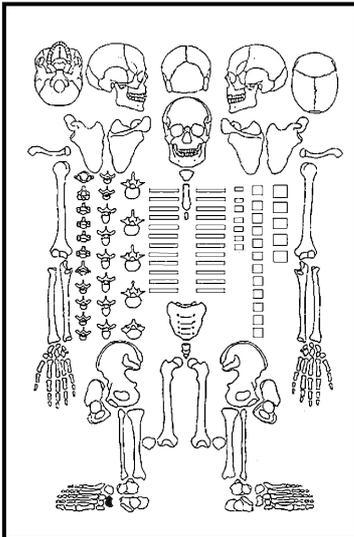


Figura 7.55. Ossos humanos registados com a etiqueta EP-7 a EP-8. (seg. Duarte e Pinheiro, 2005)

A sua análise permitiu verificar que pertencia a um indivíduo de características gráceis, mas adulto. Por outro lado, o seu bom estado de conservação aliado à ausência de outros ossos, suscita algumas dúvidas: com efeito, desconhecemos se se trata efectivamente de uma exclusividade ou se traduz uma recolha deficiente no campo ou ainda se pode tratar-se de uma confusão de registo, no Museu, tanto mais que, como referi, se encontrava contentorizado juntamente com os ossos de outro monumento.

CHÃO DE CABANA DA LOBEIRA DE BAIXO (CO) – MNA 1054

Em relação a este monumento/sítio, que, como o nome indica, foi classificado como habitat (ver Cap.6), uma rápida inspeção dos materiais depositados no Museu – nomeadamente um conjunto de machados com o gume intacto, pouco expectável no interior de uma cabana – permitiu colocar a hipótese alternativa de que tratasse, pelo contrário, de uma construção funerária, eventualmente aparentada com os *tholoi*.

Manuel Heleno referiu, por outro lado, a existência de ossos queimados, que ele considerou poder tratar-se de fauna selvagem (Cd.19 – Volume 2, Anexo 1, p.133). No entanto, a análise realizada pela equipa de antropologia permitiu verificar que se trata de ossos humanos, nomeadamente uma diáfise de uma tíbia incinerada (Duarte e Pinheiro, 2005).

A estes ossos estão associados pequenos carvões e restos de ocre ou argila vermelha. O bloco que embalava os ossos não foi limpo, de modo a poder realizar-se uma análise microestratigráfica do conjunto.

N. S.º DA CONCEIÇÃO DOS OLIVAIS – MNA 0702

No contentor do MNA que continham os restos osteológicos da anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, foram observados dois conjuntos distintos:

1. um conjunto de ossos resultantes de uma incineração, com evidentes marcas de deformação, devido à de acção do calor com tecidos moles associados (na caixa com a indicação “Contentor 5272, Volume 4”). Para além destes ossos existiam ainda três dentes (um terceiro molar inferior direito, um terceiro pré-molar inferior esquerdo e um incisivo inferior lateral esquerdo) sem sinais de incineração. No *Caderno de Campo*, Manuel Heleno refere apenas a existência de dentes, na câmara (Cd. 2 de Estremoz – Volume 2, Anexo 1, p.268);
2. o segundo conjunto apresentava os ossos muito bem conservados, com sedimentos húmicos de cor castanha-acinzentada, compatíveis com os que embalavam um vaso e uma taça campaniforme e, de acordo com do *Caderno de Campo*, serão oriundos do corredor do monumento (Cd. 2 de Estremoz – Volume 2, Anexo 1, p.268).
3. Neste conjunto, os ossos apresentam-se muito bem conservados e foram identificados dois blocos ainda em conexão anatómica (Figura 7.54). O pé esquerdo, com calcâneo e astrágalo ainda “colados” com sedimento, tal como o astrágalo, o calcâneo e o navicular do pé direito (Duarte e Pinheiro, 2005).

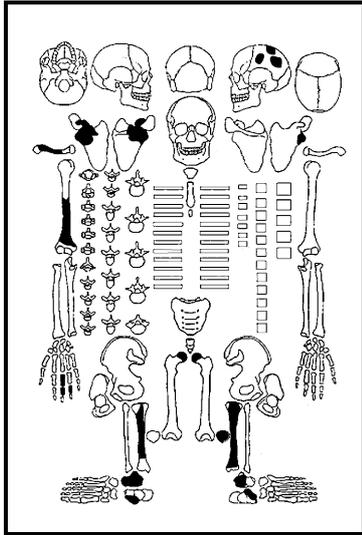


Figura 7.56. Ossos humanos depositados nos contentores 5272, volume 1, e 5273, volume 1, da Anta 7 de Estremoz (Duarte e Pinheiro, 2005)

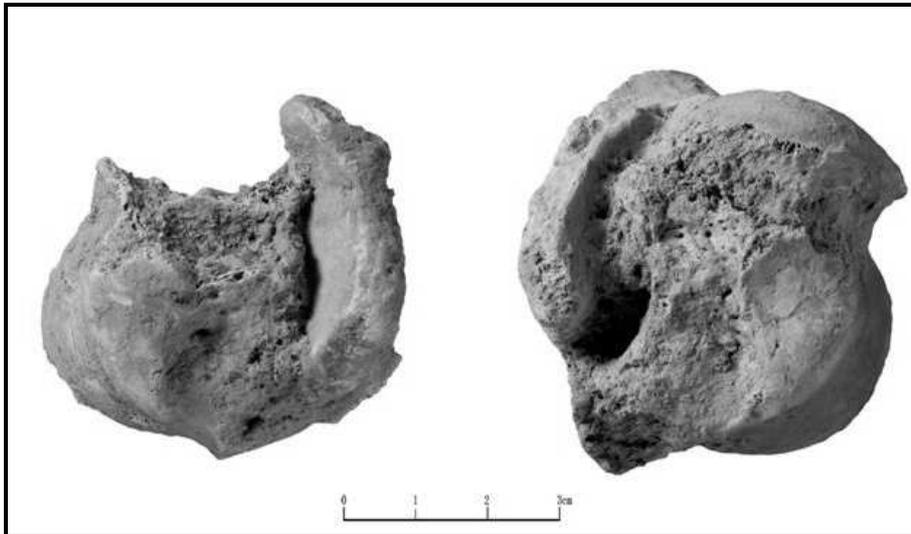


Figura 7.57. Pés em conexão anatômica visível, Anta 7 de Estremoz. Foto de José Paulo Ruas.

A análise osteológica permitiu verificar que nenhum dos dois conjuntos apresentava patologias visíveis, não obstante o primeiro, devido à incineração, ser de mais difícil diagnóstico. Pelo mesmo motivo, não foi possível determinar o sexo e a idade deste indivíduo, sendo certo, no entanto, que se tratava de um adulto. A intensa incineração a que foi submetido, ainda com tecidos moles, revela uma cremação intencional (Figura 7.58).

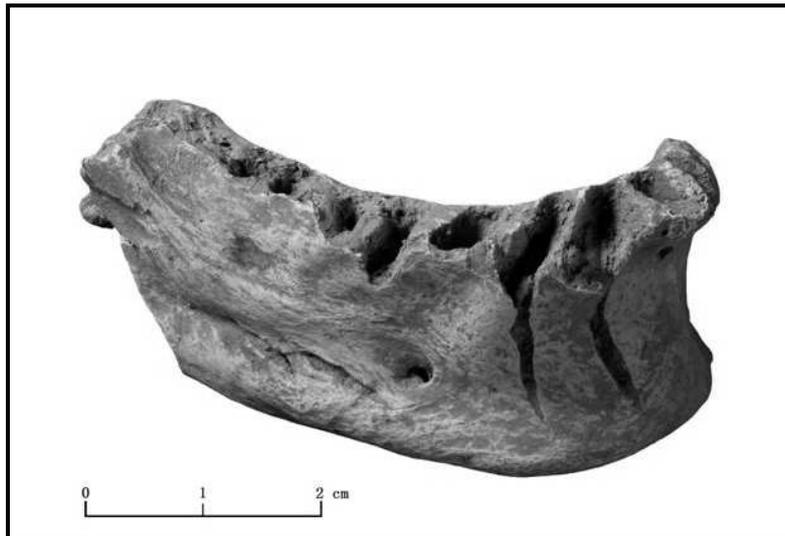


Figura 7.58. Maxilar inferior com evidências de incineração, da Anta 7 de Estremoz. Foto de José Paulo Ruas.

O segundo indivíduo, atendendo ao seu excelente estado de conservação e à respectiva posição dentro do monumento, corresponde, muito provavelmente, a uma eventual reutilização do monumento, em época campaniforme. As dimensões dos ossos do esqueleto indicam um indivíduo adulto, do sexo masculino.

6ª DA ALDEIA DE BERTIANDOS (BT) – MNA 1039

Esta sepultura corresponde a outro dos casos em que Manuel Heleno não referiu, no *Caderno de Campo*, a existência de ossos (anta BT, Cd.17 – Volume 2, Anexo 1, p.118 e ss.). No Museu, pelo contrário, existe um conjunto de ossos humanos, mas não se encontraram, ainda, os materiais, descritos por Manuel Heleno, os quais apontavam para a existência de um único período de utilização, na pré-história.

Porém, a datação do material osteológico, feita a partir dos ossos melhor conservados, permitiu confirmar uma reutilização deste espaço, no período romano (Beta 196092 – BP 1720±40; Cal BC, 1σ: 250-390 AD; Cal BC, 2σ: 230-410 AD).

Na verdade, a porção melhor conservada é o maxilar inferior, que se encontra quase completo. Segundo parece, a dentição apresenta características patológicas pouco frequentes nas populações do Neolítico e do Calcolítico, com muitas cáries severas e algumas interproximais (Duarte e Pinheiro, 2005).

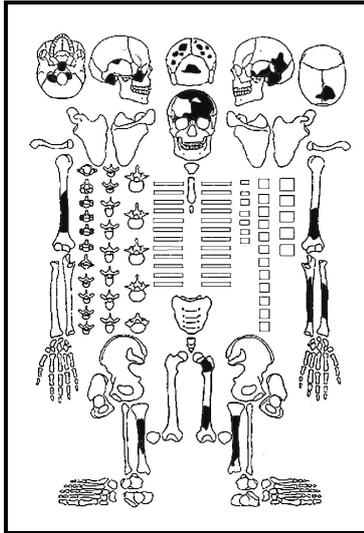


Figura 7.59. Ossos humanos registados com a etiqueta Anta BT, pertencentes ao esqueleto maioritário na sepultura (Duarte e Pinheiro, 2005)

O segundo enterramento, presumivelmente anterior, tendo em conta o estado em que se encontram os ossos, tem apenas fragmentos do maxilar superior, com dentes bastantes desgastados (Figura 7.57).

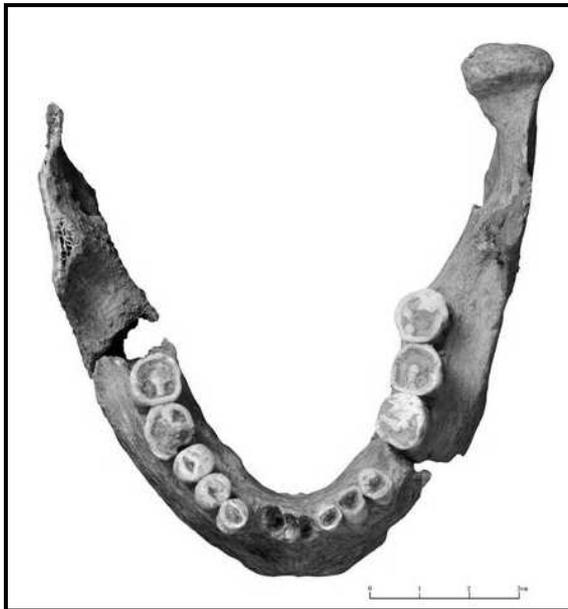


Figura 7.60. Maxilar inferior do esqueleto maioritário presente na Anta BT. Foto de José Paulo Ruas.

Deste esqueleto minoritário é seguro que, apesar de não duplicar nenhuma das porções do esqueleto principal, o elevado desgaste dentário apresentado não é compatível com o do maxilar inferior do outro conjunto, pelo que se trata, concerteza, de restos de outro indivíduo, cujo sexo não foi possível determinar, mas que seria de idade adulta e mais idoso que o primeiro.

Este, em contrapartida apresenta características femininas (queixo triangular e ângulo gonial obtuso), tratando-se igualmente de um indivíduo adulto.

ALDEINHA (CD) – MNA 1044

A anta da Aldeinha apresenta dois conjuntos de ossos humanos, uns incinerados e outros sem qualquer vestígio de acção do calor, para além de restos faunísticos (3º molar inferior direito de ovicaprídeo). Manuel Heleno não faz qualquer alusão ao facto de alguns ossos aparecerem queimados, anotando apenas “ossadas”, no corredor (anta CD, Cd.18 – Volume 2, Anexo 1, p.124).

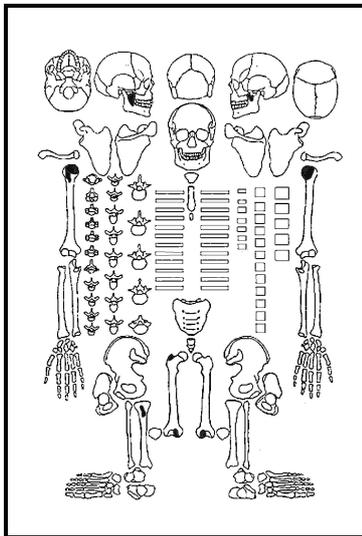


Figura 7.61. Ossos humanos incinerados, com a designação de proveniência de Anta CD (Duarte e Pinheiro, 2005)

Quanto aos ossos que foram objecto de incineração, apenas se pode afirmar, com segurança, que se trata de um indivíduo adulto e que a incineração foi realizada ainda com os tecidos moles.

No conjunto não incinerado, a presença de fragmentos de calote craniana com duas espessuras diferentes (um muito fino e outro muito robusto) revelam a existência de dois indivíduos adultos, de sexo não determinável. (Duarte e Pinheiro, 2005)

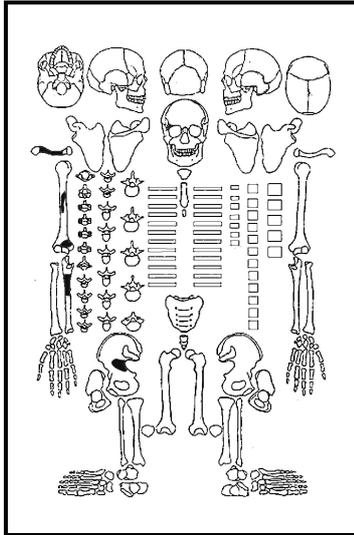


Figura 7.62. Ossos humanos registados com a etiqueta Anta CD, sem vestígios de incineração (Duarte e Pinheiro, 2005)

A anta da Aldeinha tinha assim, pelo menos, três indivíduos de idade adulta.

CHAMINÉ (LO) – MNA (?)

Da anta da Chaminé existem apenas, depositados no MNA, 2 fragmentos de osso longo, os quais se apresentavam com as superfícies muito erodidas (Duarte e Pinheiro, 2005).

No entanto, Manuel Heleno refere a existência de “ossadas” junto ao esteio de cabeceira, especificando ainda que, entre elas, existia parte de um crânio (Anta LO, Cd.39 – Volume 2, Anexo 1, p.256).

Estes ossos não foram encontrados no MNA.

4ª DA CABECEIRA (GN) – MNA 1132

A anta 4ª da Cabeceira ofereceu um conjunto de ossos humanos que pertencem, aparentemente, a dois adultos (Figuras 7.63.e.7.64) e a uma criança, com fragmentos de calote, dentes e ossos longos. Em relação a este monumento, Manuel Heleno refere a existência de ossos dos membros e do crânio, não especificando o local da sua proveniência (Anta GN, Cd.31 – Volume 2, Anexo 1, p.209). Os sedimentos associados

são de cor clara e os ossos exibem precipitados de cor acinzentada (seg. Duarte e Pinheiro, 2005)

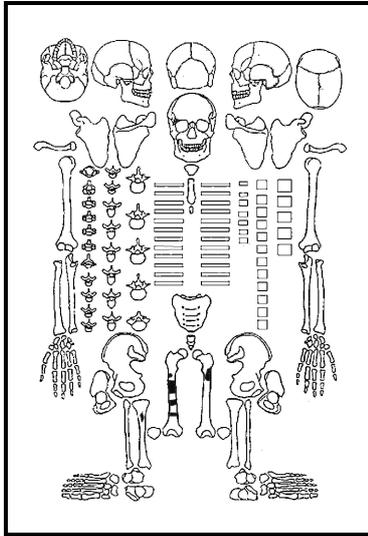


Figura 7.63. Ossos humanos adultos, com a designação de proveniência de Anta GN (Duarte e Pinheiro, 2005)

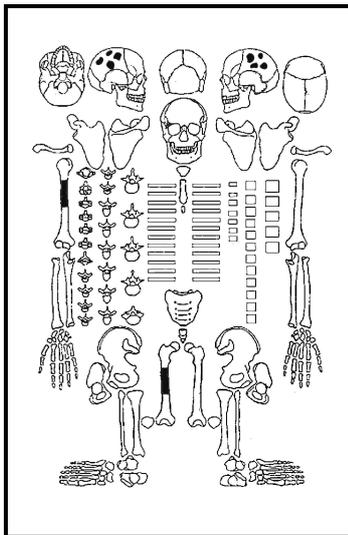


Figura 7.64. Ossos humanos adultos, mais robustos que os da figura anterior, com a designação de proveniência de Anta GN (Duarte e Pinheiro, 2005).

Um indivíduo subadulto encontra-se representado por fragmentos de calote craniana e dois dentes. Tendo em conta os dados odontológicos observados, teria uma idade aproximada de 8 anos (seg. Duarte e Pinheiro, 2005)

Em relação aos ossos dos indivíduos adultos, apesar de não existir duplicação dos elementos anatómicos, apresentam, no entanto, graus de robustez bem diferenciados.

Uma datação, efectuada a partir de um osso longo (fémur) do indivíduo de características mais robustas forneceu uma data da primeira metade do IV milénio a.C. (Beta 196094 – BP: 4780±40; Cal BC, 1 σ : 3640-3620; Cal BC, 2 σ : 3650-3510).

A análise dos ossos permitiu identificar, neste monumento, um mínimo de três indivíduos, dois adultos e uma criança. (Duarte e Pinheiro, 2005)

BARRANCO DA FRAGA (AM) – MNA 1011

As sepulturas do Barranco da Fraga tinham, no MNA, um conjunto de ossos incinerados (calote craniana e osso longo), provavelmente de um único indivíduo (Figura 7.65). Manuel Heleno refere, na verdade, que se tratava de duas sepulturas mas apresenta a descrição do espólio em conjunto, referindo, sem mais especificações, a existência de ossos (Anta AM, Cd.11 – Volume 2, Anexo 1, p.90).

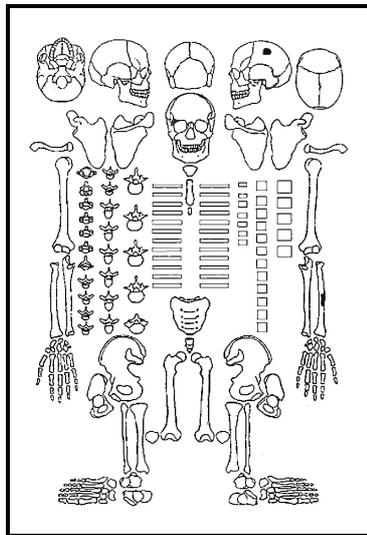


Figura 7.65. Ossos humanos adultos, com a designação de proveniência de Anta AM. (Duarte e Pinheiro, 2005).

Da análise antropológica efectuada, resultou, efectivamente, a identificação de apenas um indivíduo, adulto, cuja idade e sexo não foi possível determinar (Duarte e Pinheiro, 2005).

3ª DO BARROCAL DAS FREIRAS (EI) – MNA 1088

Os ossos provenientes deste monumento eram bastante escassos e apresentavam diferentes índices de robustez. Manuel Heleno refere apenas a existência de restos de membros, na câmara (Anta EI, Cd. 26, Volume 2, Anexo 1, p.176).

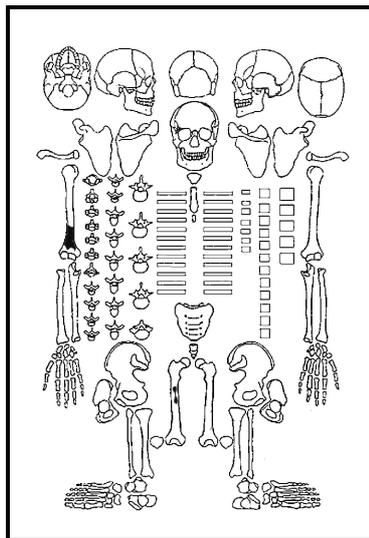


Figura 7.66. Ossos humanos adultos, com a designação de proveniência de Anta EI (Duarte e Pinheiro, 2005)

Tendo em conta a escassez de restos humanos, é provável que se trate de um único indivíduo adulto (Duarte e Pinheiro, 2005).

OESTE DA ESTRADA DE MONTEMOR (Z) – MNA 1209

Da anta Oeste da Estrada de Montemor existe, no MNA, um conjunto de ossos que apresentam diferentes graus de conservação e que, como referi, foram interpretados por Manuel Heleno como sendo de um único indivíduo, inumado em decúbito dorsal (Anta Z, Cd.9 – Volume 2, Anexo 1, p.74).

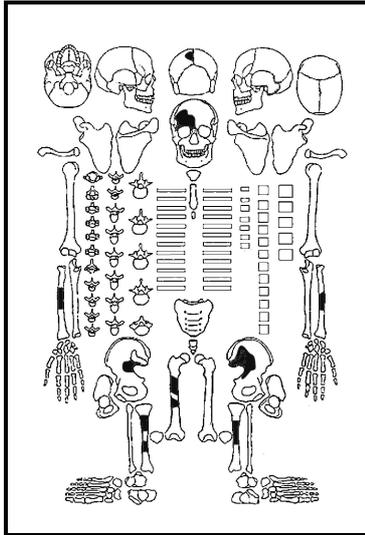


Figura 7.67. Ossos humanos adultos, com a designação de proveniência de Anta Z (Duarte e Pinheiro, 2005).



Figura 7.68. Interior do crânio. Foto de José Paulo Ruas

Apesar do estado de conservação diferencial, não foi detectada nenhuma duplicação de elementos ósseos, pelo que se deve tratar de restos de um único indivíduo adulto, mas jovem.

A presença de restos do osso ilíaco, com uma grande chanfradura ciática e superfície auricular do lado esquerdo e ainda a existência de duas depressões na zona do sulco pré-auricular, permitem ainda concluir que se tratava de um indivíduo do sexo feminino, que já deveria ter passado por uma gravidez (Duarte e Pinheiro, 2005).

3ª DE ALCAROU (JP) – MNA 1169

Da anta 3ª de Alcarou existe, no MNA, um conjunto de ossos (longos, cranianos e dentes) com a superfície bastante erodida, desidratada e com sulcos. Trata-se de mais um caso em que Manuel Heleno não refere a presença de ossos (Anta JP, Cd.36 – Volume 2, Anexo 1, p.235)

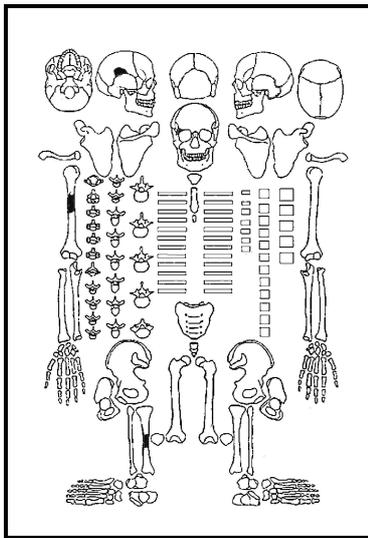


Figura 7.69. Ossos humanos adultos, com a designação de proveniência de Anta JP (Duarte e Pinheiro, 2005)

Os restos humanos deste monumento permitiram concluir que se tratava de apenas um indivíduo de idade adulta já avançada (os dentes apresentavam um desgaste significativo), mas cujo sexo não foi possível determinar (Duarte e Pinheiro, 2005).

2ª DA LOBEIRA DE CIMA (CX) – MNA (?)

Os restos osteológicos conservados no MNA, provenientes deste monumento, não são ossos humanos. Manuel Heleno refere apenas a recolha de “ossos” e a presença de materiais romanos, pelo que aqueles poderão estar associados a uma fase de violação/reutilização de época histórica (Anta CX, Cd.21 – Volume 2, Anexo 1, p.141).

SUL DE VALE DE GATO (N) – MNA 1198

Da anta Sul de Vale de Gato existe no MNA um conjunto de ossos muito fragmentados, que, na sua maioria, não permitiram identificação anatómica nem, conseqüentemente, a determinação do número mínimo de indivíduos.

Manuel Heleno refere vários enterramentos, atestados pela presença de ossos, na câmara e no corredor. No entanto, a extrema dureza das terras levou-o, como acima referi, a retirar alguns deles, envolvidos em sedimentos, para posterior análise. (anta N, Cd. 6 – Volume 2, Anexo 1, p.42)

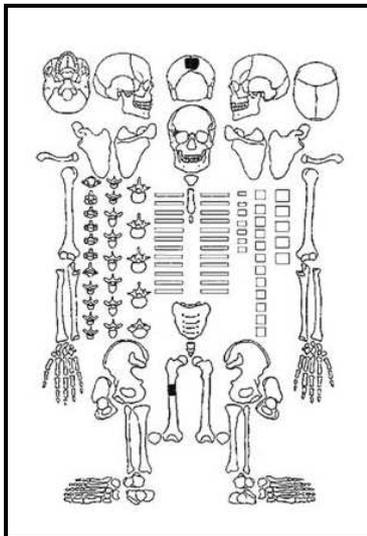


Figura 7.70. Ossos humanos adultos, com a designação de proveniência de Anta N (Duarte e Pinheiro, 2005).

Retirou ainda dois vasos com ossos e terra compactada, no interior e um bloco de terra com o negativo de um endocrânio, na zona occipital e parietal. Foi mantido intacto e informado o sector de Conservação e Restauro do Museu Nacional de Arqueologia da necessidade de um trabalho de consolidação. O negativo corresponde, certamente, ao crânio de um indivíduo adulto (Duarte e Pinheiro, 2005).

Dos poucos fragmentos ósseos passíveis de identificação, foi possível determinar a presença de um adulto com calote craniana de espessura considerável, representada pela porção de parietais direito e esquerdo com sutura sagital. Para além

destes fragmentos, só foi passível de identificação um fragmento de porção pétrea do temporal e um fragmento de fémur, de osso cortical bastante espesso (Duarte e Pinheiro, 2005).

Os restantes ossos encontram-se muito fragmentados, maioritariamente com fracturas recentes, certamente relacionadas com a dureza dos sedimentos.

PAÇO (B) – MNA 1023

Em relação à anta do Paço – B, Manuel Heleno não referiu, nos *Cadernos de Campo*, a recolha de ossos. No entanto, encontrava-se armazenado, no MNA, um pequeno contentor com oito dentes humanos e dois fragmentos ósseos de fauna.

Apesar dos escassos restos conservados, a análise dos dentes – tendo em conta os níveis de desgaste do esmalte, em conjunto com o grau de desenvolvimento das coroas e dos dentes – permitiu verificar a existência de:

- um jovem com menos de 12 anos;
 - uma criança com menos de 6 anos;
 - um jovem com pouco mais de 12 anos;
 - um indivíduo adulto de idade desconhecida.
-

1ª DE ALCAROU (JN) – MNA 1167

Da anta 1ª de Alcarou existe, depositado no MNA, um conjunto de ossos que permitiu obter alguns dados osteobiográficos. Na descrição deste monumento, Manuel Heleno refere a presença de ossos, no lado Norte da câmara (anta JN, Cd.36 – Volume 2, Anexo 1, p.233).

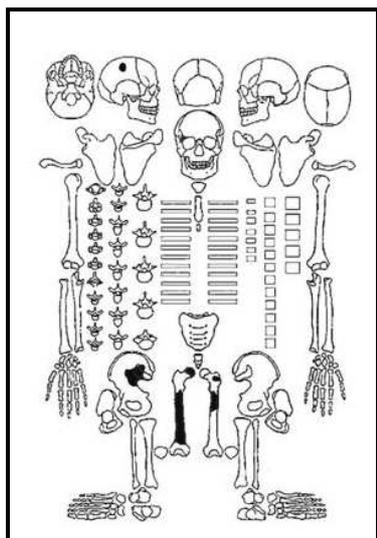


Figura 7.71. Ossos humanos adultos gráceis, com a designação de proveniência de Anta JN (Duarte e Pinheiro, 2005).

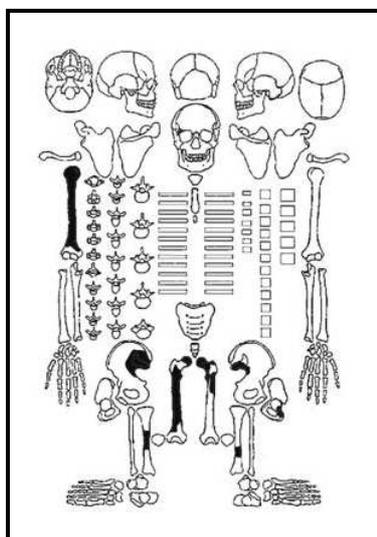


Figura 7.72. Ossos humanos adulto gráceis, com a designação de proveniência de Anta JN (Duarte e Pinheiro, 2005).

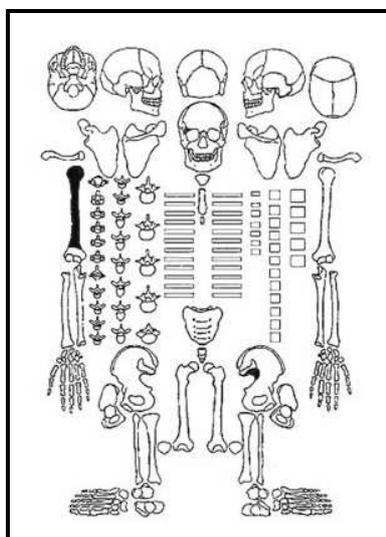


Figura 7.73. Ossos humanos adulto robustos, com a designação de proveniência de Anta JN (Duarte e Pinheiro, 2005).

Foi identificado um mínimo de dois indivíduos (Figuras 7.71 e 7.72), possivelmente três (Figura 7.73). Tendo em conta os restos ilíacos conservados, trata-se de dois indivíduos do sexo feminino. Um deles (do lado esquerdo, marcado com o número JN 13) possui um marcado sulco pré-auricular, normalmente associado a marcas de gravidez. O mesmo se passa com o osso ilíaco do lado direito assinalado com o número JN 10 (Duarte e Pinheiro, 2005).

Também um dos fêmures (do lado esquerdo) apresenta indícios de periostite e *fovea capitis* profunda; tem aspecto grácil e mede de diâmetro antero-posterior subtrocantérico, 21 mm. Existe um fragmento de diáfise de fémur direito compatível com este, também bastante grácil. (Duarte e Pinheiro, 2005).

A presença de um terceiro osso ilíaco, com uma cavidade acetabular de dimensões consideráveis, com um diâmetro de 51 mm, de um úmero direito com forte inserção do deltóide e diâmetro vertical da cabeça de 48 mm (Figura 7.70) pode representar a existência de um terceiro indivíduo, mais robusto, do sexo masculino (Figura 7.71). Nas inserções do *Teres major* e *Pectoralis major* possui deposição de osso secundário (Duarte e Pinheiro, 2005).

2ª DA LOBEIRA DE BAIXO (CI) – MNA 1049

A anta 2ª da Lobeira de Cima tinha contentorizado no MNA um conjunto de blocos de sedimentos, com alguns fragmentos de ossos longos incorporados, muito desidratados e escamados. Para além destes torrões, existia ainda um fragmento de calote craniana e dois dentes de adulto.

Em relação a este monumento, Manuel Heleno refere a existência de dois esqueletos na câmara, a cerca de um metro de profundidade. Anota ainda que um deles parecia segurar na mão direita um báculo e tinha a cabeça assente numa pedra (anta CI, Cd.19 – Volume 2, Anexo 1, p.129).

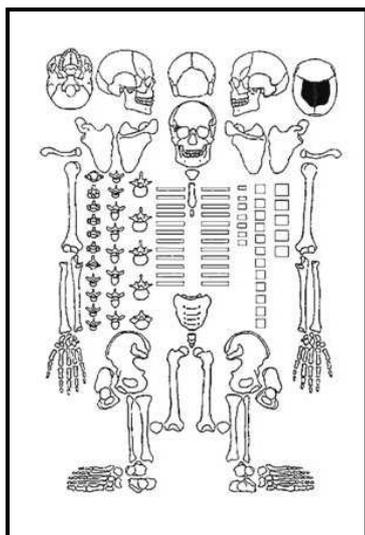


Figura 7.74. Ossos humanos adultos, com a designação de proveniência de Anta CI (Duarte e Pinheiro, 2005).

Apesar desta anotação detalhada da posição dos restos osteológicos, por parte de Manuel Heleno, o número de ossos depositados no MNA é muito reduzido.

Tendo em conta os escassos ossos avaliados, apenas se pode concluir que este monumento tinha no mínimo um enterramento de um adulto, de idade jovem (Figura 7.74). Os dentes recuperados são compatíveis com este diagnóstico, podendo pertencer a um mesmo indivíduo (Duarte e Pinheiro, 2005).

CABEÇO DA AREIA (AL) – MNA 1010

Da sepultura do Cabeço da Areia encontra-se depositado no MNA um conjunto de fragmentos de ossos cranianos e de ossos longos, para além de dois dentes (Figura 7.75). A matriz envolvente é arenosa e os dois parietais (direito e esquerdo) estão ligados por essa matriz (Duarte e Pinheiro, 2005).

Manuel Heleno refere a recolha de ossos do crânio e ossos longos e que o crânio se encontrava junto do esteio de cabeceira (anta AL, Cd.11 – Volume 2, Anexo 1, p.89)

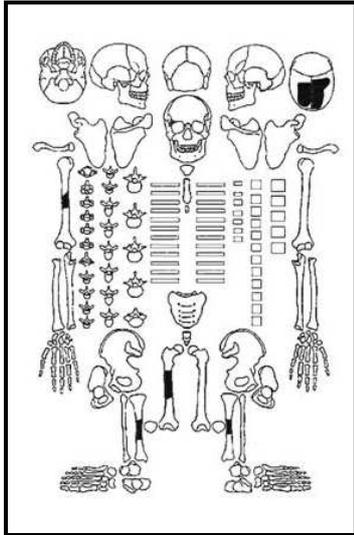


Figura 7.75. Ossos humanos adultos, com a designação de proveniência de Anta AL (Duarte e Pinheiro, 2005).

A análise osteológica dos fragmentos ósseos e dentes desta sepultura indiciam, no entanto, a presença de, no mínimo, dois indivíduos. A calote craniana e um dos dentes pertencem a um jovem, com crânio de paredes finas e suturas completamente abertas. O segundo molar inferior, contudo, pertence a um indivíduo adulto. Os ossos longos, pela sua relativa robustez, podem pertencer a um indivíduo adulto, mas é difícil o diagnóstico, dada a sua fragmentação (Duarte e Pinheiro, 2005)

Foi efectuada uma datação a partir de um osso longo, do indivíduo de características mais robustas (Beta 196091 - BP: 4650 \pm 40; Cal BC, 1 σ : 3510-3430; Cal BC, 2 σ : 3520-3350).

ESTANQUE (AR) – MNA 1016

A anta do Estanque tem depositado, no MNA, um conjunto de restos faunísticos para além de ossos humanos gráceis (Figura 7.76) e de 6 dentes humanos de dentição permanente. A matriz envolvente é arenosa (Duarte e Pinheiro, 2005).

Manuel Heleno refere apenas o aparecimento de “ossadas” no corredor (anta AR, Cd.13 – Volume 2, Anexo 1, p.98).

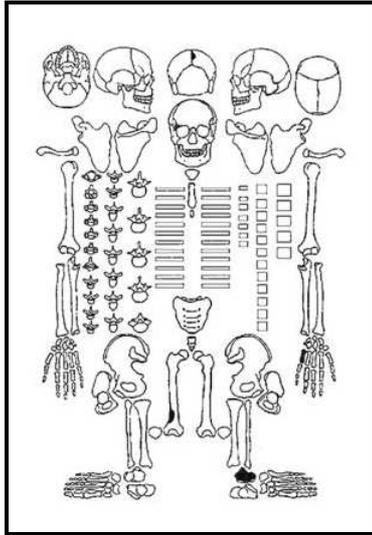


Figura 7.76. Ossos humanos adultos, com a designação de proveniência de Anta AR AL (Duarte e Pinheiro, 2005).

A análise antropológica aponta para a existência de, pelo menos, três indivíduos, tendo em conta os ossos presentes e os dentes.

Os ossos podem, teoricamente, pertencer todos a um mesmo indivíduo, adulto mas de aspecto grácil; porém, a análise dos dentes, aponta para a presença residual de 3 indivíduos distintos: uma criança muito jovem ($2 \text{ anos} \pm 8 \text{ meses}$), uma criança de cerca de 8 anos ($\pm 24 \text{ meses}$), um adulto de idade indeterminada mas não idoso, este provavelmente compatível com os restos de esqueleto analisados (Duarte e Pinheiro, 2005).

O Metacarpiano IV possui um comprimento máximo de 44.06 mm e um comprimento inter-articular de 43.7 mm (grácil). O astrágalo, igualmente pouco robusto, tem um comprimento máximo de 51 mm, com uma superfície articular inferior para o calcâneo, com 26 mm de largura médio-lateral.

Nos três dentes da dentição permanente, há a assinalar uma linha de hipoplasia do esmalte, muito levemente vincada, mas presente.

7.2.4. Discussão

7.2.4.1. As arquitecturas

A análise global das arquitecturas que integram o conjunto escavado ou apenas inventariado por Manuel Heleno, permite-nos detectar uma série de semelhanças e, sobretudo, de diferenças, em relação a outras áreas megalíticas regionais e extra-regionais, fundamentais para uma caracterização das especificidades da área em estudo.

A diferença mais significativa, em termos regionais – e aquela que tem tido mais ecos na bibliografia especializada – prende-se com a abundância relativa de sepulturas megalíticas, de pequenas dimensões; esta singularidade deriva, provavelmente, numa certa medida, do carácter sistemático do trabalho de Manuel Heleno e do impacte negativo da agricultura mecanizada que, posteriormente aos anos 30, mutilou irremediavelmente a generalidade dos conjuntos megalíticos alentejanos. No entanto, descontando o efeito cumulativo destes dois factores, parece-me legítimo concluir que as diferenças observadas são, mesmo assim, muito significativas.

Dentro do modelo explicativo concebido por Manuel Heleno, essa diferença resultaria fundamentalmente da proximidade geográfica em relação aos concheiros mesolíticos do Muge. A corroborar, aparentemente, este modelo, Heleno observou que, em média, as dimensões das antas cresciam de Oeste para Leste e de Norte para Sul, à medida que nos afastamos do estuário do Tejo; essa gradação parece, de facto, confirmar-se, quer se considere apenas o grupo Ocidental, quer a totalidade dos monumentos estudados por Manuel Heleno, ou ainda quando comparamos estes últimos com os de Reguengos de Monsaraz que balizam, a Sudeste, a mancha megalítica do Alentejo Central.

Esta leitura sugere, implicitamente, uma expansão territorial do fenómeno megalítico funerário, a partir de um foco original, localizado no Noroeste alentejano, e que, por sua vez, seria obra das últimas comunidades de caçadores-recolectores, provenientes de territórios adjacentes, em fase de neolitização. Sugere, igualmente, um processo expansivo suficientemente lento para que, ao atingir as áreas mais afastadas do referido foco, estivessem já em desuso as arquitecturas mais primitivas. Esta questão, estruturante na óptica em que me coloco, será mais detalhadamente discutida, no Capítulo 10.

Outro dos aspectos que se destacam, no conjunto estudado por Manuel Heleno, é a diversidade arquitectónica dos monumentos de maiores dimensões, em contraste com os cânones muito mais rígidos patentes noutras áreas. Nas áreas graníticas da bacia do Sever, por exemplo, para além de não existirem, de todo, as pequenas sepulturas megalíticas, todos os monumentos “apresentam invariavelmente sete esteios” (Oliveira, 1998b: 223); também em Reguengos de Monsaraz, num conjunto numericamente semelhante ao que aqui nos ocupa, são quase exclusivos os monumentos com sete

esteios na câmara, estando ausentes as antas sem corredor e as formas mais anómalas que acima comentei.

Note-se, a propósito das antas sem corredor que, apesar de Manuel Heleno ter atestado esse facto, ele não deixa de ser pouco comum, sendo muito provável que, pelo menos em alguns exemplares, se trate de uma deficiência de registo; na bacia do Sever, Jorge Oliveira concluiu que, apesar das aparências, não haveria verdadeiramente antas sem corredor (Oliveira, 1998b).

Se quisermos aplicar aqui o modelo de Manuel Heleno, e os monumentos que ele escavou forem, em termos globais, efectivamente mais antigos, a diversidade observada poderia traduzir uma fase de experimentação, no domínio das arquitecturas, prévia à fixação e padronização das técnicas construtivas que se viriam, seguidamente, a generalizar.

Quanto aos monumentos em xisto, de que foi apenas escavado um número relativamente reduzido, Manuel Heleno não lhes deu, pelo menos de forma explícita, qualquer tratamento diferenciado. Porém, os dados oriundos de outras áreas, com destaque para a bacia do Sever e para as áreas adjacentes, no lado espanhol, sugerem a possibilidade de uma certa *décalage* cronológica entre as pequenas sepulturas em xisto e as que conhecemos nas áreas graníticas. Note-se que a sepultura da Talha 1, por exemplo, apesar da planta simples, apresenta dimensões e, sobretudo, espólio, mais compatível com uma contemporaneidade com os monumentos mais complexos, como adiante veremos.

Ainda no domínio das arquitecturas, merece certamente reflexão o facto de terem sido registadas ocorrências de pintura e um ou outro caso com gravuras. Este aspecto, absolutamente omissos em todos os outros conjuntos regionais, mesmo naqueles que foram objecto de estudos mais recentes e aturados (Rocha, 2004), remete, à primeira vista, para contextos mais setentrionais, apesar das surpresas que, na última década, têm obrigado a repensar esta questão (Bueno Ramirez e Balbín-Behrmann, 2000); em todo o caso, como veremos, existem outros elementos, na cultura material (placas de grés e, sobretudo, pontas de seta) que sugerem um certo gradiente Norte-Sul.

É também nessa linha de raciocínio que podemos, eventualmente, integrar o carácter excepcional da monumentalização dos monumentos de Reguengos, de que OP-2 constitui o exemplar mais paradigmático; de facto, Manuel Heleno descreve uma ou outra situação que, com as devidas diferenças, se podem comparar a Reguengos: vejam-se, sobretudo, as sepulturas instaladas nas mamoas das antas A e B do Paço. As devidas

diferenças, fundamentais aliás, dizem respeito aos próprios *tholoi*, absolutamente ausentes, em articulação com as antas, na área de estudo de Manuel Heleno e apenas hipotéticos como monumentos isolados. Por outro lado, como sabemos, os *tholoi* não têm qualquer expressão a Norte desta área.

Para o caso, absolutamente excepcional, da anta 3 das Antas, com uma estrutura negativa, contendo materiais, não se conhecem actualmente quaisquer paralelos directos; pode, eventualmente, tratar-se do fosso de um povoado anterior ao monumento, análogo a uma série de outros, com cronologias do Neolítico final e Calcolítico, que têm vindo a ser descobertos, no Alentejo Central, nos últimos anos (Calado, 2002; 2004; Lago *et al.*, 1998). A sobreposição de um habitat por uma estrutura megalítica, tem sido, nos últimos anos, repetidamente observada (Bueno Ramirez *et al.*, 1998; Antunes *et al.*, 2003; Senna-Martinez e Ventura, 2000) levantando questões decisivas para o enquadramento arqueológico do fenómeno megalítico.

A questão das orientações anómalas, isto é, as que divergem da norma que, nas restantes áreas do Alentejo Central, quase não encontra excepções – com a entrada exposta genericamente a Nascente – exige, por enquanto, algumas precauções, uma vez que a maioria dos casos que foram registados, não permitiram confirmação inequívoca.

Seja como for, e admitindo que, na maioria dos casos, Manuel Heleno não se equivocou, as orientações aberrantes parecem constituir, a par da referida variabilidade arquitectónica, um elemento diferenciador, em relação aos restantes grupos regionais.

Mais uma vez, podemos estar em presença de uma relativa diacronia, em que a maior antiguidade deste conjunto, implicaria uma fase anterior à estabilização de normas rituais, entretanto disseminadas. Como em muitos outros aspectos, porém, o inverso também pode ser verdadeiro: os monumentos discordantes podem corresponder, por hipótese a uma “degeneração”, ou a uma desvalorização dos preceitos rituais, de que os *tholoi* anexos às antas podem servir como exemplos.

7.2.6.2. Os artefactos

A avaliação cronológica e cultural dos artefactos inventariados por Manuel Heleno, nos seus *Cadernos de Campo*, e sobretudo o cruzamento destes dados com os diversos tipos arquitectónicos, permitem igualmente identificar algumas tendências regionais sugestivas.

É particularmente sugestiva a comparação entre as presenças/ausências de alguns artefactos, nas sepulturas de xisto e de granito, conforme se viu com as pontas de

seta ou as placas de xisto. Para além disso, a própria quantidade relativa de artefactos, no conjunto de Estremoz e no do Deserto parece confirmar uma diferenciação genérica entre xistos e granitos (Fig. 7.77).

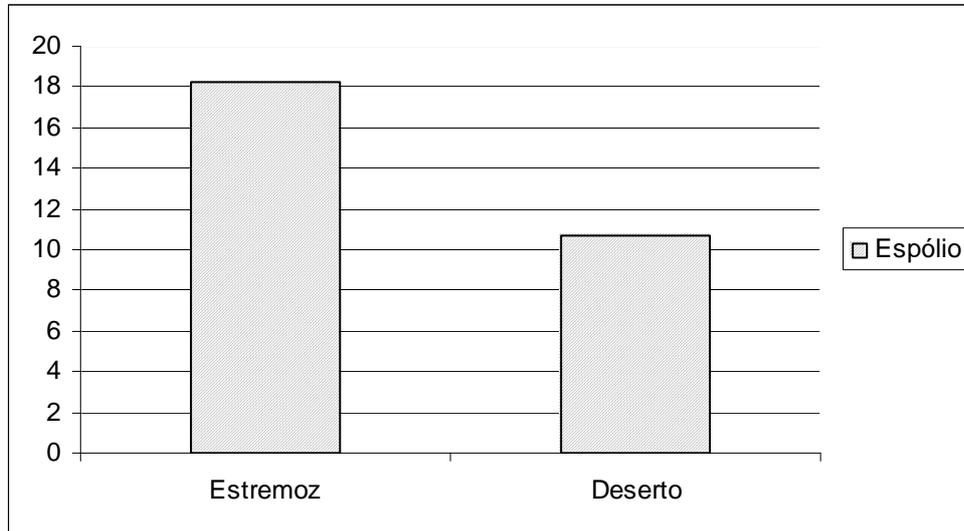


Fig. 7.77. Número médio de artefactos, por sepultura, na área de Estremoz e no grupo do Deserto.

Quanto à cerâmica, já sublinhei o facto de as descrições de Manuel Heleno serem difíceis de interpretar, inviabilizando, por isso, a possibilidade de uma classificação tipológica operativa. O resultado mais interessante diz, efectivamente, respeito à ausência ou escassez desta categoria de artefactos, verificada, de forma consistente, nos monumentos mais simples: tal facto, não deve, porém, ser lido de forma simplista, uma vez que tanto pode corresponder a uma opção ritual dos construtores e utentes, como resultar da transladação dos restos mortais e das oferendas funerárias, para outros monumentos, hipótese que, como veremos, permitiria explicar outros aspectos ainda mal compreendidos.

Dentre esses, destaca-se a presença de micrólitos, habituais nas sepulturas megalíticas e quase sempre minoritários, nas antas de corredor, onde ocorrem em associação aparente com artefactos que, por sua vez, raríssimas vezes estão presentes em monumentos “primitivos”. A explicação tradicional (Leisner, 1951: 57, 58; Gonçalves, 1992: 226-227; Jorge, 1985; Cruz, 1992: 74-75) tem privilegiado a ideia, certamente defensável, de um arcaísmo persistente, específico do universo ritual, uma vez que esses artefactos costumam estar ausentes dos conjuntos exumados de contextos habitacionais, a partir do Neolítico final.

No entanto, a transladação, para além de explicar os enterramentos secundários deduzidos a partir das ossadas incompletas e sem conexão anatómica, poderia, em princípio, resolver também esse suposto atavismo.

As pontas de seta que, como vimos, estão completamente ausentes das pequenas sepulturas graníticas, ultrapassam, geralmente com uma grande diferença, nos monumentos evoluídos, os micrólitos geométricos.

A coexistência, nos mesmos monumentos, de pontas de bases côncavas e bases convexas, parece implicar, para além de eventuais diferenças cronológicas, a sobreposição de duas áreas culturais distintas: como sabemos, as bases convexas estão ausentes em Reguengos de Monsaraz (Leisner e Leisner, 1951: 60) e, de uma forma geral, em latitudes mais meridionais; pelo contrário, no Nordeste alentejano, com uma amostra relativamente sólida (767 exemplares), verificou-se que apenas 10% apresentam base côncava (Oliveira, 1998b: 523-524) e, na Beira Baixa, a anta 2 do Couto da Espanhola (Cardoso *et al.*, 1997: 212, 213). ofereceu igualmente, em associação, aqueles dois tipos gerais. Na verdade, como sabemos, as bases côncavas são raras, ou totalmente ausentes, à medida que caminhamos para Norte (Cruz, 1992: 76), correspondendo a sua área de distribuição, grosso modo, com a dos *tholoi*, no ocidente peninsular.

Esta diferenciação regional não parece, no entanto, encontrar eco no que respeita aos micrólitos geométricos, tipologicamente muito semelhantes de Monchique até à Galiza.

Quanto aos artefactos de pedra polida que, como se viu, eram uma das apostas mais fortes de Manuel Heleno, numa fase inicial dos seus trabalhos, a análise efectuada confirma as conclusões preliminares avançadas por ele. Sendo claro que, pelo menos em termos gerais, os machados picotados ou integralmente polidos, de secção transversa arredondada, precederam os machados talhados, de secção transversal poligonal, a verdade é que, nos monumentos funerários em apreço, eles praticamente coexistem, em todos os tipos de monumentos; neste caso, se a presença de machados tipologicamente arcaicos, em monumentos tardios, se pode explicar com base nas eventuais transladações, é muito menos provável que o contrário se explique com base nas reutilizações, uma vez que, caso fosse assim, seria de esperar encontrar associados outros materiais comprovadamente tardios, como são, por exemplo, as pontas de seta ou as placas de xisto.

Como se viu, as placas de xisto ocorrem quase exclusivamente, como, aliás, tem sido observado em toda a respectiva área de dispersão, em monumentos de corredor. A única exceção, neste conjunto, é um monumento de xisto, Talha 1, em Estremoz; trata-se de uma sepultura aberta, sem corredor, mas de dimensões um pouco acima das da maioria das sepulturas de granito.

Como já referi, foi, recentemente identificado um verdadeiro centro produtor de placas de xisto, num povoado com fossos atribuído, pelo escavador, à segunda metade do IV milénio a.C. (Calado, 2004c); a proximidade deste local, em relação aos dois núcleos principais de gravuras rupestres do Alqueva (Calado, 2004a), sugere, segundo Manuel Calado, uma certa relação entre gravuras e placas de xisto, a que a própria matéria-prima não seria estranha (Calado, 2004b).

Na verdade, a existência de centro (ou um centro produtor) tinha já sido admitida, com base na existência de placas, com decorações praticamente idênticas, em áreas muito afastadas; a própria cartografia dessas coincidências, assim como a densidade relativa das ocorrências, sugeriam já uma origem do fenómeno, algures no Alentejo Central.

7.2.6.3. Os restos osteológicos

Os restos humanos recuperados por Manuel Heleno, apesar de serem, em termos absolutos, muito escassos, permitiram-nos obter alguns dados significativos sobre os tipos de deposições, a distribuição etária e sexual dos indivíduos representados e detectar, ainda, algumas lesões patológicas.

NOME	Cód.	C	M	IND.
PAÇO – A	A	X		
SUL VALE GATO	N	X	X	X
N VALE GATO	O	X		X
W ESTRADA MONTEMOR	Z	X	X	X
PAÇO – B	B	X		X
G COMENDA IGREJA	J			X
CABEÇO AREIA	AL	X	X	X
BARRANCO FRAGA	AM			X
VALE FREIXO	AP			X
ESTANQUE	AR			X
1ª ALDEIA BERTIANDOS	BO			X
PENEDO BISPO	BH			X
ALDEINHA	CD			X
2ª LOBEIRA BAIXO	CI	X	X	X
4ª ZAMBUJEIRO	CG	X		X

2ª LOBEIRA CIMA	CX			X
1ª GARCIA	DM			X
1ª NABOS	DZ	X		X
7ª BARROCAL FREIRAS	EM	X		
3º BARROCAL FREIRAS	EI			
4º SANTA CRUZ	GJ			X
4º CABECEIRA	GN	X	X	
1º ALCAROU	JN	X	X	X
COURELA MOINHO	JK	X		X
CHAMINÉ	LO	X		
N.S.ª C. OLIVAIS		X	X	

Quadro 7.38. Monumentos com restos osteológicos

Os *Cadernos* registam, em muitos casos, a presença de crânios e esqueletos, embora, em muitos outros não discriminem de todo o tipo de ossos recolhidos; no entanto, em relação à sua posição dentro dos monumentos, Manuel Heleno é, com frequência, bastante preciso. Esta informação foi sistematizada no Quadro seguinte.

NOME	TIPO	OBSERVAÇÕES
Sul Vale Gato	C	Câmara: lado esquerdo, para quem está voltado para a “pedra mestra,” estavam esqueletos na argila endurecida. Apareceram na câmara dois crânios e restos talvez de outros.
W Estrada Montemor	C	Apareceram em frente aos esteios ossos em camada: Esteio A) ossos dum esqueleto. Havia crânio e pela posição deste e dos outros ossos tive a impressão que o morto fora deitado de costas.
Cabeço Areia	A	Ritos funerários: Inumação. Ainda apareceram fragmentos do crânio e dos membros. O morto tinha a cabeça para o poente junto à pedra mestra.
1ª Aldeia Bertandos	C	As ossadas dispunham-se do lado Norte da anta; a cabeça virada para Este.
2ª Lobeira Baixo	C	2 esqueletos à profundidade de 1m, com as cabeças voltadas para SW e talvez no começo para W, tendo um deles sobre o peito um objecto de forma de báculo, com decoração, que parecia agarrar com a mão direita. O crânio estava encostado à parte média do esteio B, a um metro de profundidade. Parece que o esqueleto estaria deitado de costas, a cabeça sobre uma pedra larga.
1ª Nabos	C	A 1,10 m, ossos desfeitos; 1 fragmento de mandíbula com um dente. Mais 1 dente.
1º Alcarou	C	Ossadas. O esqueleto estava com a cabeça voltada para nascente na câmara, do lado Norte.
Courela Moinho	C	Ossos: o crânio parece que estava para poente.
Chaminé	C	Ossadas: parte dum crânio. Estava junto da pedra mestra, entre esta e o que segue para a direita

N. S. Conceição Olivais	C	Corredor: Ossos dos membros inferiores dum esqueleto. Este parece orientar-se com a cabeça para poente, isto é, voltada para a câmara e correndo paralela às pedras do corredor. Este estava à profundidade de 0,30. As ossadas estavam cobertas por pequenas lajes que ajustavam mesmo em cima deles. Eram constituídos por fémures e por outros ossos das pernas (fémures ou tíbias?). Câmara: - dentes
----------------------------	---	--

Quadro 7.39. Monumentos com restos osteológicos e as observações de Manuel Heleno. C: anta; A: sepultura.

Considerando apenas este conjunto de monumentos, podemos verificar que os ossos se encontram sobretudo na câmara e, dentro desta, maioritariamente do lado Norte e junto ao esteio de cabeceira.

Na anta Oeste da Estrada de Montemor, Manuel Heleno refere que, junto ao primeiro esteio da câmara, do lado esquerdo, se encontrava parte de um esqueleto que, pela sua posição, lhe parecia ter sido deitado de costas (anta Z – Cd.9).

Existem ainda dois casos em Manuel Heleno refere a existência de apenas ossos dos membros. Na 3ª do Barrocal das Freiras anota a presença de “restos dos membros” (anta EI – Cd.26) e na anta de N. S. da Conceição dos Olivais, a descrição é mais completa, referindo que os ossos “dos membros inferiores dum esqueleto (...) eram constituídos por fémures e por outros ossos das pernas (fémures ou tíbias?).” (N. S. C. Olivais – Cd.2).

Em relação às associações dos ossos ao espólio, mesmo tendo em conta que a decomposição do corpo (nos casos de deposições primárias) implica deslocamentos quer dos próprios ossos quer dos materiais - para além de diversos outros tipos de eventuais perturbações – destacam-se, em função das observações de Manuel Heleno, três monumentos: a sepultura do Cabeço da Areia, a anta 1ª da Aldeia de Bertandos e a anta 2ª da Lobeira de Baixo.

Na primeira, Manuel Heleno refere que, junto aos ossos, se encontravam duas lâminas pouco espessas e de secção sub-rectangular (anta AL – Cd.11). Na anta 1ª da Aldeia de Bertandos encontravam-se junto aos ossos contas de colar e pontas de seta, o que indicia a existência de um colar e, eventualmente, de pelo menos um carcás de arqueiro (anta BO – Cd.16). Na anta 2ª da Lobeira de Baixo, um dos esqueletos teria, sobre o peito, um báculo, que parecia segurar com a mão direita, enquanto a cabeça repousava sobre uma pedra (anta CI – Cd.19).

A identificação de *deposições primárias* é, neste caso concreto, relativamente difícil, uma vez que exige uma metodologia de escavação adequada e, de preferência, a participação de especialistas de antropologia física.

As dificuldades são, naturalmente, agravadas por diversos tipos de perturbações pós-deposicionais, de origem natural, nomeadamente a acidez dos solos e as acções mecânicas dos animais escavadores ou das raízes, e de origem antrópica, em particular as que resultaram dos eventuais enterramentos mais recentes (reutilizações ou utilizações continuadas) e das violações.

Infelizmente, para além dos obstáculos acima elencados, as escavações de Manuel Heleno estiveram, como vimos (capítulo 5), longe de corresponder aos padrões mínimos, pelo que uma grande parte da informação, neste domínio, se perdeu irremediavelmente. Contudo, existem ainda dois casos em que se pode equacionar a possibilidade de deposições primárias:

1. o enterramento do corredor da anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, associado a materiais campaniformes, que apresentava ainda dois blocos em conexão anatómica;
2. a anta 2 da Lobeira de Cima que, segundo a observação de Manuel Heleno, continha os restos de um indivíduo que parecia segurar um báculo sobre o peito.



Fig.7.78-Enterramento campaniforme, no corredor da anta da Nossa Senhora da Conceição (Foto de Manuel Heleno).

No que diz respeito às *deposições secundárias*, os dados disponíveis, embora nem sempre de forma unívoca, são um pouco mais expressivos.

Na verdade, este tipo de deposições, em que, de uma forma ou de outra, o cadáver seria descarnado fora do monumento, pode, teoricamente, corresponder a situações muito distintas:

1. inumação numa sepultura provisória e posterior transladação para o monumento;
2. inumação num monumento mais antigo e posterior transladação para um novo monumento;
3. exposição do cadáver e deposição dos restos no monumento;
4. incineração no exterior e deposição dos restos no monumento;
5. incineração *in situ*.

Os três primeiros casos são, em princípio, arqueologicamente indistinguíveis. Em todos eles, é suposto faltarem partes do esqueleto, estando sub-representados os ossos das extremidades e sobre-representados os ossos longos e os crânios. No entanto, os problemas derivados da conservação diferencial dos restos osteológicos, nos solos ácidos, não permitem, neste domínio, interpretações definitivas.

No caso da sepultura 6 da Aldeia de Bertandos, o esqueleto maioritário poderia, teoricamente corresponder a uma deposição secundária, uma vez que apenas foram recolhidos ossos do crânio e ossos longos; no entanto, a cronologia histórica que a datação mais recente (período romano) implica parece afastar essa hipótese, uma vez que tal prática não parece estar documentada, nessa época. Neste caso, será mais razoável assumir uma inumação primária perturbada.

No caso da anta da Aldeinha, os restos de dois indivíduos, sem vestígios de cremação, resumem-se igualmente a fragmentos de ossos longos e do crânio, não existindo aqui, pelo menos que se saiba, as reticências atrás apontadas, o mesmo acontecendo com os enterramentos da sepultura 4 do Zambujeiro.

Em contrapartida, a anta 1 do Deserto ofereceu apenas um osso navicular o que, pelos motivos opostos aos acima referidos, indicia, eventualmente, uma transladação das restantes partes esqueléticas para outro local.

Quanto às cremações fora dos monumentos – provavelmente realizadas na área imediata – destacam-se os casos da anta de Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, da anta da Aldeinha e sepultura do Barranco da Fraga. As marcas de torção, bem patentes nas ossadas (em particular, no primeiro caso), demonstram que a combustão dos cadáveres foi realizada ainda com a presença de tecidos moles e, por outro lado, que

esta operação deve ter sido realizada no exterior, devido às altas temperaturas que foi necessário atingir.

No que diz respeito ao carácter individual ou colectivo dos enterramentos, os indícios disponíveis devem igualmente ser relativizados; nos casos em que foram identificados restos de um único esqueleto, podemos, efectivamente, estar em presença das tumulações mais recentes, após a dissolução dos ossos de outras mais antigas, uma vez que este fenómeno tende a reduzir acidez dos solos. Nos casos em que se contabilizaram vários esqueletos, pode, em contrapartida, tratar-se de reutilizações que, naturalmente, não alterariam o carácter individual do primeiro uso do monumento.

Seja como for, em relação ao número mínimo de indivíduos representados, podemos considerar que existia pelo menos um indivíduo em 10 monumentos (considerando aqui também os casos em que apenas existia um ou dois ossos), dois em quatro monumentos, três em quatro monumentos e quatro num monumento.

As análises efectuadas permitem, por outro lado, admitir – sempre com as reservas acima expostas – que, por estarem presentes indivíduos dos dois sexos e de diferentes grupos etários, incluindo crianças, se trataria, em princípio, de uma população natural (Fig.79), contrariando, aliás, algumas ideias correntes sobre o assunto (Jorge, 1989, 1990).

Note-se que, em termos muito gerais, a determinação do sexo se pode basear nas características gráceis ou robustas através dos restos osteológicos. No entanto, tendo em conta que essas características não são lineares – existindo sempre uma certa variabilidade individual – apenas foram considerados, neste trabalho, os casos em que, graças a indicadores mais seguros, os restos ósseos não ofereciam dúvidas; por essa razão, apenas foi possível confirmar, de forma inequívoca, seis casos (Figura 7.80)

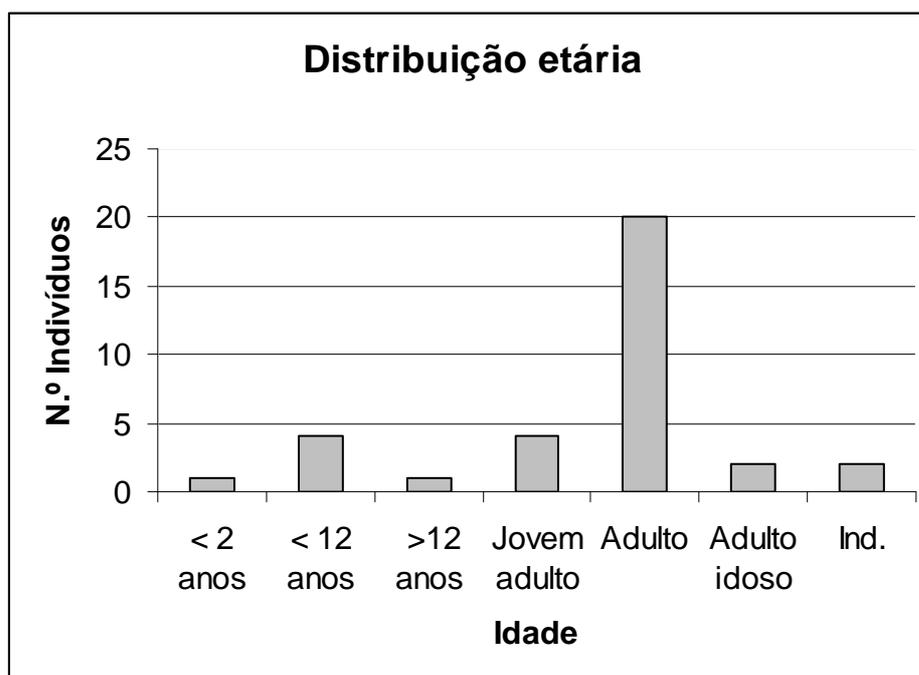


Figura 7.79. Distribuição etária dos indivíduos.

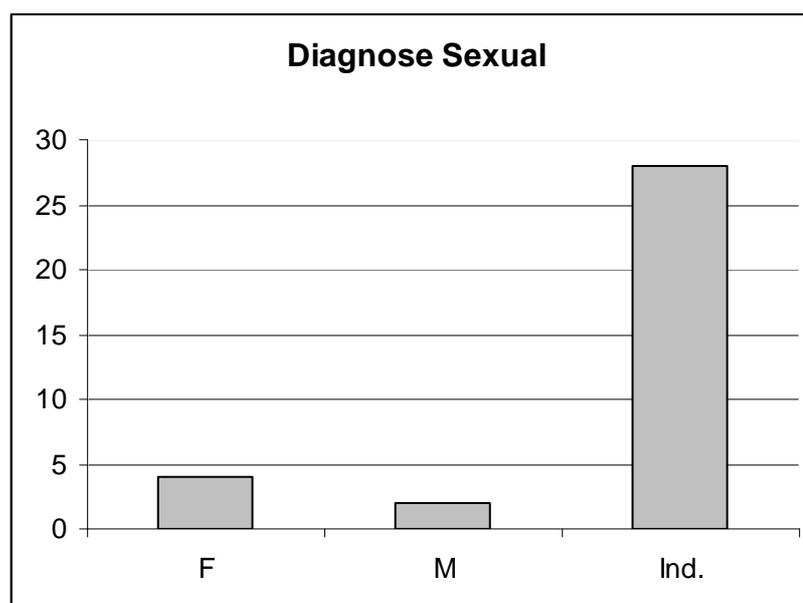


Figura 7.80. Diagnose sexual dos indivíduos.

As alterações tafonómicas mais visíveis eram as marcas de roedores, em alguns ossos, e a desidratação e erosão, noutros.

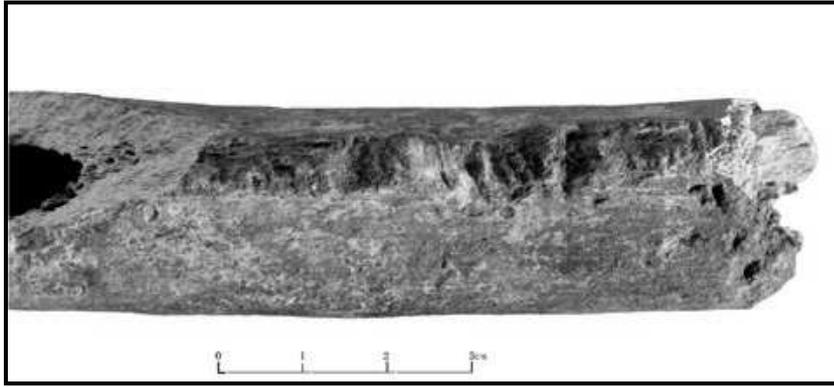


Figura 7.81. Marcas de roedores. Anta 3ª do Barrocal das freiras. Foto de José Paulo Ruas

Em relação às patologias, apenas na anta 1 de Alcarou foi possível detectar algumas, de ordem mecânica, num fémur esquerdo que tinha indícios de periostite e *fovea capitis* profunda e num úmero direito que, nas inserções do *Teres major* e *Pectoralis major*, tinha deposição de osso secundário. Em relação a estas patologias, apenas podemos afirmar que revelam um esforço continuado da perna esquerda e do braço direito (Duarte e Pinheiro, 2005).

Quanto aos dentes, não deixa de ser estranho que, apesar de serem as partes dos esqueletos mais resistentes aos diversos tipos de alterações pós-deposicionais, se encontrem fracamente representados (apenas 39 exemplares) no universo em análise.

Na anta do Estanque, a presença de um dente com uma linha de hipoplasia do esmalte, embora apenas levemente marcada, indica uma ruptura nutricional que levou a uma interrupção mínima de crescimento, numa idade compreendida entre os 2 e os 4 anos de idade (aproximadamente), podendo corresponder, nesta idade, a um desequilíbrio por desmame. (Duarte e Pinheiro, 2005).

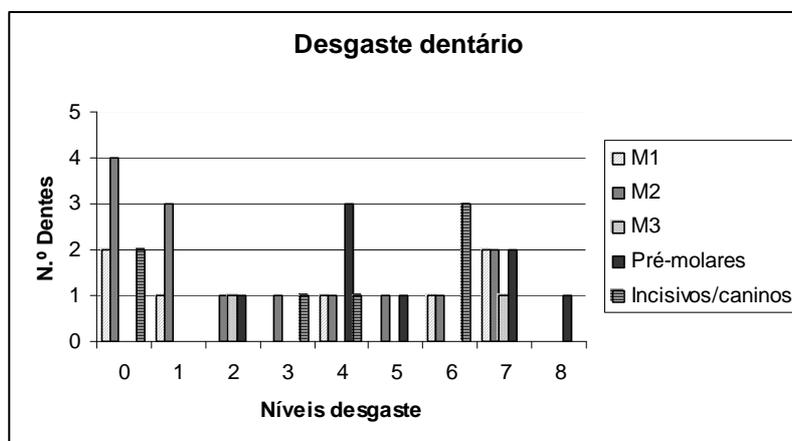


Figura 7.82. Desgaste dentário (de acordo com tabela de Smith, 1987).

A análise do desgaste dentário foi, por outro lado, pouco significativa, devido à escassez de dados e também à presença de enterramentos mais tardios, os quais, em geral, implicam níveis de desgaste mais elevados. O enterramento da sepultura 6 de Aldeia de Bertandos (BT), apresenta uma dentição com características patológicas (muitas cáries severas e interproximais) pouco frequentes nas populações Neolítico final e Calcolítico; na verdade, a datação obtida permitiu confirmar que se tratava de um enterramento de época romana.

O uso aparente do ocre e/ou do fogo nos rituais funerários, aparece atestado em alguns dos monumentos.

Quanto ao ocre, a sua presença é referida apenas na sepultura de Vale de Covas, em que Manuel Heleno refere que “apareceu (...) a 0,80 de profundidade. Estava espalhado numa mancha avermelhada” (anta CP – Cd.20).

Na do Curral da Antinha, por outro lado, Manuel Heleno observou, directamente sobre o fundo do monumento, uma camada vermelha, embora não especifique se, efectivamente, se tratava de ocre).

A presença de materiais com cinzas e/ou carvões e ocre na base de alguns monumentos, foi registada por M. Heleno em alguns monumentos.

Para além dos ossos em que, como referi, se verificaram nítidos sinais da acção do fogo, Manuel Heleno anota ainda a presença de cinzas e/ou carvões em alguns monumentos. De realçar que este tipo de registo parece ter sido muito mais cuidadoso nos primeiros anos, até 1933; depois desta data, Manuel Heleno não torna a referir a presença deste tipo de vestígios.

Monument o	Câmara	Espólio Associado	Corredor	Espólio Associado
Paço – A	Cinzas	Dentro de vaso	Cinzas + carvões	
Paço – B	Carvões			2 Placas xisto + vaso; 4 Placas xisto + 230 contas colar
Curral da Antinha	Cinzas	Placa xisto		
Sul V. Gato	Cinzas	2 Vasos + crânio	Cinzas	2 Lâminas cruzadas+ placa xisto
Chapelar	Cinzas	Dentro de vaso		
Curral Mosca	Cinzas			
Penedo do Bispo	Cinzas			

1 ^a Aldeia Bertiandos			Cinzas	Machados
-------------------------------------	--	--	--------	----------

Quadro 7.40. Monumentos com cinzas e carvões

Se a simples presença de cinzas ou carvões pode traduzir a existência de fogos de carácter higiénico, ou mesmo relacionar-se apenas com a limpeza prévia do terreno, antes da construção dos monumentos, ou ainda remeter para episódios anteriores (como algumas datações, noutras áreas, parecem sugerir), a sua associação com os espólios deve traduzir outro tipo de situações. Dentro do conjunto apresentado no Quadro anterior salientam-se três casos: a presença de cinzas dentro de vasos (anta do Paço – A e anta do Chapelar), a associação de carvões e cinzas com as oferendas funerárias, nas antas do Paço – B, Sul de Vale de Gato e na 1^a de Bertiandos.

Em relação à primeira, M. Heleno refere claramente que as duas placas de xisto e o vaso se encontravam na base do monumento, associados a carvões. Na anta Sul de Vale de Gato, as cinzas que apareceram à entrada do corredor estavam associadas a duas lâminas cruzadas e uma placa de xisto, enquanto as da câmara se encontravam junto a dois vasos e um crânio, muito destruído. Na anta 1^a da Aldeia de Bertiandos, as cinzas do corredor estavam associadas a machados.